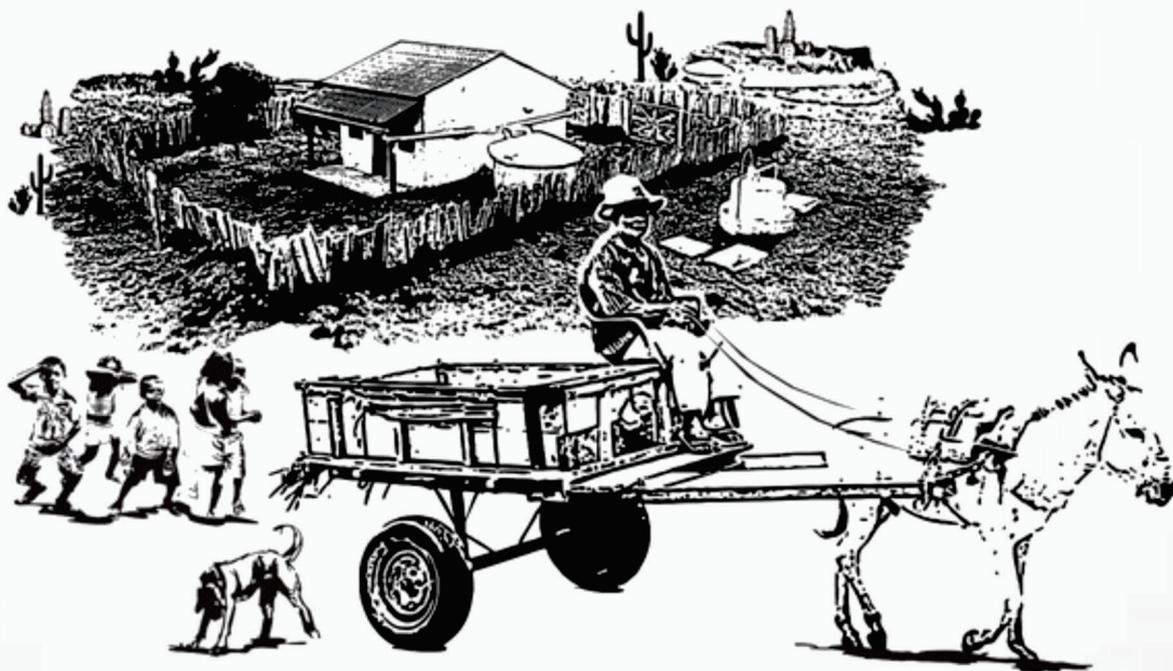


AS DINÂMICAS COMUNITÁRIAS



UM OLHAR PARA AS COMUNIDADES DESDE O QUE
AS PESSOAS FAZEM NA SUA VIDA COTIDIANA

Governo do Brasil

Presidência da República em exercício

Michel Miguel Elias Temer Lulia

Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações

Gilberto Kassab

Instituto Nacional do Semiárido

Diretor

Salomão de Sousa Medeiros

Projeto Gráfico e Capa

Wedsley Melo

Fotografias

Luis Felipe Ulloa Forero

Autores

Luis Felipe Ulloa Forero

Catarina de Oliveira Buriti

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL - UEPB

- F714d** Forero, Luis Felipe Ulloa.
As dinâmicas comunitárias: um olhar para as comunidades desde o que as pessoas fazem na sua vida cotidiana./Luis Felipe Ulloa Forero, Catarina de Oliveira Buriti (autores). - Campina Grande: INSA: Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações e Comunicações Instituto Nacional do Semiárido Núcleo de Desertificação, 2017.
113 p.: il: color.
ISBN 978-85-64265-35-6
1. Pessoas-paisagens-natureza. 2. Exclusão social. 3. Dinâmicas comunitárias. 4. Pessoas e comunidade. 5. Assentamentos urbanos. 6. Favelas. 7. Forero, Luis Felipe Ulloa. 8. Buriti, Catarina de Oliveira. I. Título.

**Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações e Comunicações
Instituto Nacional do Semiárido
Núcleo de Desertificação**

AS DINÂMICAS COMUNITÁRIAS

**UM OLHAR PARA AS COMUNIDADES DESDE O QUE
AS PESSOAS FAZEM NA SUA VIDA COTIDIANA**

**Campina Grande (PB) - Brasil
2017**

APRESENTAÇÃO

A presente publicação compartilha com o leitor uma categorização e um conjunto de conceitos que podem subsidiar, metodologicamente, a compreensão holística de comunidades de referência territorial.

Os autores propõem um olhar analítico de doze dinâmicas comunitárias, nas quais podem agrupar-se às distintas práticas que desenvolve a comunidade na sua vida cotidiana. Desta forma, a delimitação das dinâmicas é uma maneira de estruturar a movimentação comunitária diária, ou seja, o que as pessoas que a compõem costumam fazer.

Cada dinâmica comunitária pode ser percebida como um corredor que está vinculado, integrado, com mais ou menos destaque, a outros corredores (às outras onze dinâmicas comunitárias). Quando você decide explorar com atenção um destes corredores, vai encontrar, com maior ou menor dificuldade, conexões com os outros.

O leitor vai encontrar nesta publicação as descrições das dinâmicas comunitárias e dos conceitos e elementos a elas associados. Também várias dicas sobre como fazer a exploração das dinâmicas.

Assunções. Fazemos isso desde o reconhecimento da complexidade das diferentes situações da vida, assumindo o poder de criar nossas novas categorias; e aceitando o desafio de mudar a linguagem como condição necessária, mas não suficiente, para mudar a vida, e sempre tentando conseguir uma vida boa para todos.

Tripla harmonia. Quando falamos de “uma vida boa” estamos destacando a necessidade de buscar permanentemente, em todas as nossas ações, a tripla harmonia: harmonia de cada pessoa ou grupo de pessoas com os outros, harmonia das pessoas com a natureza, e harmonia de cada pessoa consigo mesma. Você vai ver que estamos nos integrando na construção do bem viver, proposto desde as culturas ancestrais, em nosso continente: Abya Yala (e que foi nomeado de América, pelos colonizadores do Norte).

É uma proposta para pesquisadores. As pessoas que podem mudar de maneira mais permanente as situações são os próprios afetados. Isso acontece quando entendem e concordam com a intenção de mudanças. Mas para definir o que precisam entender, devem ter a possibilidade de gerar perguntas, discuti-las, combinar consensos e expressar as questões consensuais no âmbito do seu território. Quando os atores sociais encontram respostas para as suas próprias perguntas, as propostas derivadas vão ser aceitas e assumidas mais facilmente.

É daí que a trilha está pensada para ser aplicada pelos membros da comunidade (como pesquisadores de sua própria realidade), os ativistas dos movimentos sociais (como pesquisadores da vida, visando sua transformação) e/ou os pesquisadores de corte acadêmico (como pesquisadores com suas próprias motivações). Diante desta variedade, nossa intenção é articular falas, diálogos e esforços destes atores sociais, tendo como finalidade a compreensão do seu cotidiano, a possível mobilização e mudança social.

Os pesquisadores de sua própria realidade chegarão dentre os diversos “protagonistas” dos diferentes setores, com interesses em jogo, para iniciar a exploração na dinâmica escolhida. Os termos “protagonista”, “setor social”, “comunidade”, são discutidos na publicação, junto com a expressão “dinâmica comunitária”.

Você também tem a possibilidade de explorar situações comunitárias desde a perspectiva de um pesquisador externo, gerando suas perguntas, utilizando mecanismos para extrair os dados que precisa, talvez aplicando um questionário e sempre concordando com a sequência de um procedimento padrão. Vai, então, produzir os resultados e gerar interpretações, publicar seu artigo, preparar uma palestra, adicionar a publicação para o seu currículo e, uma vez feito isso, proceder para a realização de outra pesquisa. Ressaltamos que essa não é a nossa intenção, nas páginas que seguem.

É outro esforço de descolonização. Geralmente nós, moradores e moradoras¹ da Latino-América, recebemos as categorias e as definições geradas nos espaços do Hemisfério Norte, sem questioná-las, nem pensar nos contextos originais ou nas intenções de seus criadores individuais, ou de seus promotores institucionais atuais. Esquecemos que todo sistema de categorização e toda definição parte de uma fundamentação explícita ou tácita.

Como jeito típico do processo de colonização do conhecimento, e também das emoções e das crenças, as categorias e as definições conceituais principais são apresentadas como não-objetáveis. Vai se afirmando – nas escolas, nas universidades, nos centros de pesquisa, nos espaços de decisão sobre as políticas públicas latino-americanas, e em cada espaço da vida – uma cultura da padronização e da pacotização, acompanhada de um encurralamento e auto-encurralamento das possíveis vozes dissidentes². O mais que podemos fazer é jogar um pouco com as “definições operacionais” que não mudam a perspectiva.

No entanto, existe um conjunto de pessoas que perguntam: “e por quê?” Declaramos que queremos exercer mais poder em nossas realidades. Preferimos criar nossas categorizações e desenvolver nossos próprios caminhos metodológicos. Nessa direção, apresentamos a proposta desta publicação.

ESTRUTURA

Como se fôssemos fotógrafos, iniciamos com um plano geral das dinâmicas comunitárias, apenas enunciando-as, para poder chegar a um plano médio de trabalhar conceitos essenciais, deixando a abordagem mais profunda para os leitores, quando estejam frente a situações específicas em uma comunidade. As dicas metodológicas estão quase ao final da publicação.

Na Parte I, fazemos uma primeira abordagem para o que entendemos por dinâmica comunitária, comunidade, atores, protagonistas e setores com interesses em jogo.

Na Parte II, caracterizamos cada uma das dinâmicas comunitárias, com afirmações que podem se concretizar nas comunidades da América Latina, na construção de um bem viver. Em cada dinâmica

comunitária, diferenciamos práticas, momentos emblemáticos e espaços típicos, quando não são óbvios. Acrescentamos uma lista de atores protagonistas individuais e coletivos que em cada situação real vão ter nomes concretos; e falamos do que é sagrado para essa dinâmica comunitária, ou seja, daquilo que não pode ser ignorado. Ressalta-se, contudo, que não seguiremos um roteiro rígido para apresentar cada dinâmica, haja vista que, a depender da especificidade da dinâmica, podemos abordar outros temas considerados relevantes. Em todas as comunidades de referência territorial que temos procurado, existem as dinâmicas propostas nesta publicação, com diferentes destaques e inter-relações. Salienta-se, contudo, que a depender do interesse da comunidade e da perspectiva e intencionalidade dos investigadores (externos ou internos) na comunidade, é possível encontrar a necessidade de propor outras dinâmicas.

Na Parte III, com o interesse na utilização das categorias, apresentamos dicas para a construção de trilhas metodológicas, e fazemos a proposta de uma caminhada, alimentada desde as experiências de Educação Popular.

Na Parte Final, que nomeamos de “Fechar-Abrindo”, buscamos como é, agora, de nosso costume, fechar a publicação esboçando possíveis ações posteriores.

A CONSTRUÇÃO DE UMA PUBLICAÇÃO

A presente publicação foi gerada pelo criador original (autor principal), a partir das suas experiências desenvolvidas em comunidades de diversos países latino americanos, em um diálogo construtivo com a segunda autora, que produziu um complemento importante da versão anterior. E ainda há uma história longa a ser contada sobre sua construção.

A década de 1990 foi um período muito movimentado, a partir da aparição do “Our Common Future” (1987, O “Relatório Brundtland”) que colocou a ideia de “desenvolvimento sustentável” no mundo das organizações intermediárias de intervenção social. A ideia do “desenvolvimento que satisfaz as necessidades presentes, sem comprometer a capacidade de as gerações futuras suprirem suas próprias necessidades” enriqueceu as falas dos políticos e especialistas, e apareceram orçamentos, propostas, projetos e novas organizações intermediárias preocupadas com o tema.

Desde aquela época, entendemos o “entorno” ou o “externo” como tudo o que atua dentro da comunidade, desde fora³. Nesse marco, para refletir sobre o entorno da vida comunitária e das organizações medianas e pequenas que trabalhavam com elas, partimos da ideia de “dimensões da sustentabilidade”, para construir as “janelas do entorno”. Elas foram categorizações para contribuir na revisão do externo nas comunidades (ou organizações).

Trabalhamos com as janelas política, econômica, social, cultural e ecológica, como registrado em várias publicações da época e posteriores⁴. Elas foram e agora mesmo são úteis para isso, mas ainda precisávamos de categorizações práticas e mais naturais para o re-conhecimento das próprias ações comunitárias, dentro da comunidade.

E aconteceu que trabalhando para organizações sociais diversas foi mais evidente que as categorizações existentes ficavam insuficientes, e precisávamos construir outras, como expressamos

em um processo de reflexão provocado pela agência Ayuda Popular Noruega (APN), em 2003, e que terminou em uma publicação-insumo⁵. Então coincidiram e foram fortalecidas nossas inquietudes com o interesse de várias organizações. Nos anos de 2004 e 2005, o “Movimiento Comunal Nicaragüense” (MCN) impulsionou a proposta sobre esta categorização, e disponibilizou a participação de lideranças nas oficinas “Comunidad e intervenciones em la comunidad” (Comunidade e intervenções nas comunidades) e “Familia e intervenciones em la familia” (Família e intervenções nas famílias). Depois, em outra publicação intitulada “Derivación de pasos para continuar” (Derivação de passos para continuar), subsidiados pela organização internacional “Save the Children”, na Nicarágua (SCN). “Ayuda Popular Noruega” (APN), pela sua parte, alimentou e fortaleceu a ideia em um encontro com organizações parceiras e a Unión Nacional de Agricultores y Ganaderos (UNAG), da província de Estelí, visando o desenvolvimento conceitual durante um exercício de planejamento estratégico⁶. Anos depois, fez parte das reflexões com o reconhecido promotor da literatura infantil, Eduardo Báez, sobre os efeitos e possibilidades da promoção da boa literatura, nas diversas dinâmicas das comunidades, com a organização Libros para Niños, LPN, em Jinotepe, Nicarágua.

No Brasil, as propostas continuaram qualificando-se no período de 2012-2015. Primeiro, utilizamos as categorias como base para um exercício-piloto de Concerto e Construção de Conhecimentos intitulado de “O Semiárido Brasileiro na perspectiva de instituições e organizações não governamentais”, realizado nos dias 18 e 19 de abril de 2012, na cidade de Campina Grande (PB). Com base nessas experiências, disponibilizamos uma versão preliminar no site do Insa (www.insa.gov.br), como Nota Técnica “Dinâmicas Comunitárias, Síntese Nº 2” (03 de Dezembro de 2013)⁷. As categorias continuaram associadas de maneira sistemática para os processos de maturação e contextualização dos métodos nomeados de Revisão de Experiências com vista ao Futuro (REI-F), e de Futuro.

NOTAS DO CAPÍTULO

¹ Na publicação, cada vez que uma palavra é escrita no gênero masculino também é válida para o feminino e vice-versa, a menos que especificado o contrário.

² O Núcleo de Inovação Metodológica do Instituto Nacional do Semiárido (Insa), Unidade de Pesquisa do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI)/Brasil, tem fundamentado várias das atuações em torno dessas preocupações.

³ Mais adiante, iremos aprofundar a definição nesta publicação.

⁴ Veja da época, e do autor (Luis Felipe Ulloa) por exemplo os livros: “A sostenibilidad vista desde las organizaciones de Desarrollo (APN/SIMAS 1999), “Fundamentos y caminos para hacer capacitación: Una propuesta estratégica a partir de la experiencia del proyecto Tropisec, en el Norte de Nicaragua” IDR Estelí (IDR/Tropisec 2001, Especialmente pag 17-27), e posterior, “Siete pláticas sobre as organizações de desarrollo hoy” Tegucigalpa, Honduras: editorial Guaymuras. 2010 (pag. 70-84) . Fonte: http://guaymuras.hn/colecciones/cultura_educacion/libros/siete_platicas.html

⁵ Lang, Carmen María, Ulloa Forero, Luis Felipe (2003). “Actores Nacionales y Cooperación Solidaria em Nicaragua: Problemas y propuestas para hacer fructífera la relación y la acción”. Ayuda Popular Noruega (APN), Managua (Conjunto de exercícios de reflexão com 47 pessoas de diferentes organizações, na Nicarágua)

⁶ Mais publicações que mostram o avanço e a aplicação das categorias e conceitos são “Protagonismo desde adelante, desde atrás, desde todas partes” (Jinotepe, 2009), “Dinâmicas Comunitárias y unos parches”. (Bogotá, 2010), “As dinâmicas Comunitárias” Síntese Nº2” (Campina Grande, Paraíba, Brasil, 2013),

⁷ Agradecemos a Adriana Araújo Costa Trutta, Walter Alves Vasconcelos e Ana Paula Silva dos Santos pelas suas contribuições nos momentos iniciais desta publicação (1ª e 2ª sínteses).

SUMÁRIO

Provocação	10
Parte I. Plano geral	12
A dinâmicas: Um olhar inicial	13
As comunidades: Quantas variedades! Qual a minha?	14
Dos atores, os protagonistas e seus atos	20
Parte II. Plano médio: O que é cada dinâmica comunitária	27
1. Dinâmica jurídico-política	28
2. Dinâmica econômico-produtiva	31
3. Dinâmica de intervenção nos serviços públicos	35
4. Dinâmica espiritual-religiosa	37
5. Dinâmica recreativo-festiva (lazer)	39
6. Dinâmica esportiva	42
7. Dinâmica artística	45
8. Dinâmica intelectual	47
9. Dinâmica da memorização	50
10. Dinâmica eco-protetora (Ambiental)	53
11. Dinâmica pela vida saudável e o pamãxepakirã	57
12. Dinâmica para evitar a exclusão, violência e delito	60
Parte III. Na construção de trilhas	65
Dicas metodológicas para usar as categorias de dinâmicas comunitárias	65
Parte IV. Para fechar-abrindo	74
Vamo-nos e levemos algumas pré-ocupações	75
Parte V. Anexos para complementar e contribuir na reflexão	78
Destaques sobre a prática e protagonistas nas dinâmicas comunitárias	79
Destaques sobre os momentos chave e os espaços nas dinâmicas Comunitárias	89
Destaques sobre o essencial e sua representação	100

Fontes

PROVOCAÇÃO

A observação refletiva da cotidianidade gera a oportunidade de aprofundar sobre o sentido da vida das pessoas e comunidades; ajuda a nos aproximar das ideias que transcendem os atos e das que podem acontecer que os próprios atores não sejam suficientemente conscientes. Muito bom para fins analíticos, mas há sempre o risco de reduzir a nossa vida e a dos outros a uma mínima parte do que ela realmente é.

É mais fácil ver o todo de forma simples. Assim, para muitas pessoas que vivem nas cidades, o habitante do campo é o equivalente a produtor de alimentos. O camponês faz agricultura e nada mais. “Não seja tão rural” pode ser uma expressão que indica ser áspero e ignorante, que não tem vida intelectual, não pratica esporte, não aprecia da arte, etc. Mas, para além desta visão simplista, limitada e incompleta, é importante compreender que comunidades rurais de camponeses, campesinos, minifundistas, agricultores familiares, peasants, peyisans, paysans, não fazem somente atividades econômico-produtivas.

As favelas são assentamentos urbanos que existem em muitos países. Também são conhecidas como tugúrios, villas miserias, slums, vidonvil, taudis, etc, e uma boa proporção de seus moradores, ou de seus pais, são camponeses imigrantes. Para quem não vive na favela – as classes “médias” e a aristocracia local – e também para muitos camponeses, o espaço é considerado como bairro dos criminosos. Sabemos que nesses espaços, por várias razões, também existe crime, mas isso é só uma parte da realidade das favelas. As comunidades urbanas, assim como as rurais, são muito mais complexas que isso.

A intenção desta publicação é provocar os leitores para reconhecer esta complexidade, utilizando o olhar das comunidades e a descrição da vida comunitária, que temos nomeado de “Dinâmicas Comunitárias”, entendido como um esquema flexível para:

- Estudar/re-conhecer/descrever a comunidade com melhores possibilidades de resgatar as relações;
- Identificar/contextualizar/valorar/seus protagonistas;
- Acompanhar os processos de adaptação da comunidade a novas condições, desde focos específicos, sem perder as interações; afirmar e direcionar propostas de mudanças na vida cotidiana;
- Focalizar, ficando na realidade cotidiana, os planos para a reconciliação local, estadual e nacional, em condições de pós-conflito;
- Aprimorar as contribuições das organizações que tentam acompanhar os processos comunitários.

Coloca-se exemplos para ilustrar as categorias propostas, desde a convicção pessoal dos autores, sobre a necessidade de construir uma atitude de busca da tripla harmonia¹ em tudo o que fazemos e fazem as comunidades. Ilustra-se as categorias especialmente com exemplos nessa direção, mas compreende ao leitor que pesquisa as dinâmicas comunitárias em situações específicas

detectar o que realmente acontece. Como é a comunidade? Quais as dinâmicas mais fortes e suas práticas? Em cada dinâmica, quais os tipos de participantes? Quais os protagonistas coletivos e individuais, e de quais categorias? Quais são as relações e a forma de comunicação dentro da dinâmica? O que evidenciam? Quem são os excluídos e por quê? Qual são as buscas fundamentais na execução da dinâmica nessa comunidade e o que tem adquirido nela o caráter de sagrado, inviolável ou imprescindível? Quais são as práticas próprias da dinâmica nessa comunidade? Quais são os momentos emblemáticos dela? Poderá descrever os espaços típicos para sua execução na comunidade e as ferramentas, instrumentos, equipamentos e indumentária, quando pertinente. Que coisas são promissoras? Que coisas afirmam condições indesejáveis?

A proposta faz parte de uma busca maior: como construir um projeto civilizatório alternativo frente ao sistema hegemônico atual, fundamentado na depredação e no lucro? Concordamos com a afirmação das sociólogas latino-americanas Claudia Composto e Mirna Lorena Navarro², no sentido de que hoje não é mais suficiente propor desenvolvimentos alternativos. Temos atentado para a necessidade de construir alternativas para a própria ideia de desenvolvimento. Achamos que focando nas dinâmicas comunitárias podemos buscar novas perspectivas, na própria vida cotidiana, e encontrar dicas para construir juntos novas propostas, desde os fazeres das pessoas e comunidades. Juntar lutas diversas com o mesmo denominador comum transformador.

NOTAS DO CAPÍTULO

¹ “Tripla harmonia”: nas relações entre as pessoas; entre as pessoas e a paisagem/natureza; e de cada pessoa consigo mesma (de si para si).

² COMPOSTO, Claudia; NAVARRO, Mina Lorena. Claves de lectura para comprender el despojo y las luchas por los bienes comunes naturales en América Latina. In: Idem (Orgs.). Territorios en disputa: Despojo capitalista, luchas en defensa de los bienes comunes naturales y alternativas emancipatorias para América Latina”. México, D. F.: Bajo Tierra Ediciones, 2014. p. 33-75 Disponível em: http://otrosmundoschiapas.org/docs/territorios_en_disputa_bienes_comunes.pdf Acesso em 30 de abril de 2014.

PARTE 1

PLANO GERAL

PRIMEIRA ABORDAGEM PARA O CONCEITO DE DINÂMICA COMUNITÁRIA, DE COMUNIDADE, DE ATORES E PROTAGONISTAS E DE SETORES COM INTERESSES EM JOGO.

AS DINÂMICAS: UM OLHAR INICIAL

O movimento é mudança, deslocação de um ponto para outro, de um estado para outro. Animar é dar movimento, e também gerar esperança. Você precisa de esperança para se movimentar em uma direção diferente, mas também ao movimentar-se pode gerar esperança. O movimento é um indício de vida.

Olhamos os membros, olhamos o território e sabemos algo: o que mantém viva a comunidade são as “práticas” que os membros (os “comunitários”) desenvolvem. As práticas são movimentos das comunidades. Através delas, são criadas, fortalecidas, debilitadas, aprimoradas relações entre as pessoas; entre as pessoas e a paisagem/natureza; entre as pessoas e as criações dos próprios seres humanos¹; e de cada pessoa consigo mesma (de si para si). Cada prática tem também seus próprios protagonistas, dos quais iremos falar mais adiante.

Entendemos como práticas aquelas atividades que são exercidas na comunidade de maneira estável, ou seja, que acontecem de forma constante, ou frequente, ou periódica, ou sempre que ocorrem certas condições. Uma ação rara, inusitada ou esporádica não é uma prática pois acontece excepcionalmente.

Exemplos de práticas comunitárias são: o artesanato do barro feito pelas mulheres de uma comunidade quilombola (atividade constante); as festas do santo padroeiro realizada a cada ano (atividade periódica), os rituais fúnebres que ocorrem quando alguém morre no assentamento (atividade ligada a ocorrências); a reação típica ou apreendida da comunidade para um desastre (atividade ligada a ocorrências).

Na vida da comunidade encontramos práticas em vários estados de afirmação. Aquelas que já estão fortemente arraigadas, outras em processo de instalação adaptativa, algumas – emergentes – cujos protagonistas impulsionadores ainda tentam sua aceitação, e práticas em perigo de extinção, ou como vestígios.

As práticas nas comunidades podem ser diferenciadas e agrupadas. Esses agrupamentos são denominados nesta publicação como “dinâmicas comunitárias”, entendidas como categorias a partir do movimento comunitário. Além delas acontecem também nas comunidades ações que não entram na definição de “práticas”, que não são o foco desta publicação.

A partir de diferentes explorações e discussões iniciadas na América Central, México e no Brasil, temos diferenciado doze categorias de dinâmicas comunitárias:

1. Dinâmica jurídico-política
2. Dinâmica econômico-produtiva
3. Dinâmica de intervenção nos serviços públicos
4. Dinâmica espiritual-religiosa
5. Dinâmica recreativo-festiva (lazer)
6. Dinâmica esportiva
7. Dinâmica artística
8. Dinâmica intelectual
9. Dinâmica da memorização
10. Dinâmica eco-protetora (ambiental)
11. Dinâmica pela vida saudável e o pamãxepakirã
12. Dinâmica para evitar a exclusão, violência e delito.

As “dinâmicas comunitárias” podem ser entendidas como “dinâmicas sociais” quando as práticas que destacamos transcendem o limite do comunitário para espaços maiores, como o país. O futebol é uma prática nacional no Brasil, parte relevante da sua dinâmica esportiva (uma dinâmica social).

Se a comunidade ou uma equipe de acompanhantes externos está preocupada com uma situação, ela pode decidir que a porta de entrada para explorar o assunto é uma dinâmica “X”, e entrar por essa porta. Só que quando a caminhada está bem feita, os exploradores irão encontrar as ligações com cada uma das outras dinâmicas e/ou as propostas que podem ser geradas desde cada uma delas.

A vida real é muito variada e complexa. Se necessário, as categorias, ou algumas delas, podem ser aprimoradas ou adaptadas pelos usuários, considerando as intenções e as condições da situação nas quais irão ser utilizadas. Já aconteceu em nossa experiência de pesquisa-ação nas comunidades: em versões anteriores sobre o tema, falávamos de 11 dinâmicas, só que a realidade nos mostrou a necessidade de ampliação e concordamos. Então aprimoramos a quantidade e alteramos alguns nomes e elementos relacionados às dinâmicas.

AS COMUNIDADES: QUANTAS VARIEDADES! QUAL A MINHA?

O leitor pode se perguntar se faz parte de uma comunidade, e o que isso quer dizer. É uma boa pergunta, que nem sempre gera uma fácil resposta. Escrevemos no ano de 2010 que as definições de comunidade estavam ficando insuficientes e ainda estão. Por isso que intitulamos uma seção de um livro “Comunidades não podem ser apresentadas com um desenho simples”².

Quando queremos lutar contra a debatida ideia do gregarismo como característica, ou opor-nos à inevitabilidade da associação de qualquer ser humano a uma comunidade, buscamos situações extremas. Chega, por exemplo, à nossa mente, a imagem do jovem que não quer fazer nada fora da janela do computador, ou aquela do prisioneiro em isolamento prolongado ou do eremita. Mas sempre encontramos algo, como a comunidade virtual “X” ou uma comunidade de “prisioneiros” ou ainda comunidades de eremitas permanentes ou parciais, com diferenças nas suas características, mas ajustadas a uma definição ou identidade básica.

MUDAM AS CONDIÇÕES

Podemos achar que o lugar onde nascem as pessoas, quando em condições “normais”, define a nossa comunidade originária. Só que as circunstâncias estão sendo mudadas na América Latina. Ontem, basicamente a mesma paisagem local que acompanhou a vida dos avós e bisavós, também marcou a dos netos, e as mesmas famílias permaneciam entre gerações. Agora tudo está sendo mudado. A paisagem tem a tendência a mudar drasticamente, com as políticas extrativistas executadas principalmente pelas transnacionais, mineradoras, o agronegócio e outras indústrias contaminantes. As pessoas deixam seus lugares de origem por várias razões, incluindo a muito estudada busca pelo charme de uma cidade fictícia e o estudo. Agora, há filhos que saem do ventre materno no caminho, quando seus pais viajam buscando trabalho ou tentando escapar de algo, e os que nascem em centros de refugiados porque a família foi deslocada por um desastre, pela guerra entre países, pela guerra interna ou pelos paramilitares apropriando-se dos territórios e dos bens para eles ou para setores que estão por trás deles.

ELEMENTOS DO CONCEITO

Começamos a questionar a ideia de comunidade na Centro-América, no século passado. Em 2003-2004, um estudo conduzido pelo autor principal para Save the Children Noruega em Nicarágua, evidenciou a necessidade de considerar que há comunidades formadas basicamente por moradores originais, especialmente nas zonas rurais, e comunidades formadas majoritariamente por imigrantes, especialmente nas zonas urbanas e nos assentamentos formados para fazer frente aos desastres³.

O conceito de comunidade chega para nós do latim *communitas*, significando “o que é comum” ou “de todos os membros”. O comum pode incluir o território mais ou menos demarcado, entendido – seguindo R. D. Sack (1986)⁴, como uma área ou espaço de influência e controle de recursos e pessoas por uma autoridade e grupo de atores sociais.

Gente e território, juntos, geram relações entre as pessoas e entre elas e a natureza; geram também, atividades e produtos, o que resulta em consequências. Na sua trilha, juntos, eles têm construída uma história comum e, nós adicionamos, tácita ou explicitamente, coincidem mais ou menos em um sonho de futuro.

As diferentes situações que encontramos em nosso caminho fizeram com que gerássemos uma definição de comunidade, que destaca os seguintes elementos (olhe com cuidado): conjunto, pessoas e coletivos, compartilhar algo, o comum, as diferenças, contribuir, fazer realidade (algo também comum: ideia, sonho, intenção), convergência de esforços e recursos (um mínimo para o comum), formas de relacionamento aceitas por todos (explícitas ou tácitas), reconhecimento como membros.

A definição foi apresentada assim:

Comunidade é “um conjunto de pessoas e coletivos que, em meio de suas diferenças, compartilham algo, e além disso, contribuem para conseguir uma ideia, um sonho ou uma intenção comum, fazendo convergir um mínimo de esforços e recursos, e respeitando uma determinada maneira de fazer e umas formas de se relacionar entre todos, que podem ser explícitas ou tácitas. Aspectos que possibilitam que os integrantes se reconheçam como membros”⁵.

GENTE E COMUNIDADE TERRITORIAL

O elemento comum da definição pode ser o território, sim, como tem sido entendido há muitos anos. Dessa forma temos as tradicionais comunidades camponesas, as comunidades nos bairros das cidades, e também comunidades por setores de bairro.

A concentração de terras em poucas famílias e empresas transnacionais tem gerado despossuídos, que buscam o acesso a áreas produtivas. Quando eles ganham acesso à terra, começam a tornar-se parte da mesma comunidade (a tornar-se comunidade) as famílias e outras pessoas que compartilham como assentados o território produto da sua luta. Os que moram lá, vivem a cotidianidade juntos e desenvolvem dinâmicas comunitárias próprias.

Podem formar também uma comunidade, com referência a um espaço, os moradores de um prédio. Só que eles têm que se assumir co-moradores. Nesse caso, o espaço-prédio entende-se como uma combinação de áreas de privacidade e áreas comuns, também de ações típicas de cada família e de tarefas compartilhadas, por exemplo, em mutirão. A fala dos membros da comunidade-prédio, será em termos da primeira pessoa do plural: “nós”, “nosso prédio”, “o futuro do nosso prédio”. O que é próprio das organizações dos sem-teto.

A tabela 1 apresenta distintos tipos de relações entre pessoas e comunidades, e abre a pergunta: “Quem é membro da comunidade e quem não o é?”, cujas respostas estão em construção para cada comunidade, e pode ser uma exploração interessante em muitas situações.

Abaixo vão ser discutidos os tipos de comunidades. Mas já podemos afirmar que são também comunidades as dos ciganos e de alguns povos indígenas. No caso das caravanas de famílias deslocadas

pela força de suas regiões, sequestradas suas casas e terras, na Colômbia, elas compartilham a situação de expulsos de suas terras (em diferentes lugares da Colômbia) e a busca de um lugar onde possam se assentar, embora cada um deles deseje voltar para seu lugar de origem, lá onde ficam os corpos de seus parentes e vizinhos, mortos na violência institucionalizada e negada por tantos anos. É uma situação complexa e cruel.

COMUNIDADES EM NÃO-TERRITÓRIOS

Também, como dito acima, uma comunidade hoje pode não se fundamentar no território, mas em outros aspectos identitários comuns, como uma comunidade de religiosas em torno ao pensamento de sua fundadora, a comunidade científica focada na agricultura familiar; as comunidades LGBT (de pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros), que geralmente fazem parte do movimento que luta pelos direitos de seus membros, e contra a homofobia; as torcidas de times esportivos locais; e qualquer uma das comunidades virtuais. Nosso foco nestas páginas são as comunidades de referente territorial: vamos explorar as dinâmicas nas comunidades que existem com referência em um espaço da geografia.

QUEM DEFINE A IDENTIDADE COMUNITÁRIA?

No caso dos povos, acontece como com os indivíduos: os povos isolados já são muito poucos e, hoje, praticamente cada pessoa no mundo tem vinculação com diversas comunidades territoriais em sua vida, sendo que variam os níveis de proximidade afetiva e prática, seja a partir da pessoa ou mesmo a partir da comunidade em questão.

PERSPECTIVA Nº 1: DESDE A PESSOA

O que a pessoa acha sobre algo é um critério essencial. A pergunta sobre qual é para ele, ou para ela, a sua comunidade, pode provocar respostas semelhantes a “depende de” e produzir categorias como comunidade principal, comunidade alternativa e também comunidades esporádicas.

Em relação com o seu caminho percorrido, essa mesma pessoa pode identificar uma comunidade original ou de partida, comunidades de trânsito ou passadas, a comunidade atual e uma comunidade destino ou definitiva.

PERSPECTIVA Nº 2: DESDE A COMUNIDADE

Quando falamos sobre comunidades de referente territorial, podemos identificar na vida delas, pessoas que são moradores, visitantes e emigrantes, e em cada uma delas é possível diferenciar sub-categorias (tabela 1):

Tabela 1. Categorias de personagens nas comunidades de referente territorial (desde a perspectiva da comunidade)

PESSOAS NA COMUNIDADE (Categorias)	SUBCATEGORIA DE RELAÇÃO	DESCRIÇÃO
Moradores	Originários	Nasceram na comunidade
	Imigrantes	Chegaram e ficaram na comunidade
	Transitórios	Moram por temporadas na comunidade
	Potenciais (desejáveis?)	Pessoas que poderiam chegar para a comunidade
Emigrantes	Definitivos	Já instalados em outra comunidade. Sem esperanças de voltar
	Temporais	Saíram por um período
	Esporádicos	Vão para fora e voltam
	Em processo	Moradores que estão se separando da comunidade e vão deixá-la. Eles vão cortando vinculações
Visitantes	Esporádicos	Chegam, saem e voltam às vezes
	Persistentes	Continuamente chegam, saem e sempre voltam

O ENTORNO

Para tornar a análise mais complexa⁶, temos que considerar que cada comunidade existe em um entorno que a influencia e é influenciado por ela. As explorações das dinâmicas comunitárias não podem esquecer de estudá-lo:

O entorno é todo o emaranhado de situações, atores e coisas mais ou menos relacionadas entre si, que (neste caso) atua sobre a dinâmica ou comunidade que estamos estudando, mas desde fora, conseguindo possibilitar a sua existência, potenciá-la (+), ou tende a reorientá-la, deteriorá-la ou terminá-la (-), sem ser diretamente controlável só pelos atores membros da comunidade.

Destaquemos a ideia mais importante: o entorno é o que atua dentro, desde fora.

É possível explorar o entorno de uma situação olhando através de uma ou mais das seguintes janelas: a política, a econômica, a social, a ecológico e a cultural⁷.

- **Janela Política:** os assuntos do governo e das forças que influenciam nas decisões do governo. Leis, convênios, acordos, normas. Relações entre países. Posicionamento do governo nas tensões latino-americanas e mundiais. Guerras e conflitos. As iniciativas para que os cidadãos desde as diferentes dinâmicas sociais⁸ possam “futurear” livremente (construir coletivamente seu sonho bonito de sociedade, como horizonte). Políticas públicas. Ações atuais e projetos de formação profissional e desenvolvimento de pesquisas nas áreas compreendidas pelo político. Pode gerar ou desestimular a ação cidadã.

- **Janela Econômica:** níveis de geração de bens e serviços no país em relação às demandas. Níveis de liberalização do mercado. As políticas e a presença dos atores extrativistas internacionais e nacionais. Apoio para a construção e afirmação de opções econômicas alternativas (agricultura familiar, por exemplo). Incorporação do país em alianças econômicas alternativas. A dívida externa “formal” e a dívida que o hemisfério Norte tem com o Brasil e os demais países latino-americanos pelos estragos durante a invasão e o período de colonização. O estabelecimento, divulgação e execução de políticas públicas econômicas. Ações atuais e projetos de formação profissional e desenvolvimento científico nas áreas compreendidas pelo econômico.

- **Janela Social:** O que marca a inclusão-exclusão desde as instâncias nacionais, latino-americanas e mundiais. O acesso aos serviços públicos. O conceito de saúde. Esforços do país para favorecer a harmonia de cada pessoa consigo mesma. A presença intencional “do outro” em todas as dinâmicas da sociedade. A busca permanente de harmonia entre os grupos sociais como atitude do país e dos governos. Relações entre gêneros e entre diversos. Os espaços e oportunidades criadas para o relacionamento desde os interesses e desde as diversas dinâmicas comunitárias. As decisões sobre a gestão do espaço público. As possibilidades de se expressar diferentemente e de dissenso. A mídia hegemônica e alternativa. A intervenção de organizações sociais. O estabelecimento, divulgação e execução de políticas públicas. A aceitação nos níveis estaduais e nacionais dos protagonistas da comunidade. Ações atuais e projetos de formação profissional e desenvolvimento de pesquisas nas áreas abrangidas “pelo social”. A presença e destaque da ética nos espaços de formação de todas as áreas e nos espaços de ação de todas as dinâmicas da sociedade.

- **Janela ecológica:** a presença intencional da natureza em todas as dinâmicas da sociedade, como uma busca intencional e permanente da harmonia ser humano-casa. As intervenções agressoras ou afirmadoras da natureza (impactos ambientais). O estabelecimento, divulgação e execução de políticas públicas ecológicas. Ações e recursos para promover a sensibilização e a ação direta. Espaço para protagonistas da comunidade. Ações atuais e projetos de formação profissional e desenvolvimento científico nas áreas abrangidas pelo ecológico.

• **Janela cultural:** como é fortalecida a ação criadora do ser humano, com um destaque humanista e não depredados? Quais os princípios e valores predominantes nas decisões e ações dos governos e da sociedade civil? O reconhecimento das identidades e a sua presença na vida nacional e internacional. As intervenções debilitantes ou afirmadoras das identidades (impactos culturais). Os esforços nacionais de descolonização intelectual, estética, dos afetos e da espiritualidade (e também as concessões no sentido contrário). As iniciativas estaduais e nacionais para construção dos horizontes comuns nas comunidades. O estabelecimento, divulgação e execução de políticas públicas culturais. As iniciativas nacionais e internacionais para o resgate e divulgação da memória. As possibilidades propiciadas pelos governos para o diálogo do conhecimento popular e o conhecimento de origem acadêmica. Ações atuais e projetos de formação profissional e desenvolvimento de pesquisas nas áreas compreendidas pelo cultural. Os espaços disponíveis para os protagonistas da comunidade, e entre eles, os espaços e oportunidades para a expressão artística.

DOS ATORES, OS PROTAGONISTAS E SEUS ATOS

Toda atuação humana supõe atores e todo ser humano atua em algo. As práticas nas diferentes dinâmicas comunitárias incorporam a ação (o que é feito) e os atores (os que fazem), as formas de organização na ação, o espaço e a parafernália.

Os membros participam de várias formas na vida da comunidade. Eles se expressam, fazem, ou não se expressam ou não fazem, e também se expressam parcialmente, fazem parcialmente ou fazem com outro ritmo. A ação e a não-ação, quando intencionais, são formas de participação e sempre carregam consigo um sentido. As dinâmicas comunitárias e as práticas são participação. Em uma publicação anterior, definimos “participação” como “A incorporação que sabe que faz, decide fazer e está fazendo uma pessoa, ou um conjunto de pessoas, em acontecimentos ou situações da vida”

Se mergulharmos suficientemente em uma dinâmica comunitária e em suas práticas específicas, conseguiremos várias descobertas, entre elas:

- Identificaremos as tarefas-chave e os perfis típicos dos atores que realizam a dinâmica;
- Conseguiremos detectar as posições distintas e funções explícitas e tácitas deles;
- Poderemos descrever os tipos e características do fluxo de comunicação dentro da dinâmica e identificar momentos emblemáticos;
- Falaremos dos espaços próprios e da parafernália (instrumentos necessários para exercer a prática);
- Também poderemos explorar o significado próprio da prática para os diferentes setores envolvidos com interesses em jogo (SIJO).

Examinar as práticas e seus componentes ajuda a reconhecer/dar importância às experiências cotidianas de diferentes setores da comunidade e dos indivíduos. As relações de poder que se estabelecem entre os atores e setores podem diferir em diversas comunidades e também entre as várias dinâmicas. Pode haver práticas da elite e práticas próprias dos setores historicamente mais excluídos, ou expressões/estilos diferentes das mesmas práticas entre distintos setores sociais.

Se aprofundarmos mais, veremos, progressivamente melhor, as relações entre as diferentes dinâmicas comunitárias, e entre alguns de seus protagonistas. Cada prática e seus atores são uma peça de uma engrenagem na dinâmica comunitária e, em geral, na vida comunitária. Cada prática própria de um grupo de pessoas influencia em outras atuações, em outras dinâmicas e em outros sujeitos. As dinâmicas comunitárias são sistemas de ações, sujeitos e relações. Muitas práticas de uma dinâmica comunitária transcendem as fronteiras geográfico-políticas da comunidade e fazem convergir atores de diversas comunidades. Precisamos de uma perspectiva de sistemas.

Detalharemos cada uma das categorias de dinâmicas comunitárias, mas antes devemos enfatizar que o desejável é que cada dinâmica contribua para o bem viver, o bem fazer. Mas não é bem assim, coexistem ações e atores em diferentes direções: algumas que podemos chamar de “positivas” e outras de “negativas”, segundo o ponto de vista de quem a vê ou de quem a faz. Nessas circunstâncias, só a capacidade de diálogo, os esforços de reconhecimento do outro e de sua sentilógica, vão permitir o avanço da dinâmica na comunidade para contribuir na construção de um futuro bonito.

Em uma publicação anterior, destacamos o assunto da responsabilidade humana (ULLOA FORERO, 2010)⁹. A afirmação de buscar o bem fazer, para um bem viver, não é simplesmente um desejo romântico. As ações derivam responsabilidades para as pessoas: para os atores protagonistas e os não protagonistas, para as pessoas que recebem – ou irão receber – os efeitos da ação dos atores. As não-ações, quando necessário atuar, também derivam responsabilidades para os não-atores: evitar agir e omitir se manifestar pode ser uma falta maior que atuar errado, e não libera de responsabilidade.

Tomando como referência Luckmann (1996)¹⁰, traçamos as diferenças entre o que nos acontece e as ações que têm intenção, ou seja, que estão orientadas na direção do futuro e que nomeamos de “atos”. Os protagonistas são atores que impulsionam e exercem atos. A constituição do sentido das ações é uma responsabilidade dos protagonistas alternativos: eles têm suas intenções definidas (deve ser assim). Os “seguidores”, sob condições não democráticas, só fazem. Não conhecem para que e/ou não sabem o que há por trás dessas ações e das omissões que são orientados para cometer (palavra intencional). Também não perguntam.

E há outra categoria de atores cuja responsabilidade pode ser cobrada: aqueles que não deixam fazer. A história não oficial da América Latina nos mostra muitos exemplos de setores com interesses em jogo que têm dificultado a execução de práticas comunitárias por disposição de certos níveis de autoridade. Destaquemos quatro exemplos:

- A oposição à prática de futebol pelas meninas. Elas, encurraladas em seu papel de mães, cuidadoras e servidoras dos homens, não eram bem vistas em outras atividades.
- Lideranças que questionam que os jovens pratiquem dança de rua, porque não é da raiz local.
- Dirigentes políticos que desvalorizam a agroecologia e os camponeses, como setores que bloqueiam a modernização.
- Delegados governamentais ou dos setores de poder que limitam as dinâmicas de recordação, ameaçando e chamando de bandidos, bandoleiros, terroristas, etc., os heróis da comunidade que buscam manter a sua memória, etc.

Leonardo Boff destaca que *“O cuidado é exigido em praticamente todas as esferas da existência, desde o cuidado do corpo, dos alimentos, da vida intelectual e espiritual, da condução geral da vida, até ao se atravessar uma rua movimentada”*¹¹. Nesta publicação, afirmamos que as dinâmicas comunitárias são úteis para diferenciar essas esferas da existência, e explorar nelas o cuidado atual e o cuidado necessário. Cada uma das dinâmicas da comunidade e das práticas que elas abrigam inclui o desafio do cuidado, mesmo dos próprios atores, das outras pessoas e do ambiente em que elas se desenvolvem.

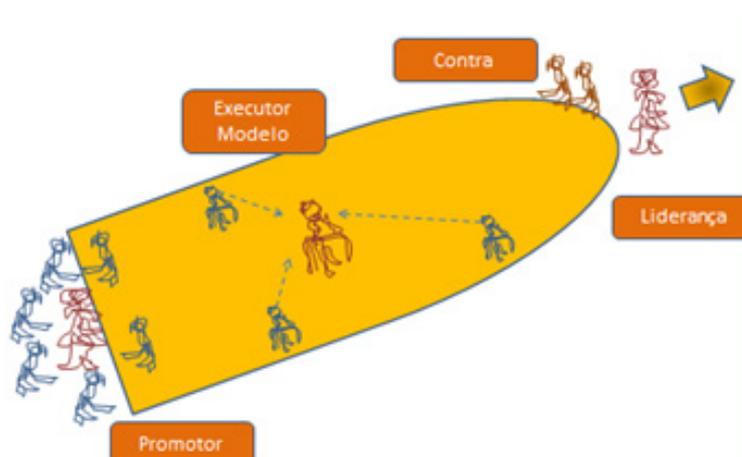
O DESTAQUE NOS PROTAGONISTAS

Um bom desafio para aqueles que exploram uma, várias ou todas as dinâmicas comunitárias, em uma situação específica, é a identificação e categorização dos protagonistas e de suas respectivas motivações.

Em cada dinâmica de uma comunidade específica há atores distintos e se olhamos com cuidado seremos capazes de identificar quem toma quais decisões e que atribuições cada um desempenha. Nesse cenário, o que temos? Uma melhor aproximação para compreender as estruturas de poder, reconhecer a diversidade de interesses nos diferentes setores das comunidades e o caráter diferenciado dos atores mais ativos em cada dinâmica comunitária.

Os mais impactantes dos participantes são os “protagonistas” que, em nosso caso, são aqueles atores individuais ou coletivos que marcam profundamente uma ou mais dinâmicas da comunidade ou de um setor da comunidade.

Quando estão presentes na comunidade e no entorno condições de injustiça e exclusão destaca-se o papel dos protagonistas alternativos, ou protagonistas não padronizados, nem hegemônicos por essas condições, tampouco pelas forças que estão por trás delas, e que os protagonistas alternativos tentam alterar.



a) Protagonistas que são lideranças nesta dinâmica. Eles irão diante dos demais na dinâmica comunitária, guiarão os outros, que seguem seus passos e orientações. Podem facilmente tomar a direção de ações para mudar as situações das externalidades que obstaculizam o exercício da sua prática ou da dinâmica; e também assumem a direção das ações para aproveitar as externalidades que favorecem o desenvolvimento da prática ou dinâmica na comunidade.

b) Protagonistas que são promotores nesta dinâmica. Eles acham que alguma prática ou uma forma “X” de executar a prática ou a dinâmica é boa, e impulsionam os outros a fazê-lo. Também incentivam e animam-nos. Eles tentam encontrar mais adeptos e incentivar outros, e gostam de manter o seu grupo de convencidos. Estão atrás, para poder empurrar. Tentam influir nas externalidades que debilitam sua proposta.

c) Protagonistas que são executores-modelo nesta dinâmica. Eles fazem bem, porque gostam de fazer a sua prática. Eles não agem em função dos outros, mas têm influência neles, como modelos. Estão dentro da dinâmica, não lideram, não empurram, eles tratam primeiro de resolver ao interno o que acontece mal no entorno.

d) Protagonistas que se opõem ao exercício proposto de uma prática, de uma maneira de fazer uma prática, de uma nova ideia nesta dinâmica comunitária, como por exemplo, as autoridades locais que se opõem ao exercício de futebol por mulheres.

e) E estão os demais executores ou participantes nesta dinâmica. Os que executam o que têm que fazer, sem introduzir variações. Sem protagonizar. Aqueles que seguem as lideranças, que são empurrados pelos promotores para fazer e que imitam o que os executores-modelo fazem. Não são protagonistas, mas sem eles não há prática, não há dinâmica.

Podemos também identificar outros elementos como as recompensas que esperam e as que logram os distintos atores nesta dinâmica; o fluxo de recursos que alimentam a dinâmica e os que a geram; os valores e princípios que caracterizam uma dinâmica ou prática específica, a ética no

exercício da dinâmica; a influência e também o domínio de atores de uma dinâmica sobre o exercício de outras e as forças resistentes. Também as limitações de origem externas para o exercício das dinâmicas, próprias da colonialidade do pensamento, dos sentimentos e das crenças.

NOVOS PROTAGONISTAS NOS NOVOS TEMPOS

Existem certos tipos de protagonistas que não podemos esquecer, porque jogam um rol importante e sua intervenção pode servir de aprendizagem. Vamos dar uma olhadinha aos protagonistas invisíveis, a Superbarrio Gómez, aos marchadores virtuais e aos youtubers.

OS INVISÍVEIS

São protagonistas ocultos que contribuem para iniciativas comunitárias ou apoiam outros protagonistas da comunidade muito discretamente, sem revelar sua identidade¹².

SUPERBARRIO GÓMEZ

No México nasceu “Superbarrio Gómez” (em português Superbairro Gomez), um personagem que reflete a tradição de heróis mascarados que praticam a luta livre (lucha libre ou wrestling). Um passatempo popular entre os mexicanos que se envolveu em lutas sociais, ganhando um lugar tão importante que chegou a ser candidato à presidência dos EUA com o apoio de Noam Chomski e Eduardo Galeano. Finalmente declinou. Seus efeitos transcenderam fronteiras, têm sido motivo de estudos, de congressos, de textos de escritores famosos, e agora quem quer estudar os protagonismos na América Latina, deve, necessariamente, parar e observar a caminhada dele.

Galeano escreveu, diferenciando nosso herói popular de Superman e outros que marcaram a cultura norte-americana, assim:

Superbarrio, um mexicano de carne e osso, herói dos moradores, se move pelas ruas e telhados do Distrito Federal e vive no subúrbio de Nezahualcóyotl. Tem barriga e pernas tortas. Usa uma máscara vermelha e camada amarela. Ele não briga com múmias, fantasmas e vampiros. Superbarrio em um extremo da cidade enfrenta a polícia e evita o deslocamento forçado de umas pessoas com fome. No outro extremo, ao mesmo tempo, lidera uma marcha pelos direitos da mulher ou contra a poluição do ar; e no centro da cidade, enquanto isso, invade o prédio do Congresso Nacional e joga um discurso denunciando a sujeira do governo¹³.

Pela sua parte, um texto na mídia dos EUA expressava em 1997 que o “Superbarrio tornou-se um dos maiores heróis populares da Cidade do México. Durante os últimos 10 anos, ele manteve-se como o campeão da classe trabalhadora, os pobres e os sem-teto”¹⁴.

O criador do Superbarrio, o ativista social Marco Rascón, expressou em 2007 que o herói já tinha cumprido seu tempo¹⁵, e lecionou algo para lembrar:

Superbarrio é precursor no México e no mundo de novas formas de participação e ação. Ele fez da paródia, a farsa e o carnaval, ferramentas elétricas para o questionamento do poder. O humor e a ironia foram armas de grande valor. Sua força vinha da aliança de acrescentar, de criar entusiasmo na capacidade de auto-organizar-se, acreditar e confiar em cada um dos participantes e não da suspeita de que em cada crítica existe uma traição.

MARCHADORES VIRTUAIS

Quando os movimentos populares voltam para as ruas como território de protesto, rapidamente são aplicadas pelas autoridades normas de proibição e repressão, ou são criadas novas normas e decretos para restringir as manifestações. Mas hoje, juntando criatividade e tecnologia, têm sido criadas manifestações virtuais nas ruas que não podem ser impedidas fisicamente e não transgridem as normas. Já aconteceu na Espanha. Você pode tirar a sua foto, converter ela em holograma e participar com seu rosto, na marcha de protesto a partir de um site na Web¹⁶.

YOUTUBERS

Os desafios comunicacionais e as oportunidades estão mudando e isso não pode ser esquecido pelos protagonistas e os impulsionadores deles. Muitos jovens que vivem nas cidades, hoje, têm seus heróis na internet, e vivem muita parte de sua vida tentando ser *youtubers* ou pessoas que se dedicam a fazer *upload* de vídeos como entretenimento, e que podem também gerar renda nessa atividade e tornar-se *partners* (é a palavra que usam na rede), ou seja, *youtubers* que geram dinheiro, dependendo do número de visitas aos seus vídeos. A pergunta é: como eles podem ser uma manifestação das demandas dos jovens e da sociedade?

DOS SETORES COM INTERESSES EM JOGO NA COMUNIDADE E NAS DINÂMICAS COMUNITÁRIAS

A gente faz comunidade (é comunidade), primeiro porque tem algo em comum, e os indivíduos se reconhecem nela (identidade), mas também é preciso destacar a diversidade que existe junto ao comum, porque ela explica grande parte da interação e da própria ação. Não é só o comum, mas também o diverso, o que marca uma comunidade.

Acontece que temos subconjuntos na comunidade, que compartilham certas características comum entre eles, que não são comuns para outros na comunidade. Por exemplo, em uma comunidade campesina temos mulheres e homens. É parte da diversidade, e podemos falar de um setor feminino e um masculino, dentro da mesma comunidade. Cada setor apresenta alguns diferentes interesses em jogo dentro da vida comunitária. Neste caso, os dois setores marcados pela perspectiva gênero estão presentes em cada uma das doze dinâmicas comunitárias. Isso pode acontecer também, por exemplo, com os adultos maiores, adultos, jovens, adolescentes e crianças.

São cinco setores desde a perspectiva etária que podem estar presentes com interesses diferentes em cada dinâmica comunitária. É importante destacar que para ser um Setor com Interesses em Jogo (SIJO) não é preciso que estejam organizados, nem que sejam conscientes de pertencer a tal setor. Só que entrem na categoria.

Existem SIJO específicos de uma dinâmica comunitária ou de uma prática de uma dinâmica comunitária. Por exemplo, na dinâmica esportiva, caso ser muito complexa, temos esportistas, organizadores e impulsionadores do esporte, donos ou chefes do clube ou equipe, as mães/pais dos esportistas e a torcida. Cada um desses tem os seus interesses em jogo diferenciáveis na dinâmica esportiva, e também interesses comuns: normalmente todos querem que a equipe da comunidade ganhe.

NOTAS DO CAPÍTULO

¹ Criações dos seres humanos são os edifícios, as máquinas e outros produtos da tecnologia, as obras de arte, as interpretações do universo e da vida, os sonhos compartilhados, e assim por diante.

² ULLOA FORERO, L. F. Las comunidades no son un trazo simple: quinta plática. In: Idem. Siete pláticas sobre las organizaciones de desarrollo hoy. Tegucigalpa, Honduras: Editorial Guaymuras. 2010. p. 113-145.

³ ULLOA FORERO, Luis Felipe. ¿Cuál comunidad es la que intervenimos, em qué y como?. Documento de trabajo do “Foro sobre la niñez y sus espacios naturales em el escenario de neoliberalización y globalización”. Save the children Noruega y Facultad de Humanidades de la Universidad Centroamericana. Managua. 30 Novembro até 2 de dezembro de 2004.

⁴ SACK, R. D. Human Territoriality: Its Theory and History. Press Syndicate of University of Cambridge (Vol. 7, Cambridge Studies in Historical Geography), 1986.

⁵ Tradução literal pelos autores. Você pode encontrar mais informação sobre os elementos da definição e sua história em ULLOA FORERO, op. cit., 2010.

⁶ “Complexa” em oposição a “superficial”

⁷ Você pode observar que vários dos nomes coincidem com os de dinâmicas comunitárias.

⁸ “Dinâmicas sociais” são as mesmas dinâmicas comunitárias, só que quando transcendem o limite do comunitário para espaços maiores, como o país.

⁹ ULLOA FORERO, L. F. De la responsabilidad y corresponsabilidad en las intervenciones humanas: sexta plática. In: Idem. Siete pláticas sobre las organizaciones de desarrollo hoy. Tegucigalpa, Honduras: Editorial Guaymuras, 2010. p. 147-153

¹⁰ LUCKMANN, T. Teoría de la acción social. Paidós. 1996. p. 14 e 37

¹¹ BOFF, Leonardo. O Cuidado Necessário. Rio de Janeiro: Vozes, 2013. p. 27

¹² Há um filme que ajuda a entender esta categoria de participantes: Le fabuleux destin d’Amélie Poulain (2001), Diretor: Jean-Pierre Jeunet. Roteiro: Jean-Pierre Jeunet, Guillaume Laurant,

¹³ GALEANO, Eduardo. Crónica de la ciudad de México. In: El libro de los abrazos. Tradução ao português do autor Luis Felipe Ulloa. 2006.

¹⁴ KLINE, Chris. Defender of justice Superbarrio roams Mexico City. World News. Story Page. 1997 Disponível em: <http://edition.cnn.com/WORLD/9707/19/mexico.superhero/> Acesso em: 12 de abril de 2015.

Em Inglês: “Superbarrio has become one of Mexico City’s greatest folk heroes. For the past 10 years, he has stood as the champion of the working class, the poor and the homeless”

¹⁵ RASCÓN, Marco. Veinte años de Superbarrio: La Jornada. México, 19 de junho de 2007. Disponível em: <http://www.jornada.unam.mx/2007/06/19/index.php?section=opinion&article=018a2pol> Acesso em 12 de abril de 2015. Tradução livre do autor Luis Felipe Ulloa.

¹⁶ BAKER, Jennifer. First Hologram Protest in History Held Against Spain’s Gag Law. Disponível em: <http://revolution-news.com/first-hologram-protest-in-history-held-against-spains-gag-law/> Acesso em 12 de março de 2015. Também conferir: Manifestaciones de hologramas contra la ley mordaza. Disponível em: <http://www.hologramasporlalibertad.org/#home> Acesso em 12 de março de 2015.

PARTE 2

O QUE É CADA DINÂMICA COMUNITÁRIA?

AGORA VAMOS CAMINHAR ENTRE AS DISTINTAS DINÂMICAS COMUNITÁRIAS DIFERENCIÁ-LAS E DEFINI-LAS. NOS CAPÍTULOS SEQUINTE, FOCAREMOS NAS PRÁTICAS E ATORES COLETIVOS, NOS ESPAÇOS FÍSICOS, NA PAISAGEM E NAS PARAVERNÁLIAS.

A TAREFA É SE PERGUNTAR
COMO ACONTECE CADA
DINÂMICA NA COMUNIDADE
QUE VOCÊ VAI EXPLORAR.

Em cada dinâmica comunitária vamos fazer uma descrição e uma argumentação desde a perspectiva que estamos tomando, sempre na busca de um bem viver, de estabelecer a busca permanente da tripla harmonia (a harmonia de uns com os outros, das pessoas com a natureza e de cada pessoa consigo mesma).

O leitor vai encontrar informação sobre outras grandes buscas em cada dinâmica e o que tem adquirido nela o caráter de sagrado, inviolável ou imprescindível. Vai ver listas – não completas – de práticas próprias das dinâmicas e dos momentos emblemáticos. Vai acompanhar-nos na enumeração de importantes espaços típicos para a dinâmica e o destaque de alguns protagonistas coletivos e individuais, e inclusive haverá menção para as ferramentas e roupas específicas da dinâmica, quando pertinente.

Mas é a observação no terreno que vai destacar quais são as crenças mais profundas nos diversos setores da comunidade e nos protagonistas que nela comandam a ação, e vai evidenciar qual a coerência da ação com aquilo que é mencionado como sagrado. Com a devida atenção podem ser detectadas sementes favoráveis para mudanças positivas.

1 - DINÂMICA JURÍDICO-POLÍTICA

Há quem pense que esta dinâmica só tem a ver com togas e advogados. No entanto, a política é um assunto de todos, bem como a lei. Fernando Savater¹ lembra que os gregos chamavam de idiotés ou “ilhado” quem não se envolvia em política, daí vem a palavra “idiota”.



Salón Boyacá do Congresso da Republica da Colômbia, em Bogotá.

O que é?

Entendemos a política de maneira muito simples, como a arte e doutrina referente ao governo dos Estados, que deseja a melhor organização possível da convivência social². Governar é visto como guiar ou dirigir. Governo como os sujeitos que guiam ou dirigem. Cidadania como o conjunto de cidadãos de um local ou nação, mas também como o exercício dos membros de um Estado, de seus direitos e deveres estabelecidos na constituição do país, sem sobrepassar os direitos humanos próprios ou de outros. Cidadão ou cidadã é aquele habitante de um estado, como sujeito de direitos políticos e que intervém no governo do país.



Jovens do MST durante manifestação política em Campina Grande (PB) - Brasil.

Dois sentidos

Forma a dinâmica política de uma comunidade aquele conjunto de ações já estabelecidas ou que estão começando a ser executadas com aceitação (“iniciativas”), para influenciar intencionalmente as políticas locais, na região, no país e internacionalmente. Elas se dirigem em dois sentidos: um é o da intervenção nas instâncias e funções dos governos locais e de outras esferas do governo; e o outro é o da busca intencional da aplicação e do respeito aos direitos humanos, seja no aspecto amplo, seja dos direitos de certos setores sociais em particular, como por exemplo, o das crianças e adolescentes. As duas tentam tocar a agenda pública.

As práticas na dinâmica

Aqui cabem os diferentes tipos de demandas e propostas, originadas em movimentos, partidos políticos ou em grupos particulares, incluindo os que foram iniciativas políticas e se desvirtuaram em algum momento do seu desenvolvimento. Uma lista incompleta de outras práticas vinculadas com a dinâmica jurídico-política pode incluir:

- A participação nas estruturas de governo e no sistema representativo com o exercício eleitoral e de seleção de representantes, campanhas, ação partidária e dos movimentos sociais e voto;
- A vigilância cidadã sobre a aplicação dos planos de governo;
- O monitoramento cidadão da criação, normatização, aplicação das políticas públicas;
- A expressão cidadã: disponibilização efetiva das vozes e interesses dos setores da comunidade e da comunidade nos espaços de governo e de decisão política, bem como nas ruas;
- A defesa dos direitos humanos (defesa legal, divulgação, alerta...) e dos direitos de segmentos específicos: crianças, mulheres, quilombolas, povos indígenas, ciganos, migrantes, LGBT, pessoas com necessidades especiais, etc;
- O monitoramento cidadão sobre a administração e uso dos bens públicos;
- Sempre o lobby, que inclui diversas atividades para influenciar decisões do governo.

As grandes buscas da dinâmica

Pode-se sintetizar, na busca do bom governo com boa participação de todos os setores, a partir da garantia dos direitos humanos, da natureza e dos povos, com um posicionamento muito firme contra a violência em qualquer parte da América Latina e do mundo e pela paz (“Para a guerra, nada!”, “Para-la-guerra-nada³⁹”). O que é sagrado, inviolável ou imprescindível na dinâmica jurídico-política? A Declaração Universal dos Direitos Humanos, a Constituição Nacional, as leis, os convênios

e acordos da comunidade e dentro dela. Esses instrumentos não podem ser violados, tampouco permitirem que outros os violem. Eles devem marcar o sentido e os limites das práticas na dinâmica jurídico-política e, desde ela, na vida da comunidade.

Momentos emblemáticos

Para conseguir o cumprimento, as pessoas da comunidade desenvolvem ou participam em diversos momentos emblemáticos, como os seguintes:

- As campanhas, que são muito diversas: há campanhas pelos direitos, campanhas pela defesa do local quando acontecem intervenções dos negócios transnacionais, e também as campanhas periódicas ou especiais nos períodos de pré-eleição;
- A manifestação local ou estadual (ruas e outros espaços públicos) como ação de pressão, protesto ou demanda comunitária;
- O momento de integração em movimentos sociais, redes ou outras iniciativas para expressar efetivamente a sua voz;
- O momento de integração em manifestações nacionais, sejam autênticas ou manipuladas pelas megaforças nacionais ou internacionais interessadas;
- Integração comunitária em tendências de mudanças constitucionais parciais ou integrais (Assembleias Constituintes);
- A greve;
- O Juízo jurídico formal ou alternativo;
- Em geral, o período eleitoral, momento de muita importância em todos os países da América Latina, sejam sua execução e seus resultados democráticos ou não.

Onde acontece (os espaços)

A vida jurídico-política acontece em espaços que estão parte no território da comunidade e outra parte fora dele: prédios e instâncias de governo; os tribunais e outros espaços jurídicos; as instalações dos movimentos sociais e partidos políticos; os espaços públicos (ruas, parques, praças, universidades públicas, campos de jogos); a mídia tradicional e alternativa; os espaços virtuais, as redes sociais e todos os espaços comunitários do jogo eleitoral.

Os atores principais

Tem sido visíveis como protagonistas coletivos no jurídico-político a direção comunitária geral ou de setores; as associações de habitantes do território, de educadores e de outros setores; os Comitês de Desenvolvimento Municipal, os núcleos locais dos partidos políticos e também outras organizações que tentam participar na comunidade; os movimentos urbanos e rurais da sociedade civil representados na comunidade; as redes de juventude; as distintas correntes do movimento estudantil; as sociedades de pais de família (às vezes) e outros. E como protagonistas individuais da dinâmica têm agido o representante (delegado, vereador, etc.), a liderança natural comunitária ou do povo, e/ou das organizações sociais, o chefe da organização ou diretor, o defensor dos direitos humanos.

Exemplos de setores com interesses em jogo, em uma situação de violência na comunidade:

1. Crianças vítimas de violência na comunidade;
2. Familiares das crianças vítimas;
3. Ativistas defensores dos direitos humanos;
4. Perpetradores de ações violentas contra as crianças;
5. Moradores com temor de testemunhar;
6. Representação do sistema jurídico legal na comunidade.



Venda de produtos típicos regionais em feira do Nordeste.

2 - DINÂMICA ECONÔMICO-PRODUTIVA

Você vê as pessoas no campo ou na cidade, com a sua roupa de trabalho, ferramentas e/ou máquinas pertinentes, e, quando afortunadas, com os implementos de proteção. Você então pensa na dinâmica econômico-produtiva, nos trabalhadores e seus espaços de trabalho tão diferentes: as pequenas propriedades rurais e os assentamentos, os agronegócios, as indústrias urbanas com proprietários tradicionais, e também as indústrias recuperadas pelos trabalhadores (como na Argentina), as oficinas ou lugares de conserto, as lojas e os pontos para conseguir clientes. Só que a dinâmica econômico-produtiva é ainda mais.

O que é a dinâmica?

Ela está relacionada com as práticas acontecendo na produção, transformação, distribuição e consumo dos bens na comunidade, e também dos serviços, com qualquer atividade que produza renda ou gere pagamentos, ainda vinculadas com as outras dinâmicas comunitárias.

Por exemplo, a organização de atividades recreativas por dinheiro. A dinâmica também inclui, para a maioria dos países latino-americanos, o fluxo de remessas do exterior que alimenta processos produtivos locais, como as remessas que saem do Brasil para a Bolívia, ou de São Paulo para uma agrovila.

As buscas

Na dinâmica econômico-produtiva, se falamos de construir uma trilha para um bem viver, três buscas fazem parte do desejável:

A primeira é que a produção local de bens e serviços satisfaça plenamente as necessidades locais, bem como gere, a partir dos excedentes, a possibilidade de adquirir, aquilo que se necessita, mas não é produzido localmente. Estamos falando de processos de transformação suficientes, uma distribuição que permita primeiro o acesso a eles por parte das pessoas da comunidade que podem precisar do produto ou atividade, e as práticas do bom consumo.

Outra busca é que aconteça afetando o mínimo possível a natureza, cuidando dela e sempre levando previsões para o reparo dela da melhor maneira.

E uma terceira, vinculada à produção de bens e serviços, também precisa acontecer em condições de cuidado das pessoas pelas outras pessoas e por si mesmas.

Destacamos na comercialização que quando a comunidade entra na decisão de “a quem nos voltamos para comprar”, para além dos critérios de menor custo e maior qualidade, aparece a proposta de considerar uma sequência de preferências de aquisição que vai do local à periferia, assim: consumir primeiro o que é da localidade; se não tem ou não tem mais, comprar o que tem nas comunidades vizinhas e no resto do município; só depois a escolha é do resto do Estado e, sucessivamente, do país, da América Latina, dos outros países que foram conhecidos como o “terceiro mundo” e, finalmente, o que produzem os países do Hemisfério Norte. É uma forma de solidariedade no consumo.

Propostas como essa são de interesse das zonas de produtores familiares ou vicinais, enquanto que, para as grandes multinacionais, a ideia é dividir as etapas e linhas de produção, buscando os países mais favoráveis para conseguir lucros importantes (é o caso da produção em diferentes países periféricos de diversos componentes e máquinas), e convencer de diferentes maneiras os órgãos de decisão de nossos países para obter condições muito

favoráveis. Geralmente, a priorização do consumo local – frente às forças do mercado capitalista – precisa ser subsidiada e defendida pelo governo e pode precisar de muita ajuda dos atores da dinâmica jurídico-política. No Brasil, acontece um exemplo positivo relevante: foi tomada a decisão política de que as escolas públicas consumam uma porcentagem da produção dos agricultores familiares locais, e isso tem acontecido.



Moringa, planta adaptada ao Semiárido brasileiro e com alto valor alimentar, medicinal e industrial.

Pensando em linhas de tempo, a economia da produção local é mais frutífera para os habitantes de uma comunidade quanto menos se dediquem meramente ao extrativismo e mais se possa processar localmente o que é produzido. Esta dinâmica é influenciada por condicionantes do mercado global e as tendências econômicas que imperam no país e no mundo, privilegiando o extrativismo e o consumismo, para gerar lucro. Cada vez mais pessoas entendem que o extrativismo, pensando em linhas de tempo, é uma forma de depredação das possibilidades futuras para a vida, e em consequência, a dinâmica econômico-produtiva também testemunha a resistência dos pequenos produtores, transformadores, distribuidores locais e as preferências dos consumidores mais bem informados, que não concordam com a proposta ainda hegemônica.

As grandes buscas

Achamos que é possível gerar os produtos e serviços necessários para todos viverem dignamente, em uma boa relação uns com os outros, das pessoas com a natureza e de cada pessoa consigo mesma. E então podemos ver como sagrado, inviolável ou imprescindível ao direito para um trabalho digno, as normas de trabalho e a tecnologia respeitosa das pessoas e da natureza. Só que, no capitalismo, também tem adquirido o carácter de sagrado o próprio dinheiro e na sociedade consumista de muitos países, o cartão de crédito.

Práticas

As práticas econômico-produtivas e a forma como são feitas corroboram quais são os assuntos sagrados, invioláveis na produção para uma comunidade específica e qual o tipo de credo que sustenta o sentido da dinâmica. Por exemplo, é diferente uma comunidade onde o geral é a agricultura familiar fundamentada em agroecossistemas, e um território ocupado por um agronegócio transnacional ou uma mina de ouro a céu aberto que contrata trabalhadores, que foram camponeses produtores nessa mesma terra, 10 anos mais cedo. Outros exemplos de práticas na dinâmica econômico-produtiva são:

- A produção de rebanhos caprinos;
- O artesanato (cerâmica do barro, de madeira, de couro, etc);
- A busca e venda de lenha;
- O trabalho na mineração artesanal;
- Diversos ofícios vinculados com a construção (pedreiros, eletricitas, entre outros);
- A venda nos mercadinhos ou nas ruas;
- O trabalho com moto táxis;
- A atividade dos motoristas;
- Os pequenos negócios de reparação (borracharias, mecânica de bicicletas, chaveiros, entre outros);
- Os negócios de gastronomia;
- A instalação e ministração de rotas turísticas na comunidade;
- Os empregos nos agronegócios, na indústria e no comércio;
- O emprego nas empresas transnacionais ou nacionais da mineração.

Momentos emblemáticos

Destacam-se nessas atividades diferentes momentos emblemáticos que podem incluir a negociação (compra-venda, troca), a contratação, o mutirão, a greve, a solicitação de crédito. Chegam períodos que mudam o ritmo e o tipo de práticas, e muitas vezes a atitude das pessoas envolvidas: são as distintas etapas no ciclo de produção e comercialização, com momentos de alta e baixa intensidade de trabalho. Na agricultura, grande parte deles ocorre relacionada com os ciclos da natureza, o tempo de chuvas e aqueles de estiagem ou situações de seca, que têm uma alta importância no Semiárido.

Protagonistas

São diversos atores os que participam. Dentre eles, têm sido visíveis como protagonistas coletivos nos bairros e comunidades rurais: o comitê de produção, o comitê de comercialização e o comitê de crédito; os grupos de mulheres produtoras; o grupo de jovens artesãos; a cooperativa, o sindicato, com destaque nas áreas rurais. Entre os protagonistas individuais da dinâmica econômico-produtiva da comunidade temos os produtores independentes, os comerciantes no mercado ou em pequenas lojas, os operários, os empregados e os trabalhadores informais.

Exemplos de setores com interesses em jogo em uma situação de mineração que vai iniciar:

1. Empresa mineradora (representantes negociando);
2. Ativistas ambientais das organizações sociais;
3. Jovens e avós da comunidade, em resistência;
4. Agricultores familiares da comunidade;
5. Fazendeiros com minerais em suas terras;
6. Delegados do governo.



Mulheres participam de oficina sobre construção do sonho bonito na comunidade

3 - A DINÂMICA DE INTERVENÇÃO NOS SERVIÇOS PÚBLICOS

O que é a dinâmica?

O Estado considera como seu dever assumir certas atividades denominadas serviços públicos, pois não é socialmente desejável que elas sejam regidas pelo setor privado (e, claro, também não pelas iniciativas estrangeiras). Essas atividades são destinadas a satisfazer a coletividade em geral, pois se tratam de prestações de utilidade e comodidade material. O Estado, portanto, coloca-nas sobre uma disciplina de Direito Público⁴.

As grandes buscas

Os cidadãos que impulsionam ações nesta dinâmica acreditam que o Estado deve exercer uma função de proteção de seus cidadãos, de sua cultura e do território, de forma soberana. Pela sua parte, as ações da dinâmica de intervenção nos serviços públicos fazem com que a comunidade conte com as condições necessárias para o desenvolvimento de todas as outras dinâmicas comunitárias.

Referências necessárias e protagonistas

O sagrado, inviolável ou imprescindível na dinâmica são as políticas públicas e os convênios. Eles são instrumentos para os protagonistas individuais e coletivos emblemáticos nesta dinâmica, como os ativistas e os organizadores. São visíveis como protagonistas coletivos a comissão de obtenção de serviços de água, eletricidade, internet, etc.; os coletivos de alfabetização, diversas comissões e coletivos como os “brigadistas da saúde”, na Nicarágua). No governo são atores importantes as Secretarias municipais/estaduais de obras, urbanização, ambiente, de segurança pública, etc. Muito frequentemente esta dinâmica, para ser eficaz, requer a integração dos protagonistas em espaços, instâncias, redes e outras estruturas de cobertura maior do que a própria comunidade.

Um dos resultados da Oficina no Assentamento Vitória, zona rural de Campina Grande (PB)





Mutirão de pessoas constroem cisterna calçadão

As práticas

A dinâmica compreende um conjunto de ações estabelecidas e iniciativas no campo da autogestão, buscando a execução, co-execução e demanda para melhorar as condições de vida dos habitantes ou de setores da população, direcionada para os serviços básicos (habitação, saúde, educação, água potável, saneamento básico, energia, comunicação, proteção, etc.), mas também a interação social. Inclui o monitoramento cidadão das autoridades e instituições responsáveis pelos serviços públicos e das empresas terceirizadas envolvidas; a mobilização para requerer provisionais de serviços

de água, eletricidade, internet, saneamento básico, iluminação, etc. Se convertem em momentos emblemáticos dela as campanhas para convocar a comunidade, a negociação com o governo, a mobilização para expressar as demandas; e sobretudo, o mutirão (veja foto) para resolver ou co-resolver. Os espaços de ação da dinâmica são os gabinetes das autoridades, os lugares públicos e espaços comunitários com problemas a serem resolvidos.

Exemplos de setores com interesses em jogo:

1. Mulheres da comunidade demandando;
2. Delegados dos partidos políticos na comunidade em oposição para as demandas;
3. Lideranças tradicionais em oposição para as demandas.



Lugar para busca de caminho espiritual

4 - A DINÂMICA ESPIRITUAL-RELIGIOSA

O que é a dinâmica?

Refere-se às questões mais elevadas como o que é transcendente para o homem e a mulher, bem como a setores da população. O que excede os limites, as ideias e conhecimentos ordinários.

A grande busca

A garantia de cada pessoa poder viver em harmonia com as próprias crenças e descrenças sem perigo para ele ou os outros e sem quebrar a ideia do Estado Laico.

As práticas são as diversas crenças

Nesta dinâmica as práticas incluem o conjunto de ações estabelecidas e iniciativas que incorporam as pessoas em diferentes vivências transcendentais, como as ações das religiões e as ações convergentes de diferentes religiões, e também ações transcendentais diferentes daquelas das religiões. São definidos como sagrados, invioláveis ou imprescindíveis na dinâmica os respectivos livros sagrados e/

ou as palavras dos portadores tradicionais da Mensagem e as representações físicas das divindades.

Desenvolvem-se em Igrejas, templos, centros de oração ou meditação, lugares sagrados, boa parte de suas práticas, como a oração, a festividade religiosa, o serviço sagrado em momentos especiais das pessoas (nascimento, puberdade, casamento, doença, morte, evocação), celebrações e rituais, a missa, o culto, entre outros.

Exemplos são os rituais de ligação, reconhecimento e gratidão para a “Pachamama”, nos Andes, a participação no Temazcal, no México, os espaços e momentos de meditação e crescimento espiritual, como a dança circular, as romarias enormes como aquelas ao santuário de Bom Jesus da Lapa, na Bahia. No caso do Brasil, estamos em um complexo contexto sociocultural que no longo período de catolicismo majoritário, monoteísmo cristão “moldado pela religião cristã com seus aspectos medievais e pelas inegáveis influências das culturas indígena, africana e judaica”⁵, apresenta agora um importante crescimento de novas opções religiosas e dos que se declaram sem religião. E ainda veremos mais, porque – seguindo a publicação anterior, fundamentada em (Teixeira & Menezes, 2009) – a diversidade apenas está iniciando⁶.

Os atores

Os participantes ou praticantes dão corpo para a dinâmica. São protagonistas individuais emblemáticos, como o cura e o pastor (judeu-cristãos), o pai ou mãe-de-santo (Umbanda), o pajé (Tupi Guarani, tapuias, Caraíbas), os médiuns (Espíritas), os sacerdotes-sanadores, as religiosas. E protagonistas coletivos como: congregações de diferentes religiões; Grupos para o crescimento pessoal; Comitês da Igreja e as Comunidades Eclesiais de Base (CEB's).

Momentos especiais

São momentos emblemáticos a profissão de fé específica e atividades conexas (catolicismo, igrejas evangélicas, espiritualismo, religiões afro-brasileiras, etc); aquelas outras de conexão com seres poderosos, ou com a Pachamama, e espaços de crescimento espiritual.

Exemplos de setores com interesses em jogo:

1. As autoridades das diversas religiões;
2. Organização para o estado laico de jovens céticos da comunidade.

5 - A DINÂMICA RECREATIVO-FESTIVA

O que é a dinâmica?

Trata do divertimento, do latim *divertere* ou afastar-se, que ajuda para a renovação porque o corpo e a mente são revitalizados quando as pessoas tomam um tempo para fazer outras coisas, no interior da comunidade.

As grandes buscas traz a dinâmica

O rir e o sorrir, produto do divertimento coletivo, tem um poder de revitalização e de cura das relações intracomunitárias e impulsionam a sinergia e a capacidade criativa, e ainda demonstram, de maneira vivencial, a face bonita da cultura local para as pessoas oriundas de outras culturas.

As grandes festas e as festas comunitárias

Para quem vive no Brasil, pode surpreender a força de suas grandes festas. A primeira delas, o Carnaval como uma festa maior, com suas manifestações nos distintos estados, e que acontece durante os quatro dias anteriores à quarta-feira de cinzas, quase para iniciar o período católico da Quaresma. No Nordeste, “o Maior São João do Mundo”, que ocorre todo mês de junho, na cidade de Campina Grande-Paraíba; e no Amazonas, o Festival Folclórico Anual de Parintins, que acontece em todo final de junho.

Há ainda outras festividades e as mesmas festividades em outros espaços. Nas áreas rurais, nas pequenas cidades e em alguns bairros tradicionais das grandes cidades, as celebrações que sobrevivem têm um espírito de maior proximidade, de contato entre as pessoas que já têm algo em comum, e assim formam uma comunidade. É então um momento de ratificação e celebração dos laços. Nessa categoria estão inseridas as festividades pelo padroeiro, personagem, geralmente um santo, que a cidade adotou como protetor, com maior ou menor participação democrática dos moradores.

Podemos mergulhar nas práticas e nos elementos da dinâmica recreativo-festiva, nas comunidades e nas grandes festividades do país ou das regiões porque elas concentram quase tudo o que pode acontecer: os espaços, os atores e setores com interesses em jogo (SIJO), as parafernalias e as práticas, as regras, a intervenção do mercado e o sentido.



Grupo de jovens em Carnaval de Campina Grande (PB)

Espaços para a recreação

Os espaços físicos de recreação podem ser criados exclusivamente para a festa ou adaptados do que já existe para outras atividades. A festa de São João que ocorre no Parque do Povo, em Campina Grande, como os sambódromos, são exemplos de lugares preparados especificamente para os momentos das festividades, sobretudo nas cidades. De forma paralela, também estão os espaços e brinquedos instalados nas ruas, parques e outros espaços públicos, ou o aluguel de espaços privados (em troca de um pagamento).



Festa tradicional de São João no Nordeste com encenação de "casamento matuto"

Atores

São protagonistas nas atividades o Conselho de Festividades (como nas celebrações do padroeiro), equipes de recreação, e as Secretarias de Esporte, Cultura e Lazer do Estado, assim como a mídia. Os protagonistas individuais: os brincantes, os animadores, o mordomo da festa, a noiva, etc.

Uma grande diversidade de práticas e parafernalias

Há intervenção da dança e da música, jogos e brinquedos, bem como rituais específicos. Podem ser vistos os objetos e a roupa especial para cada ocasião. Os disfarces alusivos e os ornamentos mostram a criatividade, os temas e as tendências dominantes, e estão os instrumentos e equipamentos para jogar (Bola, corda). Não falta a gastronomia. Há pratos, ingredientes específicos, maneiras de preparar, de servir para o momento que dependem do que já

está sendo tradicional, ou o que logra impor o mercado.

O mercado faz presença

Acontece que as grandes festividades já foram tomadas por grandes empresas para anunciar seus produtos de tal forma que os anúncios saturaram os espaços e momentos de diversão. A negociação de contratos de preferência é um aspecto relevante hoje na preparação dos eventos. Há tendência a que nesses convênios os pequenos comerciantes que tentam conseguir algum ingresso para a família, expressam com frequência que são excluídos ou encurralados nos espaços menos frequentados pelas pessoas que poderiam pagar por suas mercadorias.

Suas regras

Na dinâmica recreativo-festiva há práticas desde verdadeiramente medíocres e corruptoras, até as de alta qualidade e verdadeiramente construtivas, passando pelas distrações simples e outras diversas combinações. Destacamos então que a manifestação da recreação e das festividades tem também as suas regras de comportamento ou de jogo, que devem ser respeitadas pelos brincantes para conviver apropriadamente com os demais e garantir que a festa continue como o que é: um divertimento. Parte delas tem a ver com os mínimos da convivência explicitados pela municipalidade e a polícia; outra parte são as orientações específicas destacadas pelos organizadores.

Sobre o sentido da dinâmica recreativo-festiva

Nas ações recreativo-festivas comunitárias há uma ameaça. As iniciativas criativas nestes espaços comunitários são progressivamente mais marcadas pelas atividades centrais, nas cidades capitais e toma mais força a ideia da competição. Os jovens preparam a sua apresentação local pensando em conseguir vencer aos outros competidores, e se apresentarem na atividade de fechamento, na cidade, o que é positivo, mas então são padronizados pelas normas para as competições e as orientações das fontes de financiamento, que reconhecem nessas iniciativas a possibilidade de uma maior publicidade para elas.

Dos perigos

A dinâmica recreativo-festiva pode complementar muito bem outras dinâmicas, só que é uma intervenção que deve ser cuidadosa, apoiando o que as outras dinâmicas buscam. Se a comunidade quer celebrar um triunfo esportivo, com a presença das crianças, e termina tudo em uma briga, não é bom para a formação dos meninos e meninas. Confunde-se! Quando as ações da dinâmica de memorização são transformadas exclusivamente em ações de divertimento, elas perdem seu carácter e podem passar a ser práticas de alienação. Parte da dinâmica recreativo-festiva nas comunidades não é da comunidade. Como acontece com a programação da TV, cuja tendência é para o consumo familiar ou individual. Mas pode ser utilizada de forma comunitária, como ocorre nos jogos de final de alguma copa de futebol, quando é instalada uma grande janela em um espaço público, e são disponibilizadas mesas para os participantes se reunirem comodamente. É questão de iniciativa dos protagonistas comunitários.

E falando da TV, é o momento de ressaltar que também se insere na categoria “dinâmica recreativo-festiva” o que é inoculado como entretenimento pela mídia globalizadora e as empresas de divertimento. Uma parte pode se destacar pela criatividade e a qualidade técnica, que seguem diversas estratégias de mercado. Primeiro são vendidas para consumidores seletos, que pagam muito, e logo vão sendo oferecidos os episódios “velhos” para o grande público, em momentos estratégicos, para criar o desejo de comprar a nova programação. E assim as comunidades encontram novos desafios, para evitar que suas manifestações sejam apagadas pelo que é apresentado como moderno.

Uma dinâmica aberta

Nessa dinâmica é bom encaixar esforços para que os participantes locais se encontrem com iniciativas recreativas de outras culturas, como o jogo de cabelos entre mulheres (“burúde j dai”), na cultura emberá, do povo Emberá-Nonan, no trópico úmido, na província de Chocó na Colômbia⁷.

Exemplos de setores com interesses em jogo:

1. Proprietário do local de festas na comunidade;
2. Jovens;
3. Mães e avós preocupadas;
4. Educadores na escola comunitária.



Meninos e meninas jogam em escola pública

6 - A DINÂMICA ESPORTIVA

Se você já saboreou o gosto que dá uma medalha ou um troféu esportivo, será fácil entender o que significa a dinâmica desportiva, e se sentiu a angústia desafiante que aparece antes de começar uma competição, certamente vai reconhecer com facilidade seu poder formativo. Não precisa de mais palavras.

O esportista da comunidade que se destaca fora dela, hoje é um herói-esperança, um protagonista que vai ser o embaixador da comunidade ou do bairro. Só quando ele ou ela menciona sua origem, emociona aos antigos vizinhos.

Hoje o esporte é levado mais a sério. Os Jogos Olímpicos, os campeonatos mundiais e regionais; as transmissões ao vivo de um continente para outro; o destaque dos heróis de hoje nos meios de comunicação; os fabulosos lucros corporativos e de certos jogadores que tinham vivido em condições semelhantes àquelas em comunidades urbanas e rurais dos espectadores; os esforços governamentais para estimular a atividade esportiva, por razões sinceras, ou pelo reconhecimento dos partidos políticos do efeito nas eleições dos sucessos desportivos locais, nacionais ou internacionais.

Tudo isso junto tem incentivado muitos jovens a querer ser atletas famosos. Há buscadores de futuros campeões, observando competições nacionais e locais, para negociar como mercancias

os atletas novatos com potencial. E mais pais também desejam ter um filho esportista que resolva a situação econômica de todos na família e o anonimato. Bom, isso acontece especialmente em alguns esportes como o futebol, o basquete e já pode estar começando a acontecer no voleibol masculino e no feminino. Embora foi uma ilusão frustrante para muitos no boxe.

O que é a dinâmica?

As práticas esportivas são realizadas por pessoas, contam com regras definidas, sempre implicam em competição entre equipes, entre pessoas ou a si mesmos, e requerem esforço físico ou motriz e, em outros casos, agudeza mental. As práticas desportivas (esportes) podem ser atléticas, de combate, de superação de animais, de bola, de corrida de carros e de inteligência. A dinâmica esportiva é o conjunto de atividades já estabelecidas ou de iniciativas comumente entendidas como “esportivas”.

A necessidade de se associar

Quando se trata de competições, a parafernália para o esportista é ampla, e geralmente é preciso se integrar em centros, equipes, clubes que consigam o necessário para que defenda as suas insígnias: é muito caro pagar individualmente por uniformes esportivos e identificações de pertencimento (“a camiseta”), roupas apropriadas para o treinamento, implementos de proteção pessoal, instrumentos de medição (o cronômetro, a fita métrica, e assim); instrumentos, aparelhos e equipamentos para praticar o esporte específico (bicicleta, bola, sapatos esportivos...) e os aparelhos para treinamento.

As práticas desta dinâmica são os esportes

As práticas na dinâmica esportiva incluem os esportes reconhecidos e os que são incluídos na realização de ligas e torneios internacionais, como o futebol, natação, ciclismo, xadrez, etc. Mas também abrangem os não-tão-reconhecidos, como a corrida de jegues (jumentos, etc.) no Nordeste do Brasil. Há alguns ainda debatidos como o Circuito de Vaquejada, e outros mais locais, mas não menos importantes, como o



Time de futebol feminino na Paraíba - Brasil



Divulgação de esporte tradicional do Nordeste

“banecoco” (“salto de bejuco” ou “Salto em liana”), o “untúway” (trepada de árbol” ou “subir em árvores”) do povo Emberá-Nonan, no trópico úmido, na província de Chocó, na Colômbia⁸. É comum que este tipo de práticas esportivas seja subestimado pelos legitimadores oficiais. Elas são nomeadas facilmente como “jogos comunitários” ou “atividades recreativas”. Aqui há um dos desafios a considerar para a descolonização do pensamento e das categorias na nossa América Latina.

A ação nos diferentes esportes passa pela prática do esporte mesmo (a competição, o jogo), o treinamento e as campanhas para captação de esportistas e apoio.

Os protagonistas

Se os esportistas são os protagonistas mais importantes nesta dinâmica, então estão os treinadores. Os principais protagonistas coletivos na dinâmica esportiva são as equipes de esportistas, e logo vêm os responsáveis pelas estratégias para impulsionar o esporte, como os conselhos de direção em esportes; as associações de atividades desportivas: Associação Brasileira de Vaquejada; os centros por uma vida saudável; as escolas de esporte; as torcidas e os arruaceiros, e no Estado, a Secretaria de Esporte, Cultura e Lazer.

As grandes buscas

Nós temos a convicção de que cada pessoa deve ter a oportunidade para exercitar-se no esporte que gosta e com outros que também gostam dele. O sagrado, inviolável ou imprescindível na dinâmica são os regramentos do esporte, o plano de treinamento, o uniforme (“a camiseta”, no caso de futebol, voleibol, etc), as insígnias e, necessariamente, os esperados troféus e medalhas.

Exemplos de setores com interesses em jogo: (em uma discussão pela utilização do campo esportivo da comunidade em certas horas):

1. Jovens homens;
2. Jovens mulheres, que querem formar uma equipe pela primeira vez;
3. Adultos maiores que buscam utilizar as instalações.



Crianças da zona rural em momento de criação artística

7 - A DINÂMICA ARTÍSTICA

O que é a dinâmica?

É o conjunto de práticas das pessoas da comunidade, nas quais incorporam as suas habilidades e a sua imaginação criativa para produzir feitos e objetos estéticos.

Nós podemos referir a ‘arte’ a partir da visão de Jaime Jimenez Cuanalo (2013)⁹, como um processo de manipulação de estímulos sensoriais que cria formas novas estáveis. O público interpreta a forma nova até produzir ou afirmar conceitos. Assim, a arte é o processo, não o produto, e o processo mesmo é de síntese de novas formas a partir da observação intuitiva dos fenômenos e sua representação.

As práticas

As práticas da dinâmica artística podem se entender como as diferentes “artes” que desenvolvem algumas pessoas e grupos da comunidade que chamamos “artistas”. Eles são os protagonistas emblemáticos desta atividade.

Aqui incluímos manifestações como a pintura e o desenho, a poesia e a narrativa, o teatro em todas as suas formas, a música, a dança e o canto, a escultura, a fotografia, o vídeo e o cinema. Esta dinâmica inclui tanto a criação dos artistas, como o encontro de setores das comunidades com as obras artísticas através de mostras, exposições vivenciais, expo-foros, apresentações, conversatórios com os criadores, percursos de familiarização artística e intercâmbios entre artistas.

Os atores

Os protagonistas coletivos são os grupos artísticos, as casas de cultura, as associações e grupos de ativistas em arte: dança, teatro, canto, literatura, música, artesanato, etc., os Grupos folclóricos; as Escolas de arte; e institucionalmente, as Secretarias de Esporte, Cultura e Lazer do Estado. Os críticos de arte podem ter um efeito importante.

Das emoções e os espaços

Os artistas vivem a arte com distintas intensidades, em diferentes momentos: na criação; no momento de se expor, quando a entrega da obra através da apresentação, mostra de arte ou publicação, que geram o reconhecimento público, a desaprovação, ou a indiferença (o pior), seja na comunidade ou fora dela. Seus espaços típicos são as salas de apresentação e as de teatro, as

galerias, os centros culturais, os espaços públicos, a mídia alternativa e a mídia local, bem como outras mídias.

As grandes buscas

Nós temos a convicção de que cada pessoa deve ter a oportunidade de desfrutar e desenvolver as atividades de expressão artística que prefere e de aperfeiçoar e compartilhar seu trabalho. A comunidade precisa se convencer que a criação artística precisa ser respeitada e subsidiada, mas são os artistas os que devem ganhar o seu lugar. As lideranças e outros protagonistas comunitários – e os governos – contribuem quando buscam de diferentes formas o acesso dos interessados para as distintas técnicas artísticas, as escolas e correntes, e com as grandes obras.

Exemplos de setores com interesses em jogo:

1. Artistas instalados na dinâmica do bairro;
2. Artistas jovens que buscam acesso;
3. Mães que tentam acesso de suas crianças para a casa da cultura;
4. Grupos de promotores de arte responsáveis pelas instalações e materiais;
5. Setor religioso extremo que considera a arte uma atividade pecaminosa.

8 - A DINÂMICA INTELECTUAL

Apenas fundamentados em um bom dicionário, podemos descrever o intelectual como o que tem a ver com a inteligência, ou a faculdade e capacidade de aprender, apreender, compreender e de adaptar-se facilmente¹⁰. O questionamento, como exercício da faculdade de perguntar e de se perguntar, individual e coletivamente, constitui-se em ação fundamental nesta dinâmica.

A nossa convicção para explorar a dinâmica intelectual chega do direito das comunidades para refletir sobre a vida e as situações, para gerar e receber subsídios apropriados (de conteúdo, metodológicos, materiais e outros) que permitam fazer as discussões internas necessárias; chega do poder legítimo para dialogar com especialistas da academia e dos centros de pesquisa, bem como subsidiar e orientar, quando pertinente, o trabalho deles na construção de propostas. Chega também da evidente necessidade de acesso das pessoas a amplas oportunidades de aprendizagem ao longo de toda a vida, não para uns poucos, mas para todos e todas.



Pesquisadores e técnicos discutem no Insa dinâmicas comunitárias do Semiárido

e dinâmicas da vida comunitária.

O conceito “dinâmica intelectual” fala também dos intentos de compreensão das relações de um consigo mesmo, de uns com os outros, e de todos com o entorno. Ele ajuda a assumir posições e transformar o que precisa ser transformado na comunidade, em seu entorno e na sociedade.

Duas grandes vertentes da dinâmica intelectual

Há duas grandes vertentes na dinâmica intelectual. Uma que se relaciona com a educação e outra focada no resgate e construção do conhecimento. Vamos lá.

a. A primeira se relaciona com a educação, seja formal (ou escolarizada), seja educação não escolarizada, que se associa à “capacitação” dos moradores. Nela, os protagonistas individuais

O que é a dinâmica?

Esta dinâmica inclui ações estabelecidas e iniciativas que se centram no exercício do pensamento local sobre a vida local, e no encontro crítico de setores da comunidade com as propostas intelectuais relevantes sobre a interpretação do sentido da existência, do traçado de rotas e estilos para enfrentar a complexidade da vida, que se desenvolvem nos âmbitos nacional e internacional, e também no desenvolvimento da ciência, da tecnologia e da inovação, em resposta aos desafios atuais e potenciais nos diferentes aspectos

emblemáticos são, por uma parte, o professor típico, o capacitador e, finalmente, o educador que também é educando (Educador-educando) quando falamos da Educação Popular; por outra parte, o estudante, o capacitando e o educando-educador, se falamos da Educação Popular.

Nesta vertente, distinguimos como momentos emblemáticos a aula e o curso, a sessão de reflexão do coletivo ou núcleo e o círculo de estudo; nos espaços mais padronizados, a palestra e, às vezes, outras formas magistrais com maior participação; e nos espaços mais dialógicos, outras formas reflexivas, como a oficina, as células de reflexão, a expedição científica e o CoCo (Exercício de Concerto e Construção Coletiva de Conhecimentos).

b. A segunda vertente da dinâmica intelectual engloba ações para resgatar e construir conhecimentos, informação e inovações, nas mãos e inteligências das pessoas da comunidade ou de ‘especialistas’. Temos então como protagonistas individuais emblemáticos os pesquisadores de

molde acadêmico das universidades e centros de pesquisa, os pesquisadores comunitários como os agricultores experimentadores, e os inovadores populares (agricultores experimentadores, trabalhadores urbanos experimentadores e jovens inquietos intelectualmente).

Nesta vertente os momentos emblemáticos são outros: a pesquisa e o experimento; os testes e pilotos; as revisões de experiências; a publicação, tão demandada pelos centros; a discussão científica. Nos espaços mais padronizados, a palestra e o momento de comunicação interpessoal dos pesquisadores mais reconhecidos, e nos espaços mais dialógicos a oficina chega com

um maior destaque. Há outros que também privilegiam a reflexão e também aparecem na vertente educativa: as células de reflexão, a expedição científica e o já mencionado CoCo¹¹.

Espaços para o exercício da dinâmica intelectual

Sabemos que, na comunidade, a escola é um centro da maior importância para a atividade intelectual e para outras atividades das diversas dinâmicas comunitárias, mas temos também outros espaços, nas duas grandes vertentes da dinâmica intelectual, que até hoje distinguimos. São também centros da dinâmica intelectual na comunidade o agroecossistema de uma ou outra família de agricultores, e o lugar de trabalho dos operários urbanos; todos os espaços onde acontecem as outras onze dinâmicas comunitárias; o centro cultural da comunidade; os espaços públicos; e fora da comunidade os espaços de formação dos movimentos sociais; os centros de educação escolarizada, as instituições federais de pesquisa e suas instalações, a partir de convênios com suas autoridades e outros.



Conclusão de Curso de Especialização com lideranças de movimentos sociais do campo

Na busca do diálogo de saberes e de expectativas

Os processos de educação formal e informal, as aulas e processos especiais, a capacitação, as iniciativas de pesquisa, as campanhas de alfabetização e todas as práticas da dinâmica intelectual na comunidade é esperado que sejam iniciativas produto de um diálogo sinérgico entre os setores internos da comunidade, os seus portadores de sabedoria popular, os centros e instituições de formação e aqueles que fazem ou impulsionam a ciência, tecnologia e inovação¹². É então quando os protagonistas coletivos pertinentes podem contribuir com o melhor que têm dentro dos processos sinérgicos. É a esperança com os núcleos de interesse nos centros de educação formal e de pesquisa, ou nas organizações da sociedade civil; com os coletivos de estudo, reflexão e pesquisa; e também com os de alfabetização; com o movimento estudantil, com a associação de pais e a associação de educadores, nos diferentes níveis e com a sua representação nas comunidades.

Nossa grande busca: uma ética do cuidado

O que é sagrado, inviolável e imprescindível na dinâmica intelectual, nos atuais momentos da América Latina e do mundo, é a necessidade de aplicar uma ética que parta de se posicionar, cada participante nas práticas da dinâmica intelectual, como ser humano livre, e responsável na relação com o cuidado da natureza, o cuidado dos outros e o cuidado de si mesmo. As ameaças para esta ética e outros compromissos chegam da aceitação acrítica de um padrão típico de vida profissional, mais formal que prático, da angústia da classificação como resultado de cada novo teste de avaliação e da preocupação extrema pela certificação.

Dos perigos

Grandes riscos para o exercício da dinâmica intelectual na América Latina nascem da colonização do pensamento, gerada no Hemisfério Norte; na sobrevalorização do “próprio” discurso e diminuição do discurso de outros; e na deificação do referencial teórico e de seus autores-estrelas.

Exemplos de setores com interesses em jogo:

Na comunidade educativa:

1. Estudantes;
2. Professores ativos;
3. Administrativos;
4. Familiares dos estudantes;
5. Lideranças da comunidade;
6. Maestros aposentados na comunidade;
7. Sábios da comunidade (conhecimento popular).

9 - A DINÂMICA DA MEMORIZAÇÃO

Você pode ver no Brasil a celebração da resistência dos quilombolas e dos “palenques” na Colômbia; em vários países de América Latina os momentos de memória dos desaparecidos e vítimas das ditaduras e vítimas das ações encobertas de governos e exércitos se apoiando em forças paramilitares; um povo indígena faz uma cerimônia para convocar o apoio dos antepassados; os mexicanos cada ano disponibilizam alimentos e bebida para uma reunião, em público e em privado, com seus parentes mais queridos que regressam cada “dia de muertos”; na Nicarágua foi muito importante por muitos anos reviver o “Repliegue táctico de Masaya”, do 27 de Junho de 1979. São práticas cheias de significados e emoções para uns e incômodas para outros.

Estamos convencidos de que as pessoas devem ter a liberdade e a possibilidade de registrar e lembrar os momentos e personagens fundamentais para si e para a comunidade. Mas não é só por voltar para a história, e não é tão fácil, como veremos nos próximos parágrafos.

Não é fácil

Há uma luta entre a necessidade de lembrar para manter certos valores, afirmar uma identidade e continuar na busca de uma vida digna, e a possibilidade da vitória do esquecimento ou do desvirtuamento dos sentidos originais. É uma coisa diferente lembrar e festejar o descobrimento da América pelos heróis da Espanha e Portugal, ou com atenuantes “A chegada” deles, que lembrar a invasão destas terras pelos depredadores do Hemisfério Norte.

A ameaça chega de várias fontes

Certamente a desmemória é propiciada pela vida rápida e as necessidades imperativas de fazer coisas e mais coisas, para cumprir com os padrões aprovados. Vemos a invasão de novas informações que chegam uma atrás da outra de tal forma que a nova informação pronta fica misturada e confundida entre as outras. O novo, ou com aparência de novo, fica como o importante. A partir desse fenômeno Zygmunt Bauman cunhou o conceito da liquidez, da “vida líquida”¹³.

Viver o momento é o importante, voltar ao passado é perda de tempo e assunto de idosos ressentidos, e sonhar futuros não faz sentido, porque eles já estão predefinidos por forças poderosas. Você só deve atuar conforme os padrões e tomar alguns dos pacotes. Só isso. Acontece que para os jovens inconformados, os “rebeldes”, há uma oferta especial de “desafios”, nos filmes, na literatura comercial e em geral na mídia. Eles podem sair da rotina e da sensação de vazio, passando por experiências de risco extremo (experiências “EX”), que de modo algum questionam as relações de poder hegemônicas. É uma forma de “ser” convidando a adrenalina, sem ameaçar o *status quo*, nem o poder dos responsáveis. A indústria do lazer tem para eles toda classe de ofertas, perto das universidades, nos espaços mais atrativos da cidade. A mídia faz a sua contribuição quando trata a vida cotidiana como um espetáculo. Há setores da sociedade que buscam o esquecimento ou o desvirtuamento de momentos da história usando todos os meios possíveis, porque elas – e/ou seus familiares, seus negócios ou associados – foram parte interessada, causantes ou cúmplices,

das graves situações que causaram danos a outros e porque ainda desfrutam de benefícios pelo acontecido em tanto as vítimas ainda são vítimas, o que pode gerar, além de vergonha, ações legais, econômicas, e de visibilidade pública do acontecido.

O desvirtuamento acontece alterando o sentido original do ocorrido, seja disponibilizando persistentemente celebrações que vão mais pela festa, que pelo conteúdo original, sem destacar o essencial, ou diretamente mentindo. Por exemplo, as festividades do padroeiro já são uma atividade que pode entrar ou não na dinâmica da memorização ou do recreativo-festivo, dependendo de como seja desenvolvida.

Primeira resposta: o resgate

Nestas circunstâncias são parte importante da dinâmica da memorização as práticas de resgate de episódios importantes da vida comunitária, como do registro dos acontecimentos atuais que se mostram relevantes para o futuro. Os protagonistas da recuperação abordam os testemunhos sobreviventes, estudam os vestígios e as evidências, usam aparelhos de registro e comunicação, propiciam exercícios de revisão da história recente, e usam sua capacidade de reflexão e interpretação para reconstruir.

A história de olvidos provocados ressalta, também, a importância como parte da dinâmica de memorização, de registrar apropriadamente o que deva ser registrado hoje para alimentar as lembranças no futuro.

O poder da memorização

A dinâmica comunitária de memorização ressalta como um importante mecanismo de resistência e coesão para se proteger de novas intervenções prejudiciais para a comunidade. Por exemplo, contra as ameaças e os esforços de avanço do extrativismo, como destacam as pesquisadoras, já citadas nestas páginas, Claudia Composto e Mina Lorena Navarro¹⁴.

Ela também permite ligar intencionalmente as ações de hoje, primeiro com a história e a identidade da comunidade, em um esforço para (re)criar e afirmar e, além disso, com os sonhos coletivos de futuro comunitário, subsidiando a sua construção. E tem mais.

As práticas da dinâmica comunitária de memorização

Segundo a historiadora Rosilene Cassiano Silva Alves de Lima, “a dinâmica pode acontecer para o resgate do que está quase perdido; a recuperação do que está quase escondido em poucas fontes; a preservação do que está disponível; o registro do que está acontecendo; a divulgação entre as comunidades, a sociedade e as comunidades científicas; e para facilitar/impulsionar a reflexão para utilizar a história como afirmação da identidade buscando mudar as coisas, buscando outro mundo melhor”¹⁵.

Momentos emblemáticos da dinâmica são as comemorações, as místicas, as caminhadas na memória, os pernoites artísticos de memorização e as campanhas de memorização e denúncia.

Dicas sobre o como fazer

Ana Maria Careaga (2014)¹⁶, a partir de autores como Luis Gusman (Gusman, 2005) e Osvaldo Delgado¹⁷, destaca o direito dos sobreviventes para recuperar cada nome que tentavam suprimir, e também o “direito à morte por escrito” dos heróis. Por isso, a importância de pronunciar os nomes dos mortos, em voz alta, e de lhes incorporar nos monumentos comunitários ou memoriais, para trazê-los para a vida.

Os participantes vão combinar vários elementos que incluem uma parafernália específica, roupa especial e ações que contribuem para destacar a memória e a importância do que se está lembrando. As ações podem ser dança, música, formas de expressão, atividades lúdicas, rituais específicos, entre outros. Cada objeto e conjunto de objetos têm um sentido. Na América Latina, muitas “místicas” e outras ações focam na recuperação e preservação da memória, para lembrar das resistências das lutas, dos sucessos, das pessoas desaparecidas. Nessa dinâmica se encaixam os esforços para que os participantes locais se encontrem com eventos comemorativos de outras culturas e possam vincular o que aconteceu então lá com o que acontece hoje e o que ocorre ou ocorreu em outras partes e no entorno

Os atores

Os protagonistas principais desta dinâmica são os guardiões da memória, os sobreviventes, os parentes das vítimas, os testemunhos e os interessados na história da comunidade. Eles percorrem os espaços virtuais e públicos, estabelecem centros e monumentos da memória popular e museus, reproduzem as trilhas dos heróis ou dos acontecimentos, falam e ascendem às redes sociais, à mídia alternativa e, se possível, à mídia tradicional, para fazer conhecer o acontecido.

Dentre os protagonistas coletivos da dinâmica de memorização, podem-se incluir os grupos de historiadores locais; as comissões de recuperação da memória, as organizações de vítimas, o conselho de festividades do padroeiro, e pelo governo, a Secretaria de Esporte, Cultura e Lazer do Estado.

Exemplo de setores com interesses em jogo:

1. Vítimas sobreviventes e parentes delas;
2. Parentes das vítimas não sobreviventes;
3. Outras testemunhas;
4. Perpetradores e cúmplices;
5. Ativistas da memória e dos direitos humanos;
6. Os indiferentes.





Área degradada no Semiárido da Paraíba - Brasil.

10 - A DINÂMICA AMBIENTAL OU ECO-PROTETORA

Graças a pesquisas e publicações sérias que apresentam propostas, sabemos que a erosão no quintal de um agricultor, pode ser gradual e lenta, e só ao longo de 10 a 20 anos, vai entender que chegou uma marca irreversível e triste para sua propriedade. Tarde. E sim, são graves os prejuízos à produtividade, à integridade do ambiente e à qualidade de vida por este processo “através do qual as partículas

mais finas e ativas do solo, no aspecto físico, químico e biológico, são deslocadas e removidas para outros locais pela ação da água ou do vento”. Ao longo dos anos, vamos ter redução da área agricultável, baixo rendimento das culturas e assoreamento de rios e reservatórios, e ainda muitas pessoas não entendem o que significa o solo, e o perigo de perda do solo tão importante que está acontecendo¹⁸.

Sabemos também que a desertificação é um processo que toca a segurança nacional, passível de ocorrer nas zonas de clima seco de todo o mundo, mas que no Brasil se restringe ao Semiárido. É “um processo cumulativo de degradação ambiental, que afeta as condições econômicas e sociais de uma região ou país, ao mesmo tempo em que reduz continuamente a superfície das terras agricultáveis, faz com que a população desses locais ocupe novos territórios, em busca de sobrevivência”. Soluções? Segundo Aldrin Perez-Marin (2014)¹⁹ há que fazer os esforços para mudar as causas e não as consequências. É preciso “mudar o comportamento social, econômico e político da sociedade em que vivemos”.

A estiagem é “um período no qual não ocorre a quantidade de chuva esperada”. O que pode acontecer todos os anos, como no Semiárido de junho a dezembro, baixando os níveis das águas nos rios. E a seca é “o despreparo frente à estiagem, causando o seu prolongamento”, o que provoca grandes prejuízos sociais, econômicos e ambientais²⁰.

São três exemplos. Em termos gerais, hoje os leitores normalmente não precisam de muitas falas sobre a importância da degradação ambiental, para “se conscientizar” sobre o problema. Todos já sabem do problema, mas ainda há uma boa dose de ignorância de indecisão sobre como agir especificamente. E neste caso, como em outros. O agir tem que ser específico da dinâmica ambiental ou eco-protetora, mas sempre integrando cada uma das outras dinâmicas comunitárias. A pergunta na comunidade que nos ocupa no momento é:

Como podemos contribuir para solucionar ou superar a situação de deterioração ambiental, desde as dinâmicas jurídico-política; econômico-produtiva; de intervenção nos serviços públicos; espiritual-religiosa; recreativo-festiva (lazer); esportiva; artística; intelectual; da memorização; pela

vida saudável e o pamãxepakirã, e a dinâmica para evitar a exclusão, violência e delito?

A nossa busca

O respeito necessário, pela Pachamama. Se não buscamos um bom relacionamento com ela, os seres humanos simplesmente vão desaparecer como espécie. O problema é que a Pachamama tem sido desrespeitada por muito tempo.

As responsabilidades maiores

Perguntas típicas dos ativistas nesse sentido são hoje: até onde vão os esforços da comunidade e outros atores sociais para recuperar os danos na natureza criados por intervenções anteriores? Até onde o ambiente natural atual suporta um tipo de atuação comunitária ou um tipo de intervenção determinada? Qual é a forma como os agentes e países que depredaram os nossos territórios, com as suas intervenções visando o lucro, vão utilizar para pagar tão grande dívida que têm para conosco?

O que é a dinâmica?

É o conjunto de ações já estabelecidas e de iniciativas de autogestão e demanda, para melhorar as condições que afetam ou podem afetar este mundo e seus habitantes, reconhecendo que é um mundo indubitavelmente em risco de autoextinção por ação e por omissão de distintos setores de sua população e de cada pessoa em particular.

O sagrado e inviolável

Os direitos da natureza, em uma relação de cuidado pelos seres humanos, na qual o antropocentrismo está hoje, fora de lugar, e a utilização dos bens naturais comuns como recursos naturais deve ser questionada firmemente.

A volta ao sagrado

Tem a ver com a recuperação do sentido. Incorpora a reaprendizagem dos cerimoniais de relação de respeito pela Pachamama dos povos originários e o estudo e co-construção das propostas de um bem viver.

Os protagonistas

Cada vez mais organizações sociais assumem uma posição de cuidado da natureza. Há grupos de ação antipoluição e de proteção à natureza. Em muitas comunidades rurais, pelo efeito dos agricultores experimentadores e de diversos movimentos sociais, já há iniciativas importantes. Os camponeses que praticam a agricultura familiar assumem firmemente o compromisso com o ambiente, os povos indígenas ganham respeito e já ocupam uma posição relevante desde seus protestos e propostas, como o bem viver. Os artistas estão incorporando a preocupação ambiental nas suas criações. Existem diversos grupos, organizações e comunidades criados pelos cidadãos para resistir frente ao extrativismo, sobretudo à mineração, e deter os megaprojetos depredadores; o movimento contra os organismos geneticamente modificados está crescendo.

Mas não há suficientes mudanças governamentais na América Latina em relação à exploração predatória do ambiente, e a assunção de decisões firmes em defesa dos bens comuns e contra a privatização deles.

As práticas

Esta dinâmica destaca para nós a necessidade do cuidado da natureza nas grandes e nas pequenas coisas, e inclui diversas iniciativas que tendem a melhorar a relação comunidade-natureza.

Uma primeira categoria de ações e do conjunto de práticas de posicionamento. O que fazemos e fazem as organizações cidadãs e as instituições frente às ações, reações ou omissões de desrespeito ao ritmo de reposição natural pelas intervenções no ambiente. Aquelas cujos sujeitos são, em primeiro lugar, as empresas nacionais e multinacionais, mas também muitos fazendeiros, instituições dos governos locais ou nacionais na América Latina, países estrangeiros, etc. Importam, por causa de seu impacto dramático, as grandes obras da “modernização”, mas também a loja do bairro que vende produtos transgênicos e inseticidas perigosos e as famílias que os compram.

Outra categoria de ações tem a ver com a nossa capacidade crítica ante os desrespeitos que nós podemos cometer com povos nativos, camponeses, associações urbanas e comunidades das quais fazemos parte.

E finalmente o que nós, e outros ativistas fazemos, na dinâmica ambiental ou eco-protetora, para excluir da vida as ações, processos e produtos que deterioram a natureza e a saúde. Que fazemos para que a maioria dos objetos utilizados e produzidos nas outras dinâmicas da comunidade sejam produzidos com a maior harmonia possível com a natureza. Qual é essa generalização de objetos que temos introduzida na nossa vida, que são reciclados, reusados, preferencialmente, fora do ciclo de mercado consumista.

São práticas relevantes as ações direitinhas de resistência ambiental e mais avançadas; iniciativas sanadoras da natureza (reparação); ações de divulgação para promover a sensibilização; campanhas de divulgação, sensibilização e corresponsabilidade; celebrações pelo sucesso de ações de resistência ambiental; acompanhamento das vítimas dos depredadores ambientais; mutirões ambientais e diversos tipos de incidência nas instâncias de decisão governamental; os protestos e as intervenções para prevenir ações de degradação ambiental planejadas; ações contra os danos ambientais e acidentes; formação sobre as relações entre seres humanos e natureza; e campanha pelo reconhecimento dos direitos da Pachamama.

Os espaços de ação dos protagonistas ambientais

Podem ser todos os espaços de todas as dinâmicas comunitárias, dependendo da situação. Uma revisão pela internet nos mostra que as campanhas e protestos têm incluído as áreas rurais ou urbanas afetadas pela depredação; as áreas ameaçadas, ou com espécies ameaçadas; a mídia e

as redes sociais, as sedes das empresas dos depredadores e as residências dos diretivos, nos países de origem.

A parafernália dos ativistas

Informação apropriada que permita a reflexão para conseguir demonstrar a responsabilidade dos seres humanos e suas ações e omissões sob a presença do risco, e impulse ações de cuidado da natureza para contrapor a degradação progressiva e a vulnerabilidade ante as surpresas de desastres.

Exemplos são as imagens da paisagem ou dos territórios e seres ameaçados, e as projeções, tendências da situação visualizadas. São instrumentos as aplicações de proteção, técnicas, aparelhos de registro e os contatos com centros de apoio e pessoal especializado.

Livros, como o manual metodológico “Práticas mecânicas, físicas e biotecnológicas de manejo e recuperação de áreas degradadas em condições semiáridas”²¹, contribuem para as iniciativas sanadoras da natureza (reparação), propiciando, com recomendações concretas, uma relação de respeito com a natureza, mas também tentando curar alguns feridas causadas. Eles devem ser parte da mochila dos protagonistas ambientais.

Exemplos de setores com interesses em jogo:

1. Empresa contaminando um bairro suburbano;
2. Ativistas ambientais das organizações sociais;
3. Mulheres da comunidade, em resistência;
4. Homens indecisos porque têm emprego ou esperança de emprego na empresa depredadora.



Pintura Parcial de “Inner Suffering”, por Juan Ulloa. Ver: <http://juanulloa.com/art/figure-drawings/>

II - A DINÂMICA PELA VIDA SAUDÁVEL E PAMĂXEPAKIRĂ

O sofrimento, a dor, as angústias são parte da vida, mas muitas vezes podem ser reduzidos, evitados ou curados. A pergunta é, então, se conseguir isso seria o que chamamos de “saúde”. Nossa grande busca nesta dinâmica é entender a saúde de forma integral e como direito de todos. A saúde não pode ser entendida só como luta contra a enfermidade, mas como viver feliz e em um ambiente são.

O que é a dinâmica?

A saúde é um direito humano fundamental que não está só no que se refere às doenças, nem é sinônimo de zero-doença ou “serviços de saúde”. Saúde como conceito deve ser “des-medicalizado” e relacionado mais com a felicidade, o gozo de ambiente saudável, a boa vida e o conforto de todos²².

Os referentes necessários na dinâmica pela vida saudável é pamăxepakiră o sagrado e inviolável, é primeiro que tudo o abraço e a ideia de amor e carinho que representa. Em torno dele tomam forma as outras necessidades, como a comida saudável, água potável à disposição, o entorno apropriado, um plano de vida saudável e seus procedimentos/recomendações e o acesso a medicamentos alternativos os mais saudáveis possíveis.

O abraço é mais que uma saudação ou uma despedida

Na Nicarágua, falávamos da dinâmica pela vida saudável e apapache. “Apapache” é uma palavra centro-americana com um sentido especial de abrigo para outro, mimar com amor, um abraço nascido no coração. A dinâmica de vida saudável e apapache inclui o abrigo psicoafetivo, a prevenção da saúde e também a sanção ou cura. No Brasil, graças ao apoio pessoal de Aracy Elizabeth Rondon, educadora popular e autora do dicionário cultural do povo Mÿky, começamos a usar com o mesmo sentido a palavra PAMĂXEPAKIRĂ, que é um abraço entre várias pessoas, entre pessoas de sexos diferentes.

O papel da comunicação

A expressão entre os membros das comunidades e das famílias contribui de maneira relevante para uma vida saudável, inclusive em casos extremos. Na maioria dos países latino-americanos, as

relações à distância entre migrantes e seus parentes ou vizinhos que permanecem nas comunidades de origem são marcadas por um fluxo especial de comunicação de sentimentos, abraços e conselhos. É essencial para a saúde. Sempre foi assim. Uma geração antes havia mensageiros que cantavam as notícias e as declarações de amor andando de um lugar para outro. Assim nasceu o gênero musical “vallenato” na Colômbia²³, por exemplo.

...Fragmento de “A Brasileira” de Rafael Escalona:

*A mi me dolió que se fuera
pero ella me dió a comprender
qué los ojos de una mujer
dicen cuando quiere de veras.
y como el que se queda, se queda
triste se quedó Rafael.*

*No extrañes pues brasileira
si algún día me ves por allá
que me encuentre en la frontera
cerca de Belén de Pará
y que quizá me quede con ella
o yo me la traiga pa acá”.²⁴*

As práticas da dinâmica

A dinâmica pela vida saudável e pamãxepakirã é o conjunto de ações e iniciativas estabelecidas para o cuidado, a proteção, a manutenção e a recuperação, quando necessário, do equilíbrio das condições físicas, fisiológicas e psicológicas das pessoas.

Existem vários subtipos de práticas na dinâmica pela vida saudável e o pamãxepakirã:

- Um primeiro que trata sobre a relação saudável com o ambiente natural (a natureza) e o artificial (construído pelos seres humanos). Destacam-se, neste caso, as campanhas de formação para uma vida saudável e harmoniosa;
- Outro tem a ver com o acesso soberano à água potável e à alimentação balanceada, suficiente



e livre de contaminantes. Destacam-se as lutas das organizações sociais;

- Há também o que podemos chamar de intervenção psicossocial, que inclui momentos de harmonização para a vida saudável, a escuta, o aconselhamento, a aproximação afetiva, a exemplo de abraços, e o tratamento para superar traumas; as iniciativas para o crescimento pessoal; as visitas organizadas aos prisioneiros e aos doentes;
- Outras ações focam no tratamento do corpo e podem ser do tipo ocidental (medicina convencional), ou do tipo tradicional e alternativo; um momento emblemático é a consulta e outro o exercício físico periódico e/ou de conexão com o mundo (Yoga);
- Citamos mais um que inclui a combinação dos anteriores e os mutirões de saúde.

Protagonistas

Coerentes com a ideia de que a saúde não tem a ver somente com a cura, os protagonistas na dinâmica pela vida saudável não são necessariamente pessoas com formação acadêmica porque frequentemente outras condições podem legitimá-las para a comunidade, dependendo da tarefa ou prática específica. Todos os presentes em comunidades rurais e urbanas devem ser protagonistas da sua própria saúde, concordando com a ideia de uma ética do cuidado pessoal, da busca da harmonia da pessoa consigo mesma.

Quando a situação chega para a necessidade de cura, são protagonistas individuais emblemáticos, para a maioria dos moradores, os médicos da academia e os médicos alternativos. Mas também há a intenção de que sejam protagonistas relevantes os pacientes organizados, como acontece com os atingidos pela mineração; ou com os pacientes de diabetes, HIV e outras doenças.

No espaço psicossocial das comunidades e bairros temos pessoas e grupos que se organizam para ajudar outras pessoas que vivenciam dificuldades. Certas práticas tendem a se apresentar de forma reativa quando acontecem situações de emergência ou de necessidade de apoio, e outras tendem a permanecer de modo visível. Um bom número delas se origina na solidariedade religiosa ou político-ideológica. São também atores protagonistas os grupos e organizações defensoras do direito humano à saúde, os grupos comunitários para apoiar os doentes, vítimas de violência; os coletivos de suporte emocional dos Ministérios e secretariados da saúde, os centros de apoio da sociedade civil a setores específicos da população (psicoafetivo, médico...); os diversos agrupamentos para a busca de harmonia e/ou crescimento pessoal, constelações, dança em círculo; os grupos de solidariedade; os grupos de Alcoólicos Anônimos; e iniciativas como os Doutores da Alegria. Desde o governo estão ativos as Secretarias de Saúde.

Os espaços de ação dos protagonistas da saúde:

- São as próprias moradias e lugares cotidianos de todas as dinâmicas, porque elas podem contribuir para uma boa saúde ou para a doença;

- A natureza aberta que contribui com a harmonia individual e com os demais participantes e de cada um consigo mesmo;
- Os espaços estabelecidos para as consultas aos especialistas da saúde;
- As trilhas para caminhar ou correr e a academia;
- A mídia e as redes sociais.

Exemplos de setores com interesses em jogo:

1. Ativistas de todas as dinâmicas comunitárias que conseguem entender a relação delas com a saúde;
2. Médicos de corte acadêmico;
3. Médicos de corte acadêmico com formação em medicina alternativa;
4. Impulsionadores da medicina alternativa;
5. Pacientes curados pela medicina alternativa;
6. Sobreviventes de enfermidades graves;
7. Famílias dos doentes.



12 - A DINÂMICA PARA EVITAR A EXCLUSÃO, VIOLÊNCIA E DELITO

Dentro das comunidades e desde fora delas ocorrem ações que afetam o bem-estar de uma comunidade em geral, ou de setores, e que se encaixam como ações criminosas ou perto de se tornarem criminosas. A comissão de crimes de diferentes gravidades e as interrupções da paz na comunidade são situações que geralmente criam brigas entre vizinhos, embora os agressores sejam de outras comunidades, e geram tensão e novos problemas.

Apresentação teatral em México (DF).

O que é a dinâmica?

Depois de discussões com vários setores da região semiárida brasileira e com educadoras populares do Rio de Janeiro, decidimos mudar o nome inicial que tínhamos dado a esta dinâmica comunitária em Centro-américa: De “dinâmica criminosa e de exclusão e violência” passou para “dinâmica para evitar a exclusão, violência e delito”, com a intenção de incluir as ações de violência, exclusão e crime, assim como de destacar as ações, desde os moradores ou membros da comunidade e as autoridades e instâncias do governo, para reduzir essas situações (ou seja: minimizar, contrapor, superar e/ou prevenir a exclusão, o delito e a violência), bem como para buscar uma melhor harmonia.

Buscando as causas

Nosso primeiro destaque é que a cultura do lucro e a ênfase do ter sobre o ser, ou do ter como sinônimo do “ser alguém”, próprias do modelo hegemônico de desenvolvimento inumano, cria condições favoráveis para a ocorrência de ações criminosas contra os outros, e contra a natureza e os bens comuns. Só mudando o sistema que cria estas condições vai ser resolvida substancialmente a situação, mas as ações de resistência contra os atos criminosos e o que os causa, é um avanço em direção a outro mundo possível.

Nosso segundo destaque consiste em considerar a violência como uma resultante dos estados de inequidade e injustiça. Quando você vê nas notícias que “Morre adolescente esfaqueada em “X”. Jovem não resistiu e faleceu esta manhã, segundo familiares”²⁵, não é que as meninas agressoras nem a menina morta foram perversas... elas têm crescido em um ambiente de exclusão, de falta do reconhecimento do outro e de franca intolerância. Aprenderam uma forma de sobreviver mantendo uma identidade e um prestígio entre seus pares. As maiores vítimas são os setores diminuídos no imaginário coletivo.

Também ressaltamos que os efeitos da falta de conhecimento do outro subsidiam a cultura da intolerância contra pessoas que compartilham certas características. Essas ações, muitas vezes delituosas, criam uma atmosfera de insegurança e tensão, e até mesmo por sua vez podem gerar outras reações violentas e criminosas.

No continente temos demasiados exemplos de países que passaram por uma guerra suja interna nas ditaduras militares ou que têm caminhado sob uma guerra interna prolongada, como ainda acontece na Colômbia (2015). Neles, ainda no período de pós-guerra, os problemas de violência, exclusão e delito são (o vão ser) muito mais graves porque no imaginário coletivo têm sido alterados os limites de acesso ao território do que é “mau”. Ninguém acredita na sinceridade do outro e os acordos de paz entre lideranças não necessariamente são aceitos pelos outros cidadãos. Demasiadas pessoas aprenderam a viver com a guerra e agir de acordo com o que entendiam como as suas regras. Elas têm acoplado seu pensamento para quebrar limites (alguns mais do que outros) e, gradualmente, prepararam um discurso para justificar suas ações. Seja que a razão e o coração provem o contrário, eles não aceitam, ainda, que exista outro discurso, melhor do que o seu. Cada dinâmica comunitária evidencia esta situação de agressividade e intolerância.

É preciso um processo profundo de cura dos moradores, paralelo ao exercício de perdão, aplicação de justiça e reparação, acompanhado de um resgate muito doloroso da memória para evitar a reciclagem da guerra em formas muito graves de violência. Esse processo toma anos, exige compromisso, e é muito custoso, o que propicia novos atos de corrupção que podem destruir todo o conveniado.

As grandes buscas para a dinâmica

Achamos que existe a possibilidade de viver em harmonia suficiente com os demais e que é responsabilidade fundamental de cada um dos protagonistas nas comunidades e das autoridades para garantir isso.

É sagrada e inviolável, também referência necessária nesta dinâmica, a Declaração Universal dos Direitos Humanos²⁶ e então as leis derivadas em cada país, os convênios de harmonização, e os objetos carregados de significação, como o bastão de mando indígena nos seus territórios e as imagens e nomes das vítimas.

Práticas nesta dinâmica

A existência da dinâmica requer diagnósticos de exclusão e violência, recopilar informação apropriada facilmente acessível para os setores excluídos, atenção em centros com pessoal especializado, protocolos para prever e reagir e a disponibilidade de processos e pessoas preparadas para conselheiros, mediação, atenção em trauma e ações para prevenir ou minimizar a ofensa.

Como cada uma das dinâmicas comunitárias pode apresentar elementos de violência, exclusão e crime, assim como dicas para reduzir essas situações (ou seja: minimizar, contrapor, superar e/ou prevenir a exclusão, o delito e a violência), bem como para buscar uma melhor harmonia, então é uma tarefa explorar cada uma delas e resgatar o que tem que ser resgatado.

São desenvolvidas também atividades de monitoramento das dinâmicas comunitárias; diálogos e negociações; aceitação de acordos de convivência, buscando a tripla harmonia, encontros de reflexão e a construção consensual de futuros bonitos.

Geralmente os jovens são indicados como causantes de grande parte das ações perturbadoras na comunidade, só por serem jovens e alegres. Poucos falam do que também são vítimas. Temos experiências que mostram que os grupos de jovens que participam da violência partem de uma sentilógica que explica seus comportamentos e que é possível dialogar com eles e melhorar a situação²⁷.

Os atores

São protagonistas individuais emblemáticos na dinâmica para evitar a exclusão, violência e o crime: o mediador comunitário e os facilitadores judiciais (Nicarágua); a polícia comunitária, e necessariamente o criminoso. Finalmente todos os afetados, o que pode chegar para toda a comunidade, em todas as dinâmicas.

A lista de protagonistas coletivos inclui: as comissões sociais de prevenção da criminalidade; a guardiã indígena; os grupos organizados que perturbam a paz e a ordem e cometem crimes; as equipes comunitárias de monitoramento; os observatórios de progressos na paz; a Delegacia da Mulher e o Conselho Tutelar, e mais dependendo do país.

Exemplos de setores com interesses em jogo em uma situação de tráfico:

1. Consumidores;
2. Vendedores pequenos;
3. Vendedores maiores;
4. Jovens não consumidores;
5. Familiares dos consumidores;
6. Comissão de defesa do bairro.

NOTAS DO CAPÍTULO

¹ Definição que o autor principal tem construído desde suas experiências na Centro-américa, e já foi citada na publicação “Comunicação interpessoal entre pesquisadores...”.

² CARBONI, Florence; MAESTRI, Mário. A linguagem escravizada: língua, histórica, poder e luta de classes. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012. 152 p.

³ Expressão Popular, 2012. 152 p.

⁴ DE MELLO, Celso Antonio Bandeira. Curso de Direito Administrativo. 14. ed. São Paulo: Malheiros Editores, 2001. p. 599. O destaque sobre as iniciativas estrangeiras é dos autores desta publicação.

⁵ ALVES, C. S.-S.; DWORAK, K.;. Diversidade religiosa no Brasil contemporâneo: apontamentos introdutórios. In: MARTINS, P. B.; SILVA, S. C. Gomes da. Diversidade Religiosa no Brasil Contemporâneo. Goiânia (GO): Kelps, 2013. p. 9-18

⁶ TEIXEIRA, F.; MENEZES, R. Catolicismo Plural: dinâmicas contemporâneas. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009. p. 17-30

⁷ O Obrigado pela informação pessoal de Argemiro Bailarin, liderança do Cabildo Cameray, Chocó, durante o “V Encuentro Taller Latinoamericano Cuidado y Defensa del Territorio frente a la complejidad de las mineras em América Latina”, Puebla, México, 02 a 07 de Novembro de 2014.

⁸ Idem

⁹ Jimenez Cuanalo, J. (08 de 02 de 2013). Arsologia, una ciencia del arte-Página oficial de Arsología. Acesso em 10 de Outubro de 2013, disponível em 05-Qué es el arte: <http://www.youtube.com/watch?v=eygTribTcv0&feature=youtu.be>

¹⁰ MINI-AURÉLIO. Dicionário da Língua Portuguesa. 8. ed. 2010.

¹¹ O leitor pode consultar duas publicações sobre momentos de comunicação na dinâmica intelectual gerados pelo Instituto Nacional do Semiárido (Insa): ULLOA FORERO, Luis Felipe; PEREZ-MARIN, Aldrin Martin; RODRIGUES DE MEDEIROS, Geovergue; MEDEIROS DE ARAÚJO SILVA, Marina. Comunicação interpessoal entre pesquisadores: momentos sinérgicos. 2015. Disponível em: <http://www.insa.gov.br/wp-content/uploads/2015/09/Cartilha-comunica%C3%A7%C3%A3o.pdf> ULLOA FORERO, Luis Felipe; BEZERRA, Hallysson Alves; NASCIMENTO, Victor Maciel do. 6 recomendações para melhorar uma discussão (no bom sentido). 2015. Disponível em: <http://www.insa.gov.br/wp-content/uploads/2015/09/Cartilha-recomenda%C3%A7%C3%B5es.pdf>

¹² O Instituto Nacional do Semiárido (INSA) com sede em Campina Grande, Paraíba, Brasil, tem desenvolvido interessantes esforços de diálogo entre a sabedoria popular e a pesquisa de origem “acadêmica”. No momento de escrever esta versão do texto (2015) estava-se desenvolvendo um projeto entre esta instituição e a Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA), uma rede de organizações da sociedade civil que acompanha 100 famílias de agricultores experimentadores para estudar com elas as práticas nos seus agroecossistemas desenvolvidas para enfrentar condições extremas de seca.

¹³ BAUMAN, Zigmunt. A vida líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

¹⁴ COMPOSTO, Claudia; NAVARRO, Mirna Lorena. Claves de lectura para comprender el despojo y las luchas por los bienes comunes naturales en América Latina. In: Idem (Orgs.). Territorios en disputa: Despojo capitalista, luchas en defensa de los bienes comunes naturales y alternativas emancipatorias para América Latina. México, D. F.: Bajo Tierra Ediciones, 2014. Disponível em: http://otrosmundoschiapas.org/docs/territorios_en_disputa_bienes_comunes.pdf Acesso 30 de abril de 2014. 2014. p. 33-75

¹⁵ Rosilene Cassiano Silva Alves de Lima tem sido pesquisadora bolsista do Instituto Nacional do Semiárido/Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (INSA) no Brasil. Foco em História Ambiental e Etno-história /Núcleo de Inovação Metodológica (NIM). Com interesse especial nos povos originários.

¹⁶ CAREAGA, A. M. Nadie Sabía lo que todos sabían. Acesso em 28 de setembro de 2014. Disponível em: <http://www.pagina12.com.ar/impresion/diario/psicologia/9-256044-2014-09-28.html>

¹⁷ Professor de psicoanálise na Faculdade de Psicologia da UBA. Autor de “La indignidad del Estado terrorista argentino”.

¹⁸ PEREZ-MARIN, Aldrin, et. alli. Práticas mecânicas, físicas e biotecnológicas de manejo e recuperação de áreas degradadas em condições semiáridas. Campina Grande-PB: INSA, 2015. 58p.

¹⁹ PEREZ-MARIN, Aldrin, et. alli. A desertificação. Campina Grande-PB: INSA/FINEP, 2014. 8p (Coleção “Cesta metodológica”)

²⁰ PEREZ-MARIN, Aldrin; SANTOS, Ana Paula Silva dos (Orgs.). O semiárido brasileiro: riquezas, diversidades e saberes. Campina Grande-PB: INSA/MCTI, 2013. 33p (Coleção Reconhecendo o Semiárido).

²¹ PEREZ-MARIN, Op. cit, 2015.

²² FRANCO, S. Democracia, salud y paz. Cátedra: Educación para la democracia y la paz. Septiembre 04 de 2010. Bogotá, Colombia: Universidad Autónoma de Colombia e Fundação DEMOPAZ.

²³ Vallenato: Música colombiana da região do Caribe. Instrumentos fundamentais a Acordeão diatônico (tipo de sanfona), a “cajá vallenata” (tipo de caixa o cajón) e a “Guacharaca” (instrumento de fricção). Antes do acordeão, o instrumento foi uma flauta de cana.

²⁴ Tradução pelos autores:

“Eu fiquei machucado pela sua partida, mas ela me deu a entender o que os olhos de uma mulher dizem quando amam de verdade. Assim que você não deve-se surpreender se um dia me ver lá, na fronteira, perto de Belém de Pará. E pode ser que eu possa ficar com ela lá, ou chegemos juntos os dois para cá.”

²⁵ Exemplo de notícia divulgada em 2015: <http://www.diariodigital.com.br/policia/morre-adolescente-esfaqueada-em-terminal-de-onibus/127099/>

²⁶ Veja: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>

²⁷ Você pode consultar o livro e documentos resultantes de um estudo na Nicarágua realizado pelo primeiro autor desta obra: ULLOA, Luis Felipe et. al. Por qué no terminamos esto?: diagnóstico de las pandillas juveniles o marimbas de Estelí. Editora: ADESO Las Segovias, 2004. Comentário geral sobre o livro impresso em: <http://www.worldcat.org/title/por-que-no-terminamos-esto-diagnostico-de-las-pandillas-juveniles-o-marimbas-de-esteli/oclc/84685072>

• Parte 1: Sobre a identidade e cultura: <https://es.scribd.com/doc/34547100/Identidad-y-Cultura-de-las-Pandillas-Juveniles>

• Parte 2: Sobre a construção de futuros: <https://es.scribd.com/doc/34547116/Construir-otro-futuro-para-las-pandillas-juveniles-locales>

• Parte 3: Sobre o metodológico: <https://es.scribd.com/doc/34547122/Consideraciones-metodologicas-para-el-estudio-de-pandillas-juveniles>

PARTE 3

CONSTRUÇÃO DE TRILHAS METODOLÓGICAS

DICAS METODOLÓGICAS E ESBOÇO DE CAMINHO PARA A UTILIZAÇÃO
DA CATEGORIZAÇÃO NOMEADA DINÂMICAS METODOLÓGICAS

UM ASSUNTO DE PESQUISA

Quando um grupo de pessoas vai mergulhar na vida comunitária, em uma dinâmica ou em uma prática da comunidade, quando quer problematizar o que está acontecendo, a primeira ação que ele toma é pesquisar. As tarefas que fazem mulheres e homens pesquisadores podem ser: resgatar, questionar, consertar, construir, testar e/ou propor conhecimentos.

A PERSPECTIVA NO CENÁRIO

Todo o anterior, no parágrafo acima, parece uma ação muito racional, e realmente o é. Só que também é mais que isso. Não podemos esquecer que na vida da comunidade, cada uma das dinâmicas, e suas práticas, acontece também desde os sentimentos e a emoção. E nós buscamos uma apreciação o mais integral possível das situações, seus atores e suas circunstâncias. Por isso, quando um grupo de pessoas vai mergulhar na vida comunitária, problematizando o que acontece, entramos em um processo complexo que aplica a razão e os sentimentos (poderíamos acrescentar que também as crenças). O grupo busca razão e sentimentos na situação e reconhece que vê desde eles (sua razão e sentimentos). É por isso que na educação popular, falamos da sentilógica e do senti-pensar.

Qual é esse grupo que vai mergulhar? Sempre há pessoas que iniciam os processos nas comunidades e isso nos leva a incluí-los na categoria de protagonistas. No caso das ações de pesquisa, temos os curiosos em torno do que acontece (para ser pesquisador você precisa ser curioso). Esse conjunto de pessoas, iniciador das ações de pesquisa comunitária, pode ser identificado como os “portadores da iniciativa de pesquisa” (“PI”). Eles podem ser sempre PI ou especificamente para situações concretas, em determinadas condições. Depois outras pessoas vão acompanhar os PI.

Quem vai acompanhar? Também sabemos que uma comunidade tem a sua parte de “comum” e a sua parte de “diverso”. Já falamos que o comum junta as pessoas como comunidade, enquanto o diverso gera a intensidade do movimento da comunidade. A existência de diversas dinâmicas comunitárias e, dentro delas, de distintas práticas preferenciais para diversos membros da comunidade, evidencia a diversidade e o poder da diversidade. Para compreender a comunidade, temos que considerar a diversidade. Convidar pessoas que vão pesquisar desde as diferenças.

O QUE IMPULSIONA A PESQUISA?

O porquê as pessoas podem estar interessadas em pesquisar é algo importante. Elas podem desejar mergulhar nessa dinâmica comunitária, prática ou situação específica, para compreender. É o afã pelo conhecimento.

Pode acontecer que desejem explorar esse aspecto da vida comunitária, ou essa dinâmica comunitária ou essa prática específica, porque tem gerado para elas uma sensação de preocupação.

Parece estar acontecendo ou gerando agora algo que não está bem, o potencialmente poderia gerar algo que não é bom.

Ou também podem ter encontrado indícios de que nesse aspecto da vida comunitária, nessa dinâmica comunitária ou nessa prática específica, há oportunidades de gerar algo muito bom. E assim.

Nós, pesquisadores externos para a comunidade, podemos estar respondendo aos mesmos motivadores da ação citadas acima, ou também para outros mais ligados com a vida acadêmica padronizada: fazer o trabalho de graduação, incrementar o currículo, cumprir com a produção de um artigo cada ano, etc.; ou para um que é institucional: cumprimento de um compromisso do plano de ação da instituição.

TRILHA PARA UMA EXPLORAÇÃO

Podemos identificar como passos para abordar o conhecimento de uma situação “X”, de uma dinâmica comunitária, ou de uma prática nessa dinâmica, os seguintes:

1. Com a intenção de reconhecer e partir da diversidade, buscamos a presença em nossas reflexões, dos vários setores com interesses em jogo (SIJO) pertinentes para a situação, a dinâmica ou a prática que queremos explorar.

2. De cada setor convidamos os protagonistas, ou seja, as pessoas que marcam de maneira especial a dinâmica comunitária.

Dois destaques:

O primeiro é lembrar que é muito melhor quando os “portadores da iniciativa de pesquisação” (PI) convidam.

O outro é que nos interessa a participação de (I) protagonistas-lideranças; (II) protagonistas-impulsionadores; e (III) protagonistas executores-modelos, na situação, dinâmica ou prática que buscamos estudar.

3. O processo parte da geração de perguntas pelos protagonistas, primeiro individuais, e logo mediante um exercício progressivo de consenso, eles vão definindo as perguntas de cada Setor com Interesses em Jogo participante em um exercício que faz parte do processo nomeado de “Perguntatório”, que podemos sintetizar assim:

- a) Cada indivíduo gera uma pergunta (podem ser duas ou três) que está pronta a ser compartilhada. Trata-se daquilo que a pessoa mais busca perguntar(-se) sobre a situação, prática ou dinâmica comunitária;
- b) Os participantes se juntam em pequenos conjuntos e compartilham suas interrogações

individuais para decidir as perguntas consensuais desse pequeno grupo (ideal que seja composto por três pessoas);

c) Cada grupo do passo anterior se junta a outro grupo, compartilha suas perguntas grupais e todos decidem as perguntas consensuais do novo grupo (grupos de aproximadamente 6 pessoas);

d) Novos coletivos de discussão se formam juntando de dois em dois grupos do passo anterior. Agora são conjuntos de aproximadamente 12 pessoas. Cada novo grupo compartilha as perguntas geradas no passo anterior e decide as perguntas consensuais do novo grupo;

e) E assim, até consensuar as perguntas nas que todos concordam. Os últimos passos do perguntatório podem variar deste processo de juntar grupos para um consenso por delegados (representantes com poder decisório).

É um trabalho que problematiza desde as pessoas que influenciam mais. Quando isto acontece, já nasce uma ligação das pessoas participantes e dos que se sentem representados nelas com as ações que vão ser propostas (o plano de ação);

4. Depois os participantes se organizam para construir respostas para as perguntas priorizadas (exercício nomeado de “Respondatório”). Refletir para interpretar! Eles sabem que o conhecimento nunca é 100% completo e que a verdade absoluta não existe. Eles irão colocar respostas e conhecimentos suficientes para poder avançar bem como comunidade;

5. E logo é preciso voltar para a transformação da prática ou do que vem acontecendo. Desejamos estar melhor! As respostas se tornam insumos para a ação. Geralmente um plano de ação construído coletivamente a partir de toda a trilha participativa, faz um bom “fechar-abrindo” da pesquisa, que vai ser acompanhada da expressão clara de compromissos e recomendações diretas.

O anterior é uma trilha para pesquisar sobre o que a comunidade faz ou fez (a prática, na dinâmica comunitária ou em uma situação), com a intenção de teorizar e gerar dicas para transformar a realidade e/ou a própria prática. Se você quiser, pode diferenciar como etapas típicas na trilha as seguintes: ações preliminares; diferenciação dos diversos setores pertinentes e convite; perguntatório; respondatório; organização e interpretação da informação processada; primeiro plano de ação; fechar-abrindo (na devolução/retorno à comunidade).

Todo o processo é alimentado pela prática e teoria da educação popular e da pesquisa-ação-participativa. Acontece em diversos períodos, definindo as datas oportunas e duração, segundo as possibilidades dos participantes.

Situações especiais

1. Os promotores da pesquisa podem desejar explorar o que foi feito em uma dinâmica comunitária (ou uma de suas práticas) durante um período específico. Aprender do passado recente. Realizar uma reconstituição histórica desde alguns filtros.

Neste caso, a Revisão de Experiências com vistas ao Futuro (REI-F) é um método que pode ser muito bem utilizado. Também pode contribuir uma boa sistematização.

2. Eles podem também estar interessados em pesquisar os sonhos bonitos de futuro da comunidade, ou dos participantes em uma das dinâmicas comunitárias, o que é muito bom para combinar um horizonte desejável para todos, que impulse a sua intervenção entusiasmada.

Neste caso, pode ser utilizado o método de Futureo para produzir imagens bonitas do futuro, com os protagonistas.

TRÊS TÉCNICAS PARA REFLETIR NA COMUNIDADE

Baseados em Ulloa Forero, Perez-Marin, Rodrigues de Medeiros e Medeiros de Araújo Silva, (2015), apresentamos para os leitores três momentos de comunicação sinérgica que podem ser úteis para gerar as ações de reflexão na pesquisa pelos protagonistas, na comunidade: as células, as oficinas e o exercício do Concerto e Construção Coletiva de Conhecimentos (CoCo). O leitor já sabe que pode fazer as adaptações que considerar necessárias.

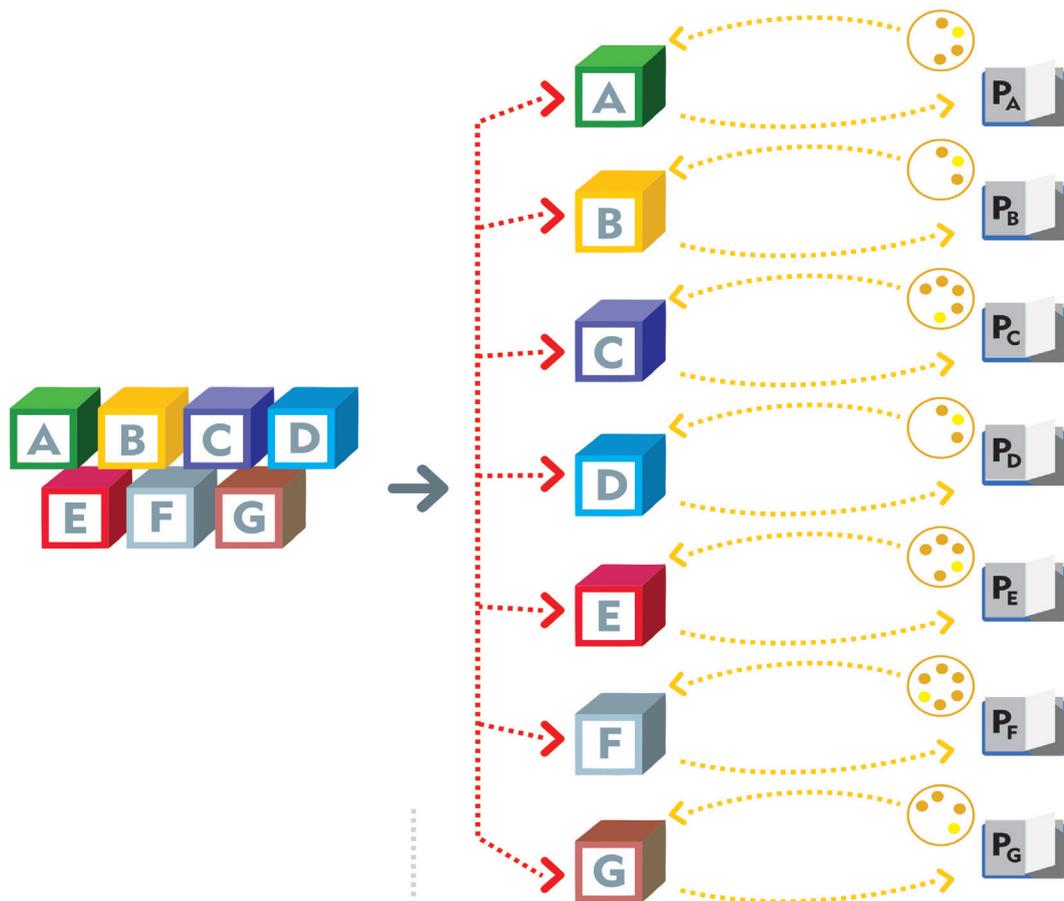
Opção A: As células

Consistem no estabelecimento de pequenas unidades funcionais que vão aprofundar um tema. As unidades ou “células” são formadas por poucos pesquisadores (entre três e oito participantes), interessados em um mesmo tema geral.

As diferentes células vão refletir sobre o tema geral (modalidade 1) ou cada uma sobre um aspecto ou perspectiva do tema geral (modalidade 2) e, ao final do trabalho, vão discutir e sintetizar, na primeira modalidade, ou integrar os resultados na segunda modalidade. Os pesquisadores irão encontrar-se presencial ou virtualmente uma ou várias vezes (“sessões”) até alcançar seu produto final.

A ação das células termina quando se é obtido o que foi desejado. Seus produtos podem ser: a descrição de algo ou de uma situação, o levantamento de uma problematização, o aprofundamento ou busca da solução de problemas, dentre outros. Assim, os produtos podem ser respostas, perguntas, ideias mais estruturadas e propostas de ação. Veja a imagem:

FUNCIONAMENTO DO

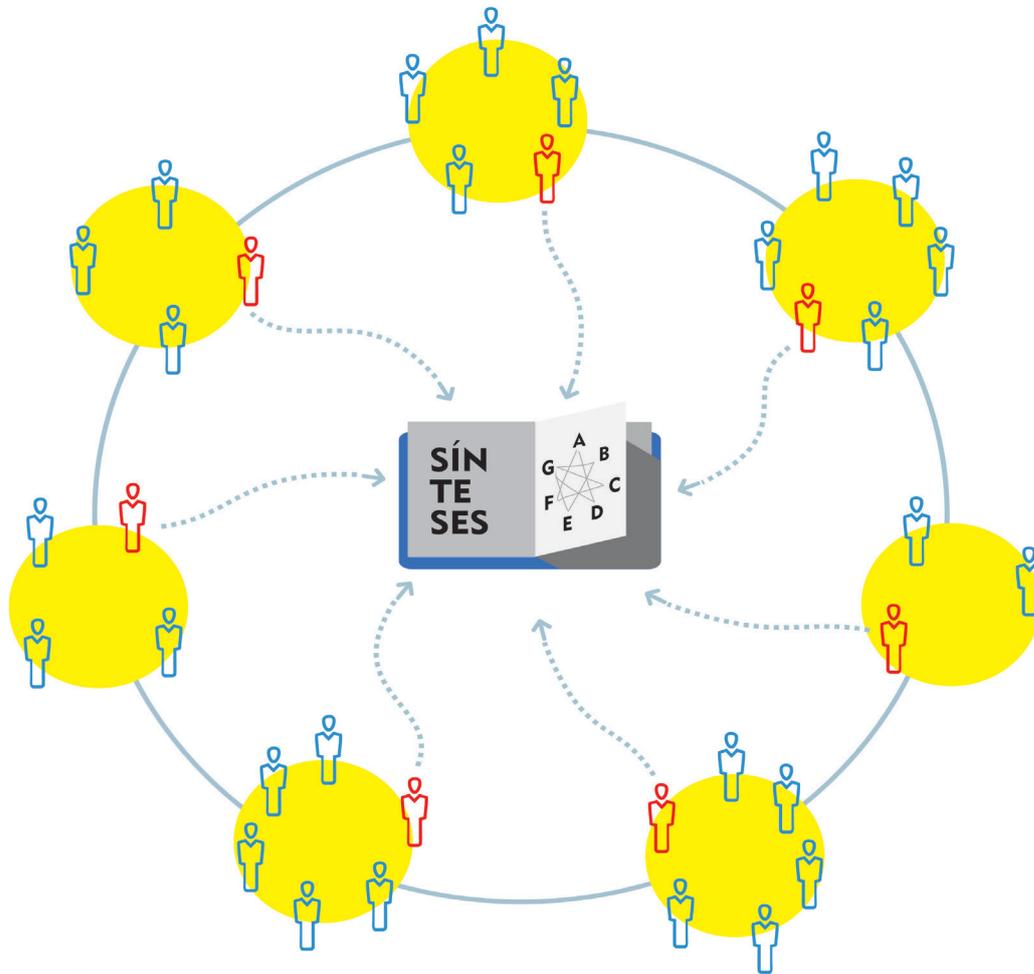


O grande tema ou situação...

...é subdividido em subtemas (perspectivas, categorias, partes...)

...o subtema é assim um conjunto de perspectivas (uma 'célula'). Cada perspectiva tem sua 'reflexão autônoma'. Cada célula gera um significado específico...

O MOMENTO 'CÉLULAS'



...umido por
 pesquisadores
 a célula faz
 'noma'.
 seu produto

...finalmente um ou dois
 membros de cada célula
 produzem juntos uma
 só síntese

Opção B: A oficina

“É um exercício de reflexão no qual os participantes, a partir de suas diferentes perspectivas e interesses, constroem ou reparam conhecimentos, coletivamente, utilizando como insumos e “temperos” os elementos de sua experiência, formação e imagens de futuro¹.

Os elementos que cada participante fornece podem incluir perguntas, dados, informações, conhecimentos, interpretações, hipóteses, conclusões, imagens de futuro, planos, propostas, peças de arte e objetos. Os passos para a reflexão e coletivização são cuidadosamente preparados por um facilitador.

O processo converte os insumos em algo novo (um ou mais produtos) e os participantes deixam o exercício renovado, em algum aspecto. As oficinas podem ser incorporadas em atividades tão diversas como aulas específicas, cursos, reuniões, conferências, expedições científicas, dias de campo, demonstrações e atividades recreativas”.

A imagem abaixo mostra sete seções da oficina em um avanço em espiral: as boas vindas, o reconhecimento mútuo dos participantes desde a temática ou situação, a construção coletiva ou aprimoramento, o processamento ou reprocessamento mergulhador, a socialização ou devolução, a contribuição dos outros (opcional) e o fechar-abrindo.



Opção C: O CoCo: são várias oficinas de reflexão e oficinas de convergência

“É um exercício de Concerto e Construção Coletiva de Conhecimentos, que incorpora dois períodos de oficinas:

O primeiro período envolve um conjunto de várias oficinas paralelas, cada uma refletindo sobre um tema ou aspecto de uma situação. Ao final, cada oficina gera seus produtos e os disponibiliza para todos os participantes, utilizando um espaço presencial ou virtual.

Posteriormente, é realizado um período de novas oficinas, também paralelas, que vão revisar os produtos de todas as oficinas do primeiro ciclo. Neste caso, cada oficina faz sua revisão a partir de uma perspectiva integradora específica, diferente das demais. As novas oficinas são compostas pela redistribuição dos membros das oficinas do primeiro ciclo, garantindo que cada nova oficina do segundo ciclo inclua integrantes de todas aquelas ocorridas no primeiro ciclo”.

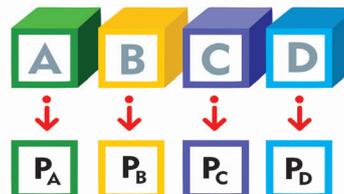
CoCo: Concerto e Construção Coletiva de Conhecimentos

I CONJUNTO DE OFICINAS

Um conjunto de pessoas assumindo um subtema (Perspectiva, categoria, parte) do grande tema e respeitando a 'lógica das oficinas'

Ex: Grande Tema: DINÂMICAS COMUNITÁRIAS
 subtemas: A - Econômico produtiva
 B - Intelectual
 C - Artística
 D - Jurídico - política

Gera os produtos (P_A P_B P_C P_D)



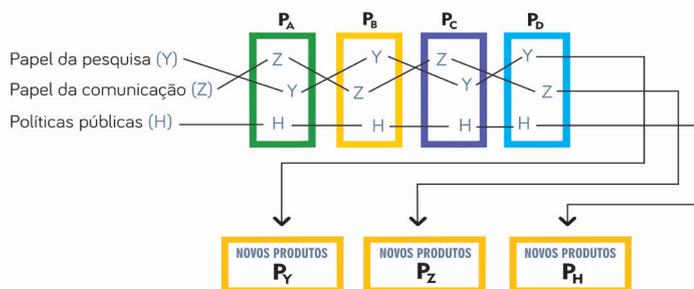
II CONJUNTO DE OFICINAS

Os produtos gerados nas primeiras oficinas subsidiam as novas reflexões. Formam-se novas oficinas, e cada uma vai focar em uma perspectiva (filtro).

Ex: Filtro Y: papel da pesquisa
 Filtro Z: papel da comunicação
 Filtro H: políticas públicas

Cada nova oficina reflete desde o seu filtro sobre todos os produtos do I conjunto de oficinas.

Gera os novos produtos (P_Y P_Z P_H)



III SÍNTESES E META-REFLEXÃO



Fonte: ULLOA FORERO et. alli. Comunicação interpessoal entre pesquisadores: momentos sinérgicos. 2015.

PARTE 4



PARA FECHAR-ABRINDO:
ALGUNS DESTAQUES PARA A MALA DOS LEITORES

VAMO-NOS E LEVEMOS ALGUMAS PRE-OCUPAÇÕES

Esperamos que o leitor tenha conseguido “ocupar” a proposta desta publicação. Entendemos ocupar como a “Ação ou efeito de tomar posse de algo” e como “tarefa”. Fechamos a publicação com a esperança de ver sair o leitor com outro nível de preocupação ou com novas inquietações. As preocupações são as inquietudes, novas perguntas e ideias que vão alimentar sua prática. Neste momento de fechamento, vamos destacar cinco ideias:

ACRESCENTAR O DESAFIO DA COMPLEXIDADE

“A complexidade é algo complexo!”, falam como brincadeira quando tocamos o tema. Nosso caso, cada dinâmica contém as demais dinâmicas e também tem sua parte nas outras dinâmicas, como esperado a partir do pensamento complexo. Só que as categorias das dinâmicas comunitárias se entrelaçam umas com as outras tanto quanto que, frequentemente, a equipe de exploradores da realidade que intenta classificar vai se encontrar com dificuldades para definir em qual delas é mais apropriado enquadrar uma situação “X”.

Temos resolvido, colocando os conjuntos de práticas em uma das doze categorias propostas, na medida que suas características, desde nossas intenções e interpretações atuais, encaixam principalmente ali, mas não porque não possuam elementos que possam caber em outra dinâmica. Sabemos que quando estamos atentos, passo a passo, vamos encontrando as relações com as outras dinâmicas. Algumas delas surpreendentes.

A ÉTICA E O CUIDADO (COMO VOCÊ FAZ A SUA PARTE?)

Hoje, na mídia, nos discursos, nos sermões, nas aulas, nos bate-papos cotidianos, muitas são as críticas pela “falta de ética”, só que o foco é especialmente sobre a falta de ética dos demais, “dos outros”. Promover com os diversos protagonistas exercícios de senti-pensar a Ética e a Cidadania própria de cada dinâmica comunitária é uma tarefa permanente que precisa ser feita. Ela não só é um assunto que irá incrementar o conhecimento, mas também do amor pelos outros, pela natureza, por si mesmo, pela vida em comunidade e pela vida de cada comunidade entre outras comunidades.

Sempre vai existir a pergunta de como lograr que mais pessoas sejam protagonistas comunitários éticos nas dinâmicas que gostem mais. É também uma pergunta para você que está nesta parte final do livro. A partir daí, como inspiração, recomendamos ao leitor fazer a leitura de “O cuidado Necessário”, de Leonardo Boff.

COMUNICAÇÃO E LINGUAGEM: AS PROPOSTAS OCULTAS

Sabemos que é impressionante o poder da linguagem. Também que a dimensão comunicacional existe em cada dinâmica comunitária. Cada uma delas produz as suas propostas linguísticas. Também é impressionante reconhecer com Florence Carboni e Mario Maestri¹, que “a repressão linguística é igualmente caminho para a repressão cidadã”, e que “ela contribui para a reprodução das desigualdades sociais”. Desde essas afirmações, há um campo de pesquisa e aprofundamento muito interessante em cada prática e em cada dinâmica comunitária. Quais formas de relação, inclusão e exclusão, estão propiciando as propostas linguísticas? Como está acontecendo a repressão linguística nelas? Quais as formas de encurralamento utilizadas desde a linguagem? Quais setores (SIJO) jogam quais papéis nessa situação e na resistência? Quais as suas ligações com as forças e situações do entorno?

Você já tem feitas considerações críticas sobre o uso da linguagem dentro de seus espaços? Em sua família, na sua organização, na sua comunidade, nas dinâmicas que prefere?

UM CASO ESPECIAL: A ESCOLA

A escola é parte da dinâmica intelectual da comunidade, onde ela se encontra e outras perto dali. Parece fácil enquadrá-la nessa dinâmica. Porém, temos observado que nos centros escolares acontecem todas as doze dinâmicas comunitárias – sem perder seu encaixamento principal na dinâmica intelectual, pela pura definição da sua missão.

Agora, esta situação é muito interessante, dado que estes centros existem com a ideia de formar para a vida e a vida passa pela participação dos sujeitos nas diversas dinâmicas comunitárias.

Se você observa com atenção vai ver na escola que alguém compra e vende, alguém defende a natureza, temos protestos, há recreação, vida espiritual. São praticados os desportos. Há ações artísticas, momentos de lembranças dos heróis (incluídos “heróis” da vida criminosa), há movimentações para viver mais saudavelmente e também acontecem ações de corte delituoso e de exclusão. A comunidade se reflete na vida escolar. Por isso é legítimo se perguntar como conseguir que as vinculações entre escola e comunidade, através das doze dinâmicas sejam boas para a escola e para a comunidade. Como intencionar isso?

A pergunta derivada que emerge então é quanto as escolas aproveitam a presença delas (das dinâmicas comunitárias) para aprofundar a aprendizagem dos estudantes sobre a realidade, para reconhecer elementos especiais do efeito da comunidade dentro da vida escolar; para buscar vias para influir nas dinâmicas que acontecem na própria comunidade (no entorno da escola); e para identificar quais estudantes gostam mais de quais dinâmicas para lhes ajudar a se aperfeiçoar no que desejam.

DEVOLUÇÃO DE PRODUTOS TENTANDO QUE SEJAM INSUMOS

Os anos de 2013 a 2015 foram para os autores (o autor e a autora) e para o Núcleo de Inovação Metodológica do Insa (NIM-Insa) um valioso período de reflexão e aprimoramento de várias iniciativas que vêm caminhando por mais de quinze anos. Entre todas elas, há uma relação tão estreita que você não pode definir que coisa nasceu primeiro que a outra, ou o que derivou de uma ou outra.

Nesta página de fechamento do livro, o desejo dos autores é que tais produtos sejam úteis na compreensão e no processo de mudança para o bem das condições de vida de nossa gente, na qual nos incluímos.

E lembre-se que estas páginas estão em suas mãos para serem aprimoradas, ajustadas, superadas quando pertinente, em relação a cada situação. As omissões e ignorância atual dos autores, em razão da nossa incompletude e da complexidade da trilha e das categorias propostas fazem que você deva assumir seu papel criativo.

Como se fôssemos fotógrafos, iniciamos a publicação com um plano geral das dinâmicas comunitárias para poder chegar a um plano médio na trilha metodológica, deixando a abordagem mais profunda. O “extremo close” ou “close-up” para os leitores quando estejam frente a situações específicas em uma comunidade.

Obrigado!

NOTAS DO CAPÍTULO

¹ CARBONI, Florence; MAESTRI, Mário. A linguagem escravizada: língua, histórica, poder e luta de classes. 3. ed. São Paulo:

PARTE 5

ANEXOS PARA COMPLEMENTAR E CONTRIBUIR
NA REFLEXÃO DESTAQUES SOBRE AS PRÁTICAS
E PROTAGONISTAS NAS DINÂMICAS COMUNITÁRIAS

SOBRE OS MOMENTOS-CHAVE E OS ESPAÇOS NAS
DINÂMICAS COMUNITÁRIAS; SOBRE O ESSENCIAL E SUA REPRESENTAÇÃO.
INFORMAÇÃO SINTETIZADA EM TABELAS PARA FACILITAR OUTRAS
ELABORAÇÕES POSTERIORES PELO LEITOR.

DESTAQUES SOBRE AS PRÁTICAS E PROTAGONISTAS NAS DINÂMICAS COMUNITÁRIAS.

1. As comunidades existem a partir das dinâmicas comunitárias;
2. As dinâmicas comunitárias existem porque algumas pessoas individuais e alguns coletivos se movimentam e as fazem transitar da possibilidade de ser para a realidade;
3. É através das dinâmicas que cada membro “participa” da comunidade e contribui para a vida dela. Cada pessoa não está em apenas uma, mas em várias dinâmicas comunitárias (ou em todas?), exceto que existam condições patológicas limitantes;
4. Ações e práticas são partes necessárias da definição de atores. Em cada dinâmica existem executores que realizam distintas funções;
5. Algumas pessoas assumem funções muito relevantes que classificamos de protagonistas. É a importância das ações desses atores na vida comunitária, sob certas condições, que faz deles protagonistas;
6. O protagonismo das pessoas pode ocorrer incorporando-se em estruturas organizacionais mais ou menos formalizadas, mais ou menos reconhecidas ou atuando individualmente, sem incorporar-se explicitamente a elas;
7. Cada prática tem vinculação com as distintas dinâmicas, por vezes tão fortes que frequentemente depende do observador definir onde vai enquadrá-la para fazer suas reflexões;
8. Há práticas novas para a comunidade e práticas antigas. Há práticas que em certos períodos da comunidade são muito importantes e em outros muito menos.

Tabela 2. Mostra de práticas e atores protagonistas nas dinâmicas comunitárias

Dinâmica Comunitária + Práticas típicas	Protagonista individual emblemático	Protagonistas coletivos
<p>1. Dinâmica Jurídico-Política</p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ Participação no sistema representativo: exercício eleitoral e de seleção de representantes, campanhas, ação partidária, voto; ❖ Participação nas estruturas de governo; ❖ Vigilância cidadã sobre a aplicação dos planos de governo; ❖ Monitoramento cidadão da criação, normatização e aplicação das políticas públicas; ❖ Expressão cidadã: disponibilização efetiva das vozes e interesses dos setores da comunidade e da comunidade nos espaços de governo, nas decisões políticas e nas ruas; ❖ Defesa dos direitos humanos (defesa legal, divulgação, alertas...); ❖ Defesa de direitos de setores específicos: crianças, mulheres, quilombolas, povos 	<ul style="list-style-type: none"> ○ O representante (delegado, vereador, etc.); ○ A liderança natural na comunidade ou nas organizações sociais; ○ O chefe; ○ O diretor; ○ O comunicador alternativo, etc. 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Direção comunitária geral ou de setores; ● Associação de habitantes do território; ● Partidos políticos; ● Outras organizações; ● Movimentos urbanos e rurais da sociedade civil; ● Redes de juventude; ● Movimento estudantil; ● Sociedades de pais de família (eventualmente); ● Comitês de Desenvolvimento Municipal/local; ● Mídia e Mídia alternativa.

Dinâmica Comunitária + Práticas típicas	Protagonista individual emblemático	Protagonistas coletivos
<p>indígenas, ciganos, migrantes, LGBT, pessoas com necessidades especiais, etc;</p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ Monitoramento cidadão sobre a administração e uso dos bens públicos; ❖ Lobby (atividades para influenciar decisões do governo); ❖ Informação sobre as leis pertinentes. 		
<p>2. Dinâmica Econômico-produtiva</p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ Agricultura agroecológica; ❖ Emprego em agronegócios; ❖ Cerâmica de barro; ❖ Mototáxis; ❖ Mineração; ❖ Mercadinhos; ❖ Conserto de bicicletas; ❖ Extração de lenha; ❖ Rotas turísticas; ❖ Produção de bodes; ❖ Gastronomia; ❖ Emprego em Indústria; ❖ Informação sobre as leis pertinentes; ❖ Notificação e registro de ações ou situações que ameaçam os trabalhadores; ❖ Entre outros. 	<ul style="list-style-type: none"> ○ O produtor independente; ○ O comerciante; ○ O operário; ○ O empregado; ○ O patrão; ○ O comunicador alternativo. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Comitê de Produção; ● Comitê de comercialização; ● Comitê de crédito; ● Grupo de mulheres produtoras; ● Grupo de jovens artesãos; ● Cooperativas; ● Sindicatos; ● Mídia e Mídia Alternativa; ● Entre outros.
<p>3. Dinâmica de intervenção nos</p>	<ul style="list-style-type: none"> ○ O ativista; 	<ul style="list-style-type: none"> ● Comissão de obtenção de

Dinâmica Comunitária + Práticas típicas	Protagonista individual emblemático	Protagonistas coletivos
<p>serviços públicos</p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ Monitoramento cidadão das autoridades e instituições responsáveis pelos serviços públicos, bem como das empresas terceirizadas envolvidas; ❖ Notificação e registro de ações ou situações de não cumprimento na prestação dos serviços públicos; ❖ Mobilização para requerer serviços de água, eletricidade, internet, saneamento básico, iluminação, etc; ❖ Negociação com o Estado; ❖ Informação sobre cada lei pertinente; ❖ Entre outros. 	<ul style="list-style-type: none"> ○ O organizador; ○ O comunicador alternativo; ○ Entre outros. 	<p>serviços de água, eletricidade, internet, etc;</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Coletivo de alfabetização; ● Comissões; ● Coletivos de “Brigadistas de salud” (Nicarágua); ● Governo: secretarias municipais/estaduais de obra, urbanização, ambiente, de segurança pública, etc; ● Mídia e Mídia Alternativa; ● Entre outros.
<p>4. Dinâmica. Espiritual-religiosa</p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ Profissão de uma fé específica e atividades conexas (Catolicismo, Igrejas evangélicas, espiritualismo, Religiões afro-brasileiras, etc); ❖ Outros momentos e espaços de conexão com seres sobrenaturais ou com a Pachamama; ❖ Espaços de crescimento espiritual; ❖ Informação sobre cada lei 	<ul style="list-style-type: none"> ○ O cura e o pastor (judeu-cristãos), o pai ou mãe-de-santo (umbanda), o pajé (tupi guarani, tapuias, caraíbas), os médiuns (espíritas), os sacerdotes-sanadores; ○ O comunicador alternativo. ○ Entre outros. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Congregações de diferentes religiões; ● Comitês de Igrejas; ● Comunidades Eclesiais de Base (CEB’s). ● Grupos para o crescimento pessoal; ● Mídia e Mídia Alternativa; ● Entre outros.

Dinâmica Comunitária + Práticas típicas	Protagonista individual emblemático	Protagonistas coletivos
<p>pertinente;</p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ Notificação e registro de ações ou situações de ameaça para o exercício de uma fé; ❖ Entre outros. 		
<p>5. Dinâmica Recreativo-festiva</p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ O Carnaval; ❖ Festas juninas; ❖ Bumba-meu-boi (Maranhão/Junho); ❖ Festas do Padroeiro; ❖ Atividades variadas de diversão pela iniciativa individual: o Natal de uma pessoa, a celebração do sucesso de um membro da comunidade, etc; ❖ Assistir a uma programação de TV; ❖ Informação sobre as leis pertinentes; ❖ Notificação e registro de ações ou situações de risco na recreação; ❖ Entre outros. 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Os animadores; ○ Os brincantes; ○ O mestre marcante na dança das festas; ○ O “noivo” e a “noiva” (nas quadrilhas das festas juninas); ○ O comunicador; ○ O comunicador alternativo; ○ Entre outros. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Conselho de festividades; ● Equipes de recreação; ● Secretarias de Esporte, Cultura e lazer do Estado; ● Empresas de mídia e Mídia Alternativa; ● Entre outros.
<ul style="list-style-type: none"> ❖ Dinâmica Esportiva ❖ As práticas são os esportes. Há esportes “reconhecidos” pelos atores hegemônicos e outros alternativos; 	<ul style="list-style-type: none"> ○ O esportista; ○ O treinador; ○ O comunicador; ○ O comunicador alternativo; ○ Entre outros. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Equipes de esportistas; ● Escolas de esporte; ● Conselhos de direção em esportes; ● Associações de atividades desportivas: associação Brasileira de Vaquejada,

Dinâmica Comunitária + Práticas típicas	Protagonista individual emblemático	Protagonistas coletivos
<ul style="list-style-type: none"> ❖ Realização de ligas e torneios de esportes reconhecidos internacionalmente. Ou seja, os que participam dos jogos olímpicos, mundiais e pan-americanos, a exemplo de futebol, natação, ciclismo, xadrez, etc; <ul style="list-style-type: none"> ○ ... ou esportes não tão reconhecidos internacionalmente, como: circuitos de vaquejadas, corridas de jegue (Nordeste-Brasil), etc. ❖ Promoção de esportes específicos, formalmente reconhecidos... ❖ ... ou não reconhecidos; ❖ Intercâmbios desportivos; ❖ Diferentes ações para o desenvolvimento de esportes; ❖ Informação sobre cada lei pertinente; ❖ Notificação e registro de ações ou situações de risco para os esportistas, o público, os animais (quando pertinente) no exercício do esporte; ❖ Entre outros. 		<p>etc;</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Centros por uma vida saudável; ● Arruaceiros; ● Secretarias de Esporte, Cultura e Lazer do Estado; ● Mídia e Mídia alternativa; ● Entre outros.
<ul style="list-style-type: none"> ❖ Dinâmica Artística ❖ Promoção da prática de artes específicas: forró, 	<ul style="list-style-type: none"> ○ O artista; ○ O crítico de arte; ○ O comunicador alter- 	<ul style="list-style-type: none"> ● Oficinas de arte; ● Associações e grupos de ativistas em arte: dança, teatro, canto, literatura,

Dinâmica Comunitária + Práticas típicas	Protagonista individual emblemático	Protagonistas coletivos
<p>cantorias, teatro, etc;</p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ Exposições e apresentações; ❖ Intercâmbios artísticos; ❖ Dinamização do cultivo de beleza estética em suas diferentes formas de expressão; ❖ Publicação e outras formas de registro das obras artísticas da comunidade; ❖ Informação sobre cada lei pertinente; ❖ Notificação e registro de ações ou situações de restrição da expressão artística; ❖ Entre outros. 	<p>nativo;</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Entre outros. 	<p>música, artesanato, etc;</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Grupos folclóricos; ● Escolas de arte; ● Secretarias de Esporte, Cultura e Lazer do Estado; ● Mídia e Mídia alternativa; ● Entre outros.
<p>6. Dinâmica Intelectual</p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ “A Escola”, a aula, Processos de educação formal; ❖ Campanhas de alfabetização; ❖ Espaços para reflexão e pesquisa; ❖ Iniciativas de educação não escolarizadas, a exemplo de oficinas; ❖ Projetos de pesquisa; ❖ Campos de experimentação; ❖ Excursões científicas; ❖ Oficinas de criatividade e invenção; ❖ (Outros) Momentos de comunicação com pesquisadores ou entre 	<ul style="list-style-type: none"> ○ O professor; ○ O cientista; ○ O estudante; ○ O sábio popular; ○ O agricultor experimentador; ○ O comunicador alternativo; ○ Entre outros. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Coletivos de alfabetização; ● Centros de educação formal; ● Coletivos de estudo, reflexão e pesquisa; ● Movimento estudantil; ● Associação de pais; ● Associação de educadores; ● Mídia e Mídia Alternativa; ● Entre outros.

Dinâmica Comunitária + Práticas típicas	Protagonista individual emblemático	Protagonistas coletivos
<p>pesquisadores;</p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ Informação sobre cada lei pertinente; ❖ Notificação e registro de ações ou situações de risco na qualidade e o sentido da educação e da pesquisa; ❖ Entre outros. 		
<p>7. Dinâmica da Memorização</p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ Exercícios de revisão do acontecido em cada dinâmica da comunidade; ❖ Geração de registros, documentos e monumentos para preservar a memória; ❖ Evocação vivencial de momentos especiais, como o <i>“Repliegue de Masaya”</i> (Nicarágua) e a Celebração da resistência dos quilombolas ou da <i>Conjuração Baiana</i> (Brasil); ❖ Sessões para lembrar dos desaparecidos, deslocados e outras vítimas, especialmente dos setores tradicionalmente excluídos da história oficial; ❖ Momentos de comunicação entre guardiões da memória; ❖ Organização do padroeiro e de outras datas comemorativas; ❖ Informação sobre cada lei pertinente; ❖ Entre outros. 	<ul style="list-style-type: none"> ○ O herói. <p>Também:</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ O guardião da memória; ○ Os participantes; ○ Os sobreviventes; ○ Os parentes das vítimas; ○ As testemunhas; ○ O comunicador alternativo; ○ Entre outros. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Grupos de historiadores locais; ● Comissões de recuperação da memória; ● Organizações de vítimas; ● Conselhos de festividades, patronais, etc; ● Comitê do padroeiro; ● Secretaria de Esporte, Cultura e Lazer do Estado; ● Mídia alternativa; ● Entre outros.

Dinâmica Comunitária + Práticas típicas	Protagonista individual emblemático ¹	Protagonistas coletivos
<p>8. Dinâmica ambiental ou eco protetora</p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ Notificação e registro de ações ou situações de risco para a natureza; ❖ Ações de sensibilização + divulgação sobre a natureza; ❖ Intervenções para prevenir ações de degradação ambiental; ❖ Ação contra os danos ambientais e acidentes; ❖ Formação sobre as relações entre seres humanos e natureza; ❖ Campanha pelos direitos da Pachamama; ❖ Informação sobre cada lei pertinente; ❖ Entre outros. 	<ul style="list-style-type: none"> ○ O resistente; ○ O ambientalista; ○ O comunicador alternativo; ○ Entre outros. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Grupos, organizações e comunidades de resistência contra o extrativismo, a mineração, as megaobras depredadoras, etc; ● Grupos de ação antipoluição; ● Grupos de proteção à natureza; ● Associações protetoras de animais; ● Organizações de bombeiros voluntários; ● Mídia alternativa; ● Entre outros.
<p>9. Dinâmica pela vida saudável e o <i>pamãxepakirã</i></p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ Notificação e registro de ações ou situações de risco para a saúde; ❖ Momentos de vivência de uma vida saudável; ❖ Campanhas para uma vida saudável e harmoniosa; ❖ Espaços para o crescimento 	<ul style="list-style-type: none"> ○ O paciente organizado; ○ O médico alternativo; ○ O profissional da saúde; ○ O comunicador alternativo; ○ Entre outros. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Grupos e organizações defensoras do direito humano à saúde; ● Grupos comunitários para apoiar doentes vítimas de violência; ● Coletivos de suporte emocional dos Ministérios e secretariados da saúde; ● Centros de apoio da sociedade civil a setores específicos da população

Dinâmica Comunitária + Práticas típicas	Protagonista individual emblemático	Protagonistas coletivos
<p>peçoal;</p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ Práticas de medicina alternativa; ❖ Práticas da medicina ocidental; ❖ Visitas organizadas aos prisioneiros e aos doentes; ❖ Outras formas de atenção a pessoas com problemas; ❖ Informação sobre cada lei pertinente; ❖ Entre outros. 		<p>(psicoafetivo, médico, etc);</p> <ul style="list-style-type: none"> • Diversos agrupamentos para a busca de harmonia e/ou crescimento pessoal (constelações, dança em círculo, etc); • Grupos de solidariedade; • Alcoólicos Anônimos; • Doutores da alegria; • Secretaria de Saúde; • Mídia e Mídia alternativa; • Entre outros.
<p>10. Dinâmica para evitar a exclusão, violência e delito</p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ Comissão de crime; ❖ Exploração sexual comercial de crianças e adolescentes; ❖ Confrontos entre os grupos; ❖ Notificação e registro de ações ou situações de exclusão, violência e crime; ❖ Ações para prevenir ou minimizar a ofensa; ❖ Informação sobre as leis pertinentes; ❖ Ações para promover a construção da paz ou sua afirmação na comunidade; ❖ Entre outros. 	<ul style="list-style-type: none"> ○ O mediador comunitário; ○ Os facilitadores judiciais (Nicarágua); ○ O policial comunitário; ○ O criminoso; ○ O comunicador alternativo; ○ Entre outros. 	<ul style="list-style-type: none"> • Comissões sociais de prevenção da criminalidade; • Guardiã indígena; • Grupos organizados que perturbam a paz e a ordem e cometem crimes; • Equipes comunitárias de monitoramento; • Observatórios de progressos na paz; • Delegacias governamentais da mulher, Conselho tutelar, etc; • Mídia alternativa; • Entre outros.

DESTAQUES SOBRE OS MOMENTOS-CHAVE E OS ESPAÇOS NAS DINÂMICAS COMUNITÁRIAS

- 1- Cada dinâmica (e também cada prática de uma dinâmica) apresenta determinados momentos-chave e emblemáticos, nos quais acontecem diversas ações;
- 2- *Momentos emblemáticos*: são acontecimentos distintivos da prática e/ou da dinâmica comunitária. *Momentos-chave* são situações ou conjuntos de ações que podem mudar o que está sendo feito. Há ações de rotina e ações extraordinárias;
- 3- As práticas de uma dinâmica comunitária acontecem em *espaços*, onde são desenvolvidas as diversas ações. Os espaços podem ser criados especificamente para isso ou adaptados, às vezes ocupados. Os espaços podem ser “públicos”, “privados” e “privados que parecem públicos”. Cada um deles têm formas diferentes de gestão e/ou acesso;
- 4- Os momentos emblemáticos podem ser mais bem entendidos como processos e/ou como parte de processos, e não só como “eventos”.

Tabela 3. Momentos-chave e emblemáticos e espaços para o desenvolvimento das dinâmicas comunitárias

Dinâmica	Momentos-chave – Momentos emblemáticos	Espaços para o exercício da dinâmica (exemplos)
1. Jurídico-Política	<ul style="list-style-type: none"> • Demonstrações e protestos nas ruas e em outros espaços públicos, como pressão ou demanda comunitária, estadual ou nacional. Também como sinal de força e coesão; • Integração comunitária em tendências e processos de mudanças constitucionais parciais ou integrais (como as Assembleias Constituintes); • Eleições e campanhas eleitorais; 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Prédios e instâncias de governo; ❖ O tribunal ou edifício onde são feitos os julgamentos e questões judiciais; ❖ Outros espaços públicos (ruas, parques, praças, universidades públicas, campos de jogo, etc); ❖ Instalações dos movimentos sociais e

Dinâmica	Momentos-chave – Momentos emblemáticos	Espaços para o exercício da dinâmica (exemplos)
	<ul style="list-style-type: none"> • O juízo; • O ato de integração em movimentos sociais, redes ou outras iniciativas (para expressar efetivamente a sua voz); • O ato de integração em manifestações nacionais, sejam autênticas ou manipuladas pelas megaforças nacionais ou internacionais interessadas; • As campanhas pela defesa do local quando acontecem intervenções externas, como os negócios transnacionais; • As ações repressivas contra os defensores dos direitos humanos. • Entre outros. 	<ul style="list-style-type: none"> partidos políticos; ❖ A mídia hegemônica e a mídia alternativa; ❖ Espaços virtuais, redes sociais; ❖ Todos os espaços comunitários do jogo eleitoral; ❖ Entre outros.
<p>2. Econômico- produtiva</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A negociação (compra-venda, troca); • A contratação; • As distintas épocas no processo de produção, com momentos de alta intensidade de trabalho: momentos de preparação, manutenção, produção e/ou coleta, comercialização; • Os momentos vinculados ao clima: o tempo de chuvas e o de seca (no semiárido); • O mutirão; • A greve e outras formas de pressão e demonstração como o trabalho intermitente e a “operação tartaruga” (trabalho lento); • A solicitação de crédito para a 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Pequenas propriedades rurais; ❖ Agronegócios; ❖ Indústrias; ❖ Assentamentos; ❖ Indústrias recuperadas pelos trabalhadores; ❖ Oficinas ou lugares de conserto; ❖ Lojas; ❖ Pontos para conseguir clientes; ❖ Entre outros.

Dinâmica	Momentos-chave – Momentos emblemáticos	Espaços para o exercício da dinâmica (exemplos)
	produção; <ul style="list-style-type: none"> • Entre outros. 	
3. Intervenção nos serviços públicos	<ul style="list-style-type: none"> • A negociação com o governo; • A mobilização (demonstrações, protestos, demandas); • As campanhas e iniciativas para informar e convocar a comunidade; • O mutirão para resolver ou co-resolver; • O monitoramento do convênio com a comunidade, com o governo e com outros atores; • Entre outros. 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Salas das autoridades; ❖ Espaços comunitários com problemas para serem resolvidos; ❖ Espaços públicos. ❖ Entre outros.
4. Espiritual-religiosa	<ul style="list-style-type: none"> • A oração; • A festividade religiosa; • O Serviço sagrado em momentos especiais da pessoa (nascimento, puberdade, casamento, doença, morte, evocação, etc); • Celebrações e rituais: a missa, o culto, o serviço sagrado; • O Temazcal¹ e outras cerimônias; • A dança circular; • As ações repressivas ou de intolerância contra praticantes de uma religião ou os ateus; • Entre outros. 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Centros para execução de rituais, como Igrejas e templos; ❖ Centros de oração ou meditação; ❖ Lugares sagrados; ❖ Entre outros.
5. Recreativo-festiva	<ul style="list-style-type: none"> • Há pelo menos três categorias: as festividades massivas, as locais e as festas de famílias ou 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Há espaços especiais, como o Parque do Povo e o Sítio São João, nas festas

Dinâmica	Momentos-chave – Momentos emblemáticos	Espaços para o exercício da dinâmica (exemplos)
	<p>de vizinhos;</p> <ul style="list-style-type: none"> • As festividades massivas nacionais ou estaduais e também as locais apresentam momentos-chave específicos em diversas etapas do desenvolvimento. Por exemplo, na preparação e prévias, há quadrilhas locais que praticam e se preparam o ano todo, e perto da iniciação há pré-festas, entrega de camisas especiais, nomeações e assim por diante. Há grandes comemorações na abertura das festividades e no fechamento. E durante cada festividade massiva recebe renomados artistas que cantam e tocam, bem como oferecem atrações específicas todo o tempo; • As comunidades rurais, pequenas vilas e bairros buscam apresentar-se nas atividades das festividades massivas nas principais cidades do Estado com suas quadrilhas (sistema de classificação) e outros artistas; • A cobertura pela mídia é fundamental. Cada uma gera a sua própria agenda de acompanhamento; • As empresas desenvolvem diversas atividades comerciais e 	<p>juninas de Campina Grande (PB);</p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ Ruas, parques e outros espaços públicos são utilizados para diversas atividades; ❖ Há brinquedos e... também espaços privados, que oferecem atrações por um pagamento ou por convite; ❖ As moradias dos vizinhos; ❖ Entre outros.

Dinâmica	Momentos-chave – Momentos emblemáticos	Espaços para o exercício da dinâmica (exemplos)
	<p>de publicidade;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Destacamos na região semiárida do Brasil o São João de Campina Grande (PB). Ele tem criado o levantamento do Mastro de São João, um casamento coletivo, a expressão do forró (dança), danças de quadrilha em torno de fogueiras. Brincadeiras tradicionais (corridas de saco, pau de sebo...). Fogos de artifício e espetáculos pirotécnicos; tirada de bombas como traques, chilenes, busca-pés, etc. São comidas de tradição, pela colheita do milho: canjica, pamonha, cural, milho cozido, cuscuz, pipoca, bolo de milho e mais; • O Carnaval, a Festa Junina, o Bumba-meu-boi têm projeção nacional e internacional, mas as festividades locais têm também uma grande importância para a identidade comunitária; • Nas comunidades rurais e bairros as festas acontecem com um tom mais íntimo e “natural” que quando focadas nas grandes cidades; • As festas de vizinhos na comunidade rural ou no bairro, 	

Dinâmica	Momentos-chave – Momentos emblemáticos	Espaços para o exercício da dinâmica (exemplos)
	<p>e outros encontros de vizinhos para festejar nascimentos, matrimônios, natais, ou simplesmente para se divertir, são momentos-chave da dinâmica. Eles podem apresentar padrões culturais e mostras de invasão cultural significativos;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Entre outros. 	
6. Esportiva	<ul style="list-style-type: none"> • O jogo é para alguns esportes o momento-chave e entre todos os jogos são fundamentais os jogos finais. Para outros esportes o momento-chave é nomeado de competição; • O treinamento; • As explorações e campanhas para captação de esportistas; • A incorporação em uma equipe ou clube; • A premiação; • A notícia na mídia sobre um sucesso do esportista ou do conjunto de esportistas da comunidade; • A notícia de alocação de novos orçamentos e condições para aprofundar o desempenho; • Entre outros. 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Campo ou instalações, lugares de jogo ou competição; ❖ Espaço ou trilha de competição; ❖ Espaços de treinamento; ❖ O pódio; ❖ Entre outros.
7. Artística	<ul style="list-style-type: none"> • A apresentação ou mostra de arte; • A publicação; • Oficinas de arte; 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Salas de apresentação; ❖ Teatros; ❖ Galerias; ❖ Centros culturais;

Dinâmica	Momentos-chave – Momentos emblemáticos	Espaços para o exercício da dinâmica (exemplos)
	<ul style="list-style-type: none"> • Os encontros entre artistas; • A premiação nos concursos; • Os diversos reconhecimentos públicos; • A alocação de orçamentos e condições para novas iniciativas artísticas; • As ações de repressão contra artistas ou espaços frequentados pelos artistas; • Entre outros. 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Campos esportivos adaptados para apresentações artísticas; ❖ Espaços públicos; ❖ Paredes; ❖ Mídia alternativa; ❖ Mídia local; ❖ Outra mídia; ❖ Entre outros.
8. Intelectual	<p>Na vertente educativa:</p> <ul style="list-style-type: none"> • A Aula/o Curso. <p>Na vertente de científica:</p> <ul style="list-style-type: none"> • A pesquisa; • O experimento. <p>No Brasil e em outros países são muito importantes as oportunidades de concursar para desenvolver projetos de formação e pesquisa:</p> <ul style="list-style-type: none"> • A publicação dos editais sobre formação e ciência, destacam na vida de educadores e pesquisadores. <p>Destacam os momentos de comunicação entre colegas e entre pesquisadores, bem como entre educadores e outros setores:</p> <ul style="list-style-type: none"> • A palestra e outras formas 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Centros de educação escolarizada; ❖ Qualquer espaço da vida comunitária onde algo que pode ser pesquisado ou apreendido, acontece; ❖ Campos experimentais; ❖ Centros e instalações próprias da pesquisa (laboratórios, centros de computação, centros de imagens e outros); ❖ Centro cultural da comunidade; ❖ Centros da memória; ❖ Museus e coleções; ❖ Trilhas temáticas; ❖ Pontos de observação; ❖ As bibliotecas; ❖ Espaços de formação dos movimentos sociais; ❖ As redes sociais; ❖ Entre outros.

Dinâmica	Momentos-chave – Momentos emblemáticos	Espaços para o exercício da dinâmica (exemplos)
	<p>magistrais ou expositivas nos congressos, seminários;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Na busca da humanização da ciência e da educação são muito importantes as forma(s) dialógica(s) de interação científica ou formativa como: a discussão científica, oficinas, células de reflexão, expedições científicas, os Exercícios de Concerto e Construção Coletiva de Conhecimentos (CoCo). <p>Falando de produtividade são chaves:</p> <ul style="list-style-type: none"> • A publicação dos resultados (artigos, livros, filmes, e outros); • As notícias de integração dos próprios resultados em inovações das dinâmicas comunitárias ou sociais, ou em outras pesquisas (citações). <p>Nas busca de reconhecimento pelo trabalho realizado destacam:</p> <ul style="list-style-type: none"> • A premiação nos concursos e outros reconhecimentos pela comunidade científica ou educativa; • A alocação de orçamentos e condições para novas iniciativas de investigação ou formação (bolsas, por exemplo). 	

Dinâmica	Momentos-chave – Momentos emblemáticos	Espaços para o exercício da dinâmica (exemplos)
	<p>Quando o entorno é difícil:</p> <ul style="list-style-type: none"> • As ações de repressão contra intelectuais ou espaços frequentados por eles. 	
<p>9. Memorização.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento de exercícios de revisão da história nas diferentes dinâmicas comunitárias; • Comemorações: caminhadas na memória, pernoites artísticos de memorização; • Místicas; • Festividades patronais; • Campanhas de memorização e denúncias; • Entre outros. 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Centros da memória popular; ❖ Monumentos; ❖ Museus; ❖ Trilhas dos heróis ou dos acontecimentos; ❖ As redes sociais; ❖ Entre outros.
<p>10. Ambiental ou eco protetora</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Neste tema, são referências fundamentais os momentos de posicionamento latino-americano e planetário sobre o cuidado da natureza, com suas análises, declarações e propostas. Por exemplo, as 10 propostas da II Conferência Mundial dos Povos sobre Mudança Climática e Defesa da Vida (Tiquipaya, Bolívia, 10 a 12 Outubro de 2015) ou o <i>Taller Latinoamericano “Cuidado y Defensa del Territorio”</i> (Puebla, México, 02 a 07 de novembro de 2014); • Ações direitinhas de resistência 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Áreas afetadas pela depredação (rurais ou urbanas). ❖ Áreas ameaçadas, ou com espécies ameaçadas. ❖ Sedes e residências dos atores depredadores. ❖ A Mídia. ❖ As redes sociais. ❖ Entre outros.

Dinâmica	Momentos-chave – Momentos emblemáticos	Espaços para o exercício da dinâmica (exemplos)
	<p>ambiental;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Iniciativas sanadoras da natureza (reparação); • Campanhas de divulgação, sensibilização e corresponsabilidade; • Expedições de sensibilização; • A declaração de sucesso de um conjunto de esforços de resistência ou intervenção ambiental e a divulgação; • Celebrações pelo sucesso de ações de resistência ambiental; • Acompanhamento das vítimas da depredação ambiental; • Mutirões ambientais; • As ações de repressão contra ambientalistas ou espaços frequentados por eles; • Entre outros. 	
<p>11. A dinâmica pela vida saudável e o <i>pamãxepakirã</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> • O abraço e o sorriso são as expressões emblemáticas individuais da dinâmica; • Mutirões de saúde; • Momentos de harmonização e vida saudável; • A consulta; • Os grupos de apoio mútuo; • Momentos de exercício físico periódico e/ou de conexão com o mundo; • Campanhas; • Demonstrações e protestos nas ruas e em outros espaços públicos, como pressão ou 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ As moradias e lugares cotidianos onde são desenvolvidas as diversas dinâmicas comunitárias ou sociais; ❖ A natureza aberta; ❖ O espaço de consulta e conselheira alternativa; ❖ Trilhas para caminhar ou correr; ❖ A academia; ❖ A mídia; ❖ As redes sociais; ❖ Os espaços de cura (Centros de saúde,

Dinâmica	Momentos-chave – Momentos emblemáticos	Espaços para o exercício da dinâmica (exemplos)
	<p>demanda comunitária, estadual ou nacional, na busca por uma vida saudável;</p> <ul style="list-style-type: none"> • As ações de repressão contra ativistas de propostas alternativas sobre a saúde que são culturalmente legítimas; • Entre outros. 	<p>hospitais, etc);</p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ Entre outros.
<p>12. A dinâmica para evitar exclusão, violência e delito</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Monitoramento das dinâmicas comunitárias; • Os acordos de convivência buscando a tripla harmonia; • Os diálogos e negociações; • Os exercícios de Futureo (Construção consensual de um futuro bonito); • Os encontros de reflexão entre atores sociais; • Os processos e atos de perdão (pedir e dar); • Os processos e atos de aplicação da justiça; • Os processos e atos de reparação; • As ações de repressão contra ativistas que resistem ou opõem a exclusão e a violência; • Entre outros. 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Toda a comunidade em todas as suas dinâmicas e espaços; ❖ Os centros de conselheira e mediação; ❖ Os tribunais; ❖ Os centros de punição; ❖ As redes sociais; ❖ A mídia; ❖ O sistema escolar; ❖ Entre outros.

DESTAQUES SOBRE O ESSENCIAL E SUA REPRESENTAÇÃO

- 1- O sentido que toma a aplicação de uma dinâmica e, mais especificamente, de cada prática na comunidade, está vinculado com aquilo em que acreditam seus executores;
- 2- Cada dinâmica, e mais concretamente, cada prática vai criando ou assumindo na sua aplicação determinados elementos que se tornam quase sagrados e são de referência necessária;
- 3- A parafernália própria da aplicação das práticas vai incluir objetos, ações e roupas que simbolizam aquilo que serve de fundamentação. São “signos” que representam ou substituem algo e que precisam de alguém que faz a correlação;
- 4- Os signos geram sentimentos encontrados dependendo do setor com interesse em jogo que tem acesso. Vamos pela música para exemplificar:

Exemplo 1. *“Nicarágua Nicaragüita”*, em espanhol, do autor Carlos Mejía Godoy, faz que quase qualquer nicaraguense envolvido na derrota da ditadura de Somoza, com a defesa das fronteiras contra a agressão estrangeira, na luta pela produção e a campanha da alfabetização consiga se emocionar, e até mesmo chorar, caso esteja fora do país. Ela foi ou é um símbolo no posicionamento cidadão na dinâmica jurídico-política desde a dinâmica artística.

Exemplo 2. Eu não sei como você pode reagir ante palavras como “capitalismo”, “repressão”, “ditadura”, “tortura”, “direitos humanos”, mas acho que conhece pessoas que preferem nem falar nem escutar falar deles. Eles fogem quando encontram um livro, uma palestra sobre o assunto. Alguns escapam protestando baixinho e outros gritando classificações de “comunistas”, “terroristas”, “ressentidos” e outros semelhantes. Fogem porque se sentem desconfortáveis. Seu ódio e suas expressões estão no cenário pela ignorância. Como alguém que afirma não gostar de química, porque ele não entende. Também se afasta quem tem algo a perder: ele tem medo, acham ameaçados seus sonhos de progresso padronizado. Há, às vezes, pessoas envolvidas em crime ocorrido. Alguns se afastam porque eles já decidiram que sua posição é oposta. Também pode acontecer que o livro, a palestra, o ato sejam muito chatos, organizados sem criatividade... e como consequência as pessoas saem e não voltam mais.

Exemplo 3. Há um hino que tem acompanhado por muitos anos a resistência ao capitalismo desde uma proposta alternativa e tem sido muito executada nas práticas de posicionamento dentro das dinâmicas econômico-produtiva e jurídico-política. Ele também gera muitos sentimentos: de aceitação, de frustração e de raiva, dependendo da relação com a proposta política alternativa. Há muita gente que nem conhece a letra e fala mal dela. É a Internacional comunista³.

Tabela 4. Das grandes buscas do sagrado e inviolável, do imprescindível e da simbolização

Dinâmica comunitária e seu credo	O sagrado, inviolável ou imprescindível na dinâmica	Da parafernália simbólica
1- Jurídico-Política	<ul style="list-style-type: none"> • A Declaração 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ A toga; ❖ As insígnias e distintivos

Dinâmica comunitária e seu credo	O sagrado, inviolável ou imprescindível na dinâmica	Da parafernália simbólica
<p><i>Bom governo com boa participação de todos os setores a partir dos direitos humanos, dos direitos da natureza e dos direitos dos povos. Destacando uma posição firme contra a violência e pela paz.</i></p>	<p>Universal dos Direitos Humanos;</p> <ul style="list-style-type: none"> • A Constituição Nacional; • A lei; • Os convênios; • Os acordos da comunidade; • Entre outros. 	<p>de pertencimento e hierarquia ou não-hierarquia;</p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ Entre outros.
<p>2- Econômico- produtiva:</p> <p><i>É possível gerar os produtos e serviços necessários para todos viverem dignamente, em uma boa relação dos uns com os outros, das pessoas com a natureza e de cada pessoa consigo mesma.</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> • O direito ao trabalho digno e prazeroso; • O cuidado das crianças; • As normas de trabalho; • A tecnologia. • O dinheiro (?); • O cartão de crédito (?); • Entre outros. 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Roupas de trabalho; ❖ As ferramentas e/ou as máquinas pertinentes. ❖ Os implementos de proteção; ❖ Entre outros.
<p>3- Intervenção nos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • As políticas 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Roupas de trabalho;

<p>serviços públicos</p> <p><i>A proteção soberana mínima do Estado</i></p>	<p>públicas;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Os convênios. 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ As ferramentas e/ou as máquinas pertinentes; ❖ A mídia e os instrumentos de comunicação; ❖ Os documentos assinados; ❖ Entre outros.
<p>4- Espiritual-religiosa</p> <p><i>A garantia de cada pessoa poder viver em harmonia com as próprias crenças e descrenças sem perigo para ela ou os outros e sem quebrar a ideia do Estado Laico.</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> • O livro Sagrado e/ou as palavras dos portadores tradicionais da Mensagem; • Representação física das divindades; • Entre outros. 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Implementos com significado; ❖ Roupas cerimoniais da ocasião; ❖ Entre outros.
<p>5- Recreativo-festiva</p> <p><i>O exercício do ócio criativo periódico e as condições para poder rir e sorrir.</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> • As regras de comportamento ou de jogo; • O riso e o sorriso; • Entre outros. 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Roupas da ocasião: No São João os homens e as mulheres vão vestidos de matuto. Homens: camisa quadriculada, calça remendada com panos coloridos e chapéu de

Dinâmica comunitária e seu credo	O sagrado, inviolável ou imprescindível na dinâmica	Da parafernália simbólica
		<p>palha. Mulheres: vestido colorido e chapéu de palha.</p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ Disfarces; ❖ Ornamentos; ❖ Os jogos e brinquedos; ❖ Outros instrumentos e equipamentos para jogar? (bola, corda, etc); ❖ Aparelho de som; ❖ Aparelho de TV; ❖ Entre outros.
<p>6- Esportiva</p> <p><i>A oportunidade acessível para cada um exercitar-se, frente aos outros que gostam dos mesmos esportes.</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> • Os regramentos do esporte; • O plano de treinamento; • O uniforme (“a camiseta”, no caso de futebol, voleibol, etc); • As insígnias; • O troféu. A medalha; 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ As insígnias; ❖ Uniformes esportivos e identificações de pertencimento (“a camiseta”); ❖ Roupas apropriadas para o treinamento; ❖ Implementos de proteção pessoal; ❖ Instrumentos de medição: o cronômetro, a fita métrica, etc;

	<ul style="list-style-type: none"> • Entre outros. 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Instrumentos, aparelhos e equipamentos para praticar o esporte específico; ❖ Aparelhos para treinamento; ❖ Material para o registro das competições ou treinamentos; ❖ Entre outros.
<p>7- Artística</p> <p><i>A oportunidade acessível para cada um desfrutar e desenvolver as atividades artísticas que prefere.</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> • A obra de arte; • Os fundamentos de cada corrente artística; • As técnicas artísticas; • Entre outros. 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Roupas apropriadas para o cenário e a elaboração artística específica; ❖ Implementos de proteção; ❖ Instrumentos e equipamentos para praticar uma arte específica; ❖ Entre outros.
<p>8- Intelectual</p> <p><i>O direito das comunidades para refletir sobre a vida e as situações, para receber subsídios apropriados que permitam fazer as discussões internas necessárias, de</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> • O primeiro é a necessidade de uma ética do cuidado, para a natureza, para os demais e para consigo mesmo; • O padrão típico na 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Instrumentos e equipamentos próprios da situação de educação ou pesquisa; ❖ Implementos pedagógicos; ❖ A laptop, o tablet, o celular multitarefa, etc. ❖ Entre outros.

Dinâmica comunitária e seu credo	O sagrado, inviolável ou imprescindível na dinâmica	Da parafernália simbólica
<p><i>subsidiar também o trabalho deles, de dialogar com especialistas da academia e dos centros de pesquisa e construir com eles propostas, de orientar o trabalho deles e ser orientados por eles.</i></p> <p><i>A necessidade de acesso para ampliar oportunidades de aprendizagem ao longo de toda a vida para todos e todas</i></p>	<p>vida profissional (?);</p> <ul style="list-style-type: none"> • A classificação como resultado de cada novo teste de avaliação (?); • A certificação; • O produto intelectual: o livro, o artigo, a nota; • O método ou procedimento (quando pertinente e aplicável); • Entre outros. 	
<p>9- Memorização</p> <p><i>A liberdade e possibilidade de registrar e lembrar os momentos e personagens fundamentais para a comunidade</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> • A imagem do herói ou da situação; • As testemunhas; • Os monumentos; • Entre outros. 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Os vestígios e as evidências; ❖ Roupas alusivas para o momento e a evocação; ❖ Aparatos de registro e comunicação; ❖ As publicações pertinentes; ❖ Entre outros.

Dinâmica comunitária e seu credo	O sagrado, inviolável ou imprescindível na dinâmica	Da parafernália simbólica
<p>10- Ambiental ou eco protetora</p> <p><i>A relação de respeito com a Pachamama</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> • As práticas recomendadas; • Os cerimoniais de relação de respeito pela Pachamama; • Imagens da paisagem ou dos seres ameaçados; • Projeções, tendências da situação visualizadas (relatórios, resultados de pesquisa, etc); • Entre outros. 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Roupas apropriadas; ❖ Implementos de proteção; ❖ Aparatos de registro e comunicação; ❖ Centros de apoio com pessoal especializado; ❖ Entre outros.
<p>11- A dinâmica pela vida saudável e o <i>pamãxepakirã</i></p> <p><i>A saúde não só como luta contra a enfermidade, mas</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> • Entorno apropriado; • Plano de vida saudável; • O abraço (o 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Roupas simples e limpas; ❖ Instrumentos de diagnóstico; ❖ Aparatos de registro e comunicação; ❖ Informação apropriada facilmente acessível para os

Dinâmica comunitária e seu credo	O sagrado, inviolável ou imprescindível na dinâmica	Da parafernália simbólica
<p><i>como viver feliz em um ambiente são</i></p>	<p>carinho);</p> <ul style="list-style-type: none"> • A confiança nos demais; • A comida saudável e suficiente; • Água potável a disposição; • Procedimentos / recomendações saudáveis; • Medicamentos alternativos naturais; • Entre outros. 	<p>membros da comunidade;</p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ Entre outros.
<p>12- A dinâmica para evitar a exclusão, violência e delito</p> <p><i>A possibilidade de viver em harmonia com os demais e a responsabilidade de cada um dos protagonistas comunitários</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> • A Convenção dos Direitos Humanos; • A lei; • Os convênios de harmonização; • O bastão de mando indígena; 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Documentos assinados do conveniado; ❖ Diagnósticos de exclusão e violência; ❖ Informação apropriada facilmente acessível para os setores excluídos; ❖ Centros de atenção com

Dinâmica comunitária e seu credo	O sagrado, inviolável ou imprescindível na dinâmica	Da parafernália simbólica
<i>e das autoridades para garantir isso</i>	<ul style="list-style-type: none"> • A confiança nos demais; • Entre outros. 	<p>personal especializado;</p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ Protocolos para prever e reagir; ❖ Processos e pessoas preparadas para conselhos, mediação, atenção em traumas.

NOTAS DO CAPÍTULO

¹ Tradição milenar, da Mesoamérica.

² Você pode escutar a canção nos links <https://www.youtube.com/watch?v=yp7-nWslZe0> e também em <https://www.youtube.com/watch?v=7qeXPlpTEL8> Acessos em 01 de maio de 2015.

³ Você pode ler e escutar a Internacional Comunista no link: <https://www.youtube.com/watch?v=LOHLCmivnBo>

FONTES QUE CONTRIBUÍRAM PARA A PUBLICAÇÃO

ALVES, C. S.-S.; DWORAK, K. Diversidade religiosa no Brasil contemporâneo: apontamentos introdutórios. In: MARTINS, P. B.; SILVA, S. C. Gomes da. Diversidade Religiosa no Brasil Contemporâneo. Goiânia (GO): Kelps, 2013. p. 9-18.

BAILARÍN, Argemiro. Liderança do Cabildo Cameray, Chocó. Informação pessoal durante o V Encuentro Taller Latinoamericano Cuidado y Defensa del Territorio frente a la complejidad de las mineras em América Latina. Puebla, México, 02 a 07 de Novembro de 2014.

BAKER, Jennifer. First Hologram Protest in History Held Against Spain's Gag Law. Disponível em: <http://revolution-news.com/first-hologram-protest-in-history-held-against-spains-gag-law/> Acesso em 12 de março de 2015.

BAKER, Jennifer. Manifestaciones de hologramas contra la ley mordaza. Disponível em: <http://www.hologramasporlalibertad.org/#home> Acesso em 12 de março de 2015.

BAUMAN, Zigmunt. A vida líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2007

BOFF, Leonardo. O Cuidado Necessário. Rio de Janeiro: Vozes, 2013. p. 27.

CARBONI, Florence; MAESTRI, Mário. A linguagem escravizada: língua, histórica, poder e luta de classes. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012. 152 p.

CAREAGA, A. M. Nadie Sabía lo que todos sabían. Acesso em 28 de setembro de 2014. Disponível em: <http://www.pagina12.com.ar/imprimir/diario/psicologia/9-256044-2014-09-28.html>

COMPOSTO, Claudia; NAVARRO, Mina Lorena. Claves de lectura para comprender el despojo y las luchas por los bienes comunes naturales en América Latina. In: Idem (Orgs.). Territorios en disputa: Despojo capitalista, luchas en defensa de los bienes comunes naturales y alternativas emancipatorias para América Latina". México, D. F.: Bajo Tierra Ediciones, 2014. p. 33-75 Disponível em: http://otrosmundoschiapas.org/docs/territorios_en_disputa_bienes_comunes.pdf Acesso em 30 de abril de 2014.

DE MELLO, Celso Antonio Bandeira. Curso de Direito Administrativo. 14. ed. São Paulo: Malheiros Editores, 2001. p. 599.

JIMENEZ CUANALO, J. (08 de 02 de 2013). Arsologia, una ciencia del arte. Acesso em 10 de Outubro de 2013, disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=eygTribTcv0&feature=youtu.be>

GALEANO, Eduardo. El libro de los abrazos. Editorial Siglo XXI, España. 2006.

JEUNET, JEAN-PIERRE (diretor). Filme Le fabuleux destin d'Amélie Poulain, 2001.

KLINE, Chris. Defender of justice Superbarrio roams Mexico City. World News. Story Page. 1997. Disponível em: <http://edition.cnn.com/WORLD/9707/19/mexico.superhero/> Acesso em: 12 de abril de 2015.

LANG, Carmen María; ULLOA FORERO, Luis Felipe. Actores Nacionales y cooperación Solidaria em Nicaragua: Problemas y propuestas para hacer fructífera la relación y la acción. Ayuda Popular Noruega (APN), Managua (Conjunto de exercícios de reflexão com 47 pessoas de diferentes organizações, na Nicarágua), 2003.

LUCKMANN, T. Teoría de la acción social. Paidós. 1996. p. 14 e 37.

PEREZ-MARIN, Aldrin, et. all. Práticas mecânicas, físicas e biotecnológicas de manejo e recuperação de áreas degradadas em condições semiáridas. Campina Grande-PB: INSA, 2015. 58p.

PEREZ-MARIN, Aldrin; SANTOS, Ana Paula Silva dos (Orgs.). O semiárido brasileiro: riquezas, diversidades e saberes. Campina Grande-PB: INSA/MCTI, 2013. 33p (Coleção Reconhecendo o Semiárido).

RASCÓN, Marco. Veinte años de Superbarrio: La Jornada. México, 19 de junho de 2007. Disponível em: <http://www.jornada.unam.mx/2007/06/19/index.php?section=opinion&article=018a2pol> Acesso em 12 de abril de 2015.

TEIXEIRA, F.; MENEZES, R. Catolicismo Plural: dinâmicas contemporâneas. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009. p. 17-30.

ULLOA FORERO, Luis Felipe; BEZERRA, Hallysson Alves; NASCIMENTO, Victor Maciel do. 6 recomendações para melhorar uma discussão (no bom sentido). 2015. Disponível em: <http://www.insa.gov.br/wp-content/uploads/2015/09/Cartilha-recomenda%C3%A7%C3%B5es.pdf>.

ULLOA FORERO, Luis Felipe; PEREZ-MARIN, Aldrin Martin; RODRIGUES DE MEDEIROS, Geovergue; MEDEIROS DE ARAÚJO SILVA, Marina. Comunicação interpessoal entre pesquisadores: momentos sinérgicos. Instituto nacional do semiárido, Insa, Brasil. 2015. Disponível em: <http://www.insa.gov.br/wp-content/uploads/2015/09/Cartilhacomunica%C3%A7%C3%A3o.pdf>

ULLOA FORERO, Luis Felipe. De la responsabilidad y corresponsabilidad en las intervenciones humanas: sexta plática. In: ULLOA FORERO, L. F. Siete pláticas sobre las organizaciones de desarrollo hoy. Tegucigalpa, Honduras: Editorial Guaymuras, 2010. p. 147-153.

_____. La sostenibilidad vista desde las organizaciones de Desarrollo. Ayuda Popular Noruega en Nicaragua (APN) y SIMAS, Managua, 1999, 96p.

_____ Fundamentos y caminos para hacer capacitación: Una propuesta estratégica a partir de la experiencia del proyecto Tropisec, en el Norte de Nicaragua” IDR Estelí (IDR/Tropisec 2001, Especialmente pag 17-27), e posterior.

_____ Dinámicas Comunitarias y unos parches. Bogotá, Colombia. 2010. <http://pt.scribd.com/doc/35072831/DINAMICAS-COMUNITARIAS-Descripcion-trampas-y-mas>

_____ Siete pláticas sobre as organizações de desarrollo hoy. Tegucigalpa, Honduras: editorial Guaymuras. 2010 (pag. 70-84) . Fonte: http://guaymuras.hn/colecciones/cultura_educacion/libros/siete_platicas.html

_____ Protagonismo: desde adelante, desde atrás, desde todas partes. Fondo Editorial Libros para Niños, Jinotepe, Nicaragua. Las Distintas Dinámicas Comunitarias son espacios para el protagonismo”. 2009. p. 54-56.

_____ As dinâmicas Comunitárias (Síntese No 2). Instituto Nacional do Semiárido, Campina Grande (PB-Brasil). 2013. 26p. link: http://www.insa.gov.br/?page_id=57



MINISTÉRIO DA
CIÊNCIA, TECNOLOGIA,
INOVAÇÕES E COMUNICAÇÕES



Av. Francisco Lopes de Almeida, S/N - Serrotão
CEP: 58429-970 Caixa Postal 10067 - Campina Grande (PB).
www.insa.gov.br

 insa@insa.gov.br

 83.3315.6400

 @insamct

 insamcti